

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS LITERÁRIOS**

MARIA DO CARMO BALBINO GALENO

**Subversivas vozes femininas em Jane Austen: das publicações na Inglaterra regencial à
circulação, tradução e recepção no Brasil**

Belém
2023

MARIA DO CARMO BALBINO GALENO

Subversivas vozes femininas em Jane Austen: das publicações na Inglaterra regencial à circulação, tradução e recepção no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.
Linha de Pesquisa: Literatura: interpretação, circulação e recepção.
Orientadora: Dra. Juliana Maia de Queiroz

Belém
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- G153s Galeno, Maria do Carmo Balbino.
Subversivas vozes femininas em Jane Austen : das publicações
na Inglaterra regencial à circulação, tradução e recepção no Brasil /
Maria do Carmo Balbino Galeno. — 2023.
125 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Juliana Maia de Queiroz
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2023.
1. Séculos XIX e XX. 2. Romance. 3. Circulação. 4.
Brasil. 5. Jane Austen. I. Título.

CDD 820.9

GALENO, Maria do Carmo Balbino. **Subversivas vozes femininas em Jane Austen: das publicações na Inglaterra regencial à circulação, tradução e recepção no Brasil.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a JULIANA MAIA DE QUEIROZ – Orientadora (UFPA)

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares – Examinador Interno (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça – Examinadora Externa (UNIFESSPA)

*Para Antonia Maria e
Cassandra Elizabeth*

AGRADECIMENTOS

À Divindade que tudo rege: Mãe amorosa e Pai bondoso, fonte de vida e ternura, intelecto e vontade.

A meu pai Antonio Galeno e minha mãe Francisca Balbino, luminosos incentivos para as minhas asas e sagradas raízes para meus retornos.

Aos meus irmãos e irmãs, especialmente Antonia Maria, pelo cuidado, apoio, incentivo e proteção de sempre.

À Santa Luzia, protetora dos olhos e da visão, por todas as graças alcançadas.

A Deciete/Si Araújo (in memoriam); relembro que sua sentença preferida: “Tudo na vida passa, ainda bem que passa” é um alerta para que vivamos com graça e leveza, conscientes de que estamos nesse plano de passagem, é o amor que nos move e dá sentido à travessia. Por isso agradeço, amigo, em teu nome, aos meus amigos, amigas e amores pelo prazer das viagens, festas, pizzas, cervejas e diálogos acalorados durante o dia e também madrugada adentro.

À Cristiane Andrade, uma pessoa muito especial que tive a oportunidade de conhecer em um bonito período de minha vida quando, sendo freira, participei da missão das Irmãs Franciscanas de São José em Piripiri/PI, nos idos anos de 2006-2008. Hoje, quase duas décadas depois, podemos reafirmar que nossa amizade tem o sabor inexplicável de cumplicidade; dessa forma vivemos certas de que esse laço é como o Sol, mesmo em dias nublados, sabemos que lá está.

À querida professora e amiga Dr.^a Juliana Maia de Queiroz pelo apoio, paciência, sabedoria e elegância na orientação da presente dissertação.

Aos membros da Banca de Qualificação e Defesa: professora Dr.^a Simone Cristina Mendonça (POSLET/UNIFESSPA), examinadora externa, e professor Dr. Otávio Guimarães Tavares (PPGL/UFPA), examinador interno, pelas valiosas e enriquecedoras contribuições.

Ao querido Clube do Arcaico, projeto de extensão na perspectiva Mulher e Tempo, da UFPB, idealizado pela querida professora e amiga Dr.^a Débora da Rosa, que de forma alegre e descontraída, porém com grande seriedade e compromisso, promove leituras (em inglês e português) e debates on-line de obras clássicas da grande e poderosa literatura inglesa.

À Miss Jane Austen pela maestria em escrever narrativas literárias para o seu tempo e para o nosso tempo, evidenciando a voz, o desejo e a racionalidade da mulher. Por sua pena firme, por sua fina ironia, e por seu riso solto, o meu muito obrigada.

*I shall support her as long as I can, because she is
a Woman.*

Jane Austen, Letter, 1813.

RESUMO

GALENO, Maria do Carmo Balbino. **Subversivas vozes femininas em Jane Austen: das publicações na Inglaterra regencial à circulação, tradução e recepção no Brasil**. 2023. 125 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, 2023.

A escrita literária de Jane Austen tem sido, ao longo de dois séculos, consideravelmente revisitada e interpretada sob várias perspectivas. Meu interesse nessa pesquisa é evidenciar as vozes femininas subversivas em seus romances, em convergência com a *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), de Mary Wollstonecraft, bem como investigar os primeiros registros da presença austeniana no Brasil, através dos anúncios de vendas de suas obras nos periódicos, a partir do século XIX. Partindo do estudo de Vasconcelos (2016), sobre a tradução de *Persuasão*, via França e Portugal, que mostra o intermédio do comércio livreiro nesse intercâmbio e aponta as primeiras referências à obra no Rio de Janeiro, exponho através de rastreios na Hemeroteca Digital que, anos antes, o romance foi anunciado à venda em um periódico de Pernambuco; dessa forma, o presente estudo amplia os conhecimentos acerca da circulação da obra no país. Procuo evidenciar, outrossim, as primeiras resenhas sobre Jane Austen nas páginas literárias dos periódicos brasileiros oitocentistas que apresentavam a escritora como um dos pilares do gênero romance, além de uma voz defensora do desejo e da racionalidade da mulher. Ainda nas trilhas da Hemeroteca, procuro rastrear e demonstrar como se deu a primeira tradução brasileira de *Orgulho e preconceito*, em meados do século XX. Para concluir, analiso, nos dois romances, a força das vozes femininas que rompem com “O Anjo do Lar” e identificam-se com “Judith Shakespeare”, representações femininas debatidas por Virginia Woolf. Sustento, portanto, que é na subversão das personagens femininas que reside uma das razões da obra austeniana permanecer em contínua vitalidade, tanto acadêmica quanto popular. Para seguir este percurso com segurança, diálogos com os estudos de Sandra Vasconcelos, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Gerda Lerner, Silvia Federici, Janet Todd, Ian Watt, Margaret Kirkham, Terry Eagleton, Paulo Henriques Britto, dentre outros teóricos e críticos, foram essenciais.

Palavras-chave: Séculos XIX e XX; Romance; Circulação; Brasil; Jane Austen.

ABSTRACT

GALENO, Maria do Carmo Balbino. **Subversive female voices in Jane Austen: from publications in regency England to circulation, translation and reception in Brazil.** 2023. 125 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, 2023.

Jane Austen's literary writing has been, over two centuries, considerably revisited and interpreted from various perspectives. My interest in this research is to highlight the subversive female voices in her novels, in convergence with Mary Wollstonecraft's *A Vindications of the Rights of Woman* (1792); as well as investigating the first records of the austenian presence in Brazil, through advertisements for the sale of his works in newspapers, from the 19th century onwards. Based on the study by Vasconcelos (2016), on the translation of *Persuasion* via France and Portugal, which shows the medium of book trade in this exchange and points out the first references to the work in Rio de Janeiro, I expose through traces in the Hemeroteca Digital, which, years before, the novel was advertised for sale in a Pernambuco newspaper; thus, the present study expands knowledge about the circulation of the work in the country. I also try to highlight the first reviews of Jane Austen in the literary pages of brazilian newspapers in the 19th century, which presented the writer as one of the pillars of the romance genre, as well as a voice that defended women's desire and rationality. Still on the trails of the Hemeroteca, I track and demonstrate how the first brazilian translation of *Pride and prejudice* took place in the mid-twentieth century. To conclude, I analyze, in both novels, the strength of female voices that break with "The Angel in the House" and identify with "Judith Shakespeare", female representations debated by Virginia Woolf. I argue, therefore, that it is in the subversion of female characters that lies one of the reasons why Austenian work remains in continuous vitality, both academic and popular. To follow this path safely, dialogues with the studies of Sandra Vasconcelos, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Gerda Lerner, Silvia Federici, Janet Todd, Ian Watt, Margaret Kirkham, Terry Eagleton, Paulo Henriques Britto, among other theorists and critics, were essential.

Keywords: 19th and 20th centuries; Novel; Circulation; Brazil; Jane Austen.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 -	Cédula de 10 Libras lançada pelo Banco da Inglaterra em 2017	18
Imagem 2 -	Jane Austen by Cassandra Elizabeth Austen (1810)	19
Imagem 3 -	Volume único das edições do periódico <i>The Loiterer</i> – Dublin, 1792	24
Imagem 4 -	Folha de rosto do 1º volume da primeira edição de <i>Razão e sensibilidade</i> – Londres, 1811	27
Imagens 5 e 6 -	1ª edição de <i>Orgulho e preconceito</i> em 3 volumes e folha de rosto do Vol. 1 – Londres, 1813.....	33
Imagem 7 -	Folha de rosto da primeira edição de <i>Mansfield Park</i> – Londres, 1814	34
Imagem 8 -	Folha de rosto do Vol. 1 da primeira edição de <i>Emma</i> – Londres, 1816 ...	39
Imagem 9 -	Lápide do túmulo de Jane Austen – Catedral de Winchester/Hampshire ..	45
Imagem 10 -	Folha de rosto da primeira edição de <i>A abadia de Northanger</i> e <i>Persuasão</i> – Londres, 1818	47
Imagens 11 e 12 -	Folhas de rosto dos tomos I e II de <i>La famille Elliot ou l’ancienne</i> <i>inclination</i> – Paris, 1828	56
Imagem 13 -	Folha de rosto do tomo I de <i>A família Elliot, ou a inclinação antiga</i> – Lisboa, 1847	58
Imagem 14 -	Primeiro anúncio de <i>A família Elliot, ou a inclinação antiga</i> – Recife/PE, 1848	59
Imagem 15 -	Segundo anúncio de <i>A família Elliot, ou a inclinação antiga</i> – Recife/PE, 1851	60
Imagem 16 -	Primeiro anúncio de <i>A família Elliot, ou a inclinação antiga</i> – Rio de Janeiro/RJ, 1851	61
Imagem 17 -	Primeira menção a Miss Austen e anúncio de <i>Emma</i> , em inglês – Rio de Janeiro/RJ, 1843	64
Imagem 18 -	Segunda menção a Miss Austen e anúncio de <i>Persuasion</i> , em francês – Recife/PE, 1888	65
Imagem 19 -	Referência à Austen entre grandes romancistas, por Araripe Junior	66
Imagem 20 -	Jane Austen entre as leituras prediletas da rainha Victoria	67
Imagem 21 -	Austen não teve “um teto todo seu” para sua produção literária	68
Imagem 22 -	Collaboração Feminismo – Illustres Redactores	69
Imagem 23 -	Breve biografia de Jane Austen no <i>Jornal do Recife</i>	71

Imagem 24 -	Pedido para tradução de autoras inglesas	72
Imagem 25 -	Informações sobre a tradução de <i>Orgulho & preconceito</i>	73
Imagem 26 -	Anúncio de venda de <i>Orgulho e preconceito</i>	74
Imagem 27 -	Resenha e folha de rosto da 1ª ed. brasileira de <i>Orgulho & Preconceito</i> ..	76
Imagem 28 -	Primeiro anúncio do filme “ORGULHO” no cinema brasileiro	78
Imagem 29 -	Anúncio do filme “Orgulho” entre os melhores do ano	79
Imagem 30 -	Anúncio do filme “ORGULHO”, no Rio Grande do Norte	79
Imagem 31 -	Anúncio da reapresentação do filme “Orgulho”	80
Imagem 32 -	Cartaz da reapresentação do filme “Orgulho”	80
Imagem 33 -	Anúncio da apresentação do filme “Orgulho” em Belém/PA	81
Imagem 34 -	Sua vida cedo se extinguiu, por Mirka de la Cerda	83
Imagem 35 -	Biblioteca Circulante	90
Imagens 36 e 37 -	Casa paroquial da família Austen e igreja anglicana - Steventon/Hampshire	96
Imagem 38 -	Jane Austen’s House Museum – Chawton/Hampshire	107

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 -	Jornais, locais e datas em que houve anúncios de venda de <i>A família Elliot, ou a inclinação antiga</i>	62
Quadro 2 -	Primeira tradução e publicação dos seis romances de Jane Austen no Brasil	77
Quadro 3 -	Lugar, jornal e ano da exibição de “Orgulho” nos cinemas brasileiros	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE JANE AUSTEN	18
1.1 Em uma sociedade patriarcal, uma menina instruída	19
1.2 Uma dama de letras na Inglaterra regencial: publicações e recepção	25
CAPÍTULO 2 - DE PARIS A RECIFE: CAMINHOS DA TRADUÇÃO DE PERSUASION E CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA	54
2.1 Jane Austen no Brasil: das resenhas nos periódicos à primeira tradução e recepção de <i>Orgulho e preconceito</i>	64
CAPÍTULO 3 - JANE AUSTEN: ANJO DO LAR OU JUDITH SHAKESPEARE?	85
3.1 <i>Orgulho & preconceito X Reivindicação dos Direitos da Mulher: convergências</i>	96
3.2 <i>Persuasion X A família Elliot, ou a inclinação antiga X Persuasão: observando as traduções</i>	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

Jane Austen, escritora inglesa, aclamada pelo público e pela crítica, está nas origens do gênero romance na Inglaterra e ajuda a consolidá-lo. Em sua escrita literária a romancista dá voz a protagonistas femininas que subvertem sutilmente a lógica daquela sociedade patriarcal. Observando o momento histórico, Austen viveu no período iluminista, no qual a razão devia guiar o ser humano, contudo, as mulheres foram deixadas de lado, por serem consideradas inferiores. Dessa forma, naquele momento inicia-se a luta reivindicatória pelos direitos das mulheres, sobretudo à educação.

Ao ler os romances de Jane Austen sob essa perspectiva, percebe-se que a autora estava atenta, pois suas protagonistas são mulheres racionais e plenas de desejos, assim como os homens. De acordo com Ian Watt (2010), os escritores criadores da nova forma literária tinham consciência de que estavam rompendo com a tradição: “Richardson e Fielding se consideravam criadores de uma nova forma literária e viam em sua obra uma ruptura com a ficção antiga” (Watt, 2010, p. 10). Segundo Watt, mesmo sem saber exatamente em que consistiam essas mudanças (o termo romance só iria se consolidar no final do século XVIII), os romancistas estavam rompendo com a forma tradicional grega e latina ao criarem uma forma nova de ficção. Austen encontra-se exatamente nesse espaço – Inglaterra –, e nesse tempo – final do século XVIII e início do século XIX –, o que permitiu com que a escritora participasse da construção dessa novidade que foi responsável por inserir o ser humano, com suas complexidades e particularidades, no cerne da escrita literária.

Por sua mente criativa, Jane Austen será comparada aos escritores/criadores da literatura do passado. De acordo com Sandra Vasconcelos: “Whately alinha a autora a grandes escritores como Homero e Shakespeare e, [...] louva nela exatamente a capacidade imaginativa e a representação da vida comum das camadas médias, que ele julgava uma inovação literária” (Vasconcelos, 2016, pp. 138-139). Era o ano de 1821 e não devia ser pouca coisa, naquela período, uma mulher ser nivelada, por um resenhista inglês experiente como Richard Waterly, a dois pilares da literatura ocidental. Esse fato foi decisivo para que Austen fosse apreciada por sua inovação na literatura que consiste em criar heroínas e heróis sensatos, mas também falhos, como certa vez a autora escreveu à sua sobrinha: “retratos de perfeição, como você sabe, me deixam doente e perversa” (Austen, 2014a, p. 350)¹.

¹ Tradução minha. Original: “pictures of perfection as you know make me sick & wicked.”

As personagens austenianas evoluem e se formam através de experiências vividas; elas têm características humanas, diferentes dos perfeitos heróis, deuses e semideuses mitológicos das antigas epopeias. A professora carioca Luiza Lobo analisa a escrita da romancista e afirma: “Como Machado de Assis e Proust, Jane Austen trabalha corrosivamente sobre os valores da sociedade que focaliza, como numa verdadeira arte em miniatura” (Lobo, 2019, p. 8).

Ao escrever sobre famílias do interior da Inglaterra georgiana e regencial, sociedade da qual ela fazia parte e conhecia bem, Austen investiga a alma humana, suas dores, desejos e alegrias, o que a torna uma autora não apenas romântica e nem somente clássica, ela é tudo isso, mas está além dessas classificações. De acordo com Anthony Burgess, Jane Austen: “está acima dos movimentos clássico e romântico; em um certo sentido preenche a lacuna entre os séculos XVIII e XIX, mas não pode ser enquadrada em nenhum grupo – ela é única” (Burgess, 2005, p. 209); com seis romances completos, ela pinta um retrato de quem conhecia bem, a *gentry society* – pequena aristocracia rural – e as relações desta com a burguesia que estava se formando. Segundo sua biógrafa Catherine Reef: “Para a escritora atenta, todos os bailes e reuniões eram verdadeiras lições sobre o caráter humano” (Reef, 2014, p. 87), e os caracteres que ela traz à baila, com seus muitos personagens, dão um panorama tanto das aparências sociais quanto da complexidade interior e dos desejos de suas protagonistas mulheres. É com essa lente que este estudo pretende avançar.

Para isso, trago ao debate os estudos de escritoras, teóricas e críticas que auxiliam a adentrar na escrita de Austen, observando não tanto a questão do casamento em si, que salta aos olhos do leitor em qualquer um dos romances – suas protagonistas sempre se casam –, mas indo além, este estudo pretende evidenciar a agudeza e a sutileza com as quais Austen trabalha denunciando entre gritos e sussurros, a todo momento, o quanto a mulher de sua classe social é empurrada para esta instituição que é, na verdade, a garantia de sua sobrevivência. Nas palavras de Simone de Beauvoir (1908-1986): “o casamento é seu ganha-pão e a única justificativa social de sua existência” (Beauvoir, 2009, p. 549). Virginia Woolf (1882–1941) em *Três Guinéus*, discorre a respeito do poder político, eclesiástico e acadêmico que sempre pertenceu aos homens e denuncia que era: “o casamento, a única profissão importante acessível à nossa classe desde o começo dos tempos até o ano 1919” (Woolf, 2019a, p. 12).

As mulheres aristocratas e burguesas recebiam, quando meninas, uma educação que as preparava exclusivamente para o casamento. Era uma educação que consistia basicamente no cultivo da passividade e domesticidade, e as atividades desenvolvidas eram voltadas a trabalhos manuais, tais como bordar, desenhar, pintar, tricotar e tocar piano; aprendiam também a ler e escrever, porém, essa educação não era formal como a que os meninos recebiam nas escolas

regulares e faculdades. Dessa forma, os rapazes chegavam à maturidade com maior conhecimento de mundo e maior desenvolvimento intelectual do que as moças. É o que informa e questiona o filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873) em *A sujeição das mulheres* (1869): “Se nenhuma mulher até agora foi uma grande historiadora, qual foi a mulher que teve erudição necessária para ser?” (Mill, 2017, p. 319). Stuart Mill afirma que a desigualdade na educação entre meninos e meninas foi a responsável pela infantilização das moças, a fim de deixá-las em permanente estado de inferioridade.

Décadas antes essa denúncia também foi feita por Mary Wollstonecraft² (1759-1797), em *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), em que escreveu: “os homens acentuaram essa inferioridade, levando as mulheres a um patamar quase abaixo das criaturas racionais” (Wollstonecraft, 2016, p. 57). Jane Austen sutilmente denuncia o trancafiamento das meninas e moças na casa de seus pais de onde elas saem, através do casamento, para serem confinadas na casa de seus maridos; dessa forma observa-se em seus escritos uma certa convergência com Mary Wollstonecraft que exigia que às mulheres: “deve ser permitido voltar-se para a fonte da luz, e não serem forçadas a guiar o próprio curso pelo cintilar de um mero satélite” (Wollstonecraft, 2016, p. 40). Wollstonecraft compara a educação à luz pela qual a mulher tem o direito de ser guiada.

Para melhor exposição do tema abordado, a dissertação está dividida em três capítulos. O Capítulo 1 consiste em apresentar a trajetória literária de Jane Austen no contexto histórico, familiar e geográfico, os auxílios que teve de seu irmão Henry na publicação de suas obras, a recepção por parte de seus contemporâneos e as reações da autora – seus anseios, alegrias e frustrações. Essa análise é feita a partir de fontes primárias e bibliográficas sobre a primeira publicação de cada um de seus seis romances escritos e publicados na Inglaterra georgiana/regencial.

A jovem Jane Austen termina de escrever *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito* no final do século XVIII e seu pai leva esses manuscritos a um editor para serem publicados, porém a publicação só acontecerá mais de uma década depois, após revisões da própria autora, porque a primeira versão foi engavetada pelos sensores e editores. Uma das hipóteses que levanto neste estudo é que essa rejeição se deu porque as obras têm lucidez e ironia³ incompatíveis com as regras e convenções sociais da época. De acordo com a pesquisadora

² Escritora e filósofa britânica, casada com William Godwin e mãe de Mary Wollstonecraft Godwin, futura Mary Shelley, escritora de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818).

³ De acordo com o dicionário Houaiss: “Ironia, s.f. 1. zombaria, escárnio, sarcasmo [...]; 2. modo de expressão da língua em que há um contraste proposital entre o que se diz e o que se pensa” (Houaiss, 2004, p. 430).

Joyce Marjorie Saxter Tompkins (1961), as obras, antes de serem publicadas, passavam pelos sensores, e um deles, em 1772, declarou que: “Nós não podemos simpatizar com o que é extravagante e fora da ordem da natureza” (Tompkins, 1961, p. 19)⁴. Jane Austen demorou a publicar e, segundo Paula Byrne: “Ela lidou com a rejeição de sucessivos editores não desistindo, mas indo em frente: reescrevendo material antigo e recomeçando do zero com algo novo” (Byrne, 2018, p. 364).

É possível então perguntar: as heroínas de Austen estariam fora da “ordem natural” para serem motivos de espera por mais de uma década entre a escrita e a primeira publicação? O que seria a “ordem natural”, ao nos referirmos à educação de duzentos anos atrás, senão a construção sociopatriarcal do homem ativo e racional, e da mulher – mesmo com algumas exceções – submissa e infantilizada? Wollstonecraft denunciou o que era esperado da mulher: “A primeira e mais importante qualificação em uma mulher é uma boa natureza ou suavidade de caráter” (Wollstonecraft, 2016, p. 113). Suavidade de caráter que se traduz em passividade, característica distante das protagonistas austenianas.

Alguns questionamentos norteiam este capítulo: Quem foi Jane Austen e qual sua contribuição para o gênero romance? Sendo uma mulher branca pertencente à nobreza rural de seu país, filha e irmã de homens religiosos e instruídos naquela sociedade na qual as lutas pelos direitos da mulher ainda estavam nos primórdios do que futuramente seria chamado de feminismo⁵, faz-se importante levantar alguns questionamentos. Há alguma convergência entre a literatura de Jane Austen e os escritos reivindicatórios de sua conterrânea e contemporânea Mary Wollstonecraft, cujos ensaios são estreitamente ligados aos que Michelle Perrot (2019) denominou de “textos fundadores” do movimento feminista? Observando essa relação é possível ouvir, na literatura de Austen, vozes de reivindicação da mulher como ser racional e ser de desejo?

A fim de trilhar esse percurso com segurança, biógrafas como Paula Byrne, Claire Tomalin e Catherine Reef são fundamentais; ensaios filosóficos de autores como Mary Wollstonecraft e John Stuart Mill, que tratam da emancipação feminina naquele período,

⁴ Tradução minha. Original: “We cannot sympathise with what is stravagant, and out of the order of nature.”

⁵ Michelle Perrot (2019) comenta que os primórdios do vocábulo ‘feminismo’ são incertos; atribui-se “a Pierre Leroux, inventor do ‘socialismo’ [...]”. Em 1880, Humbertine Auclert, sufragista francesa, declara-se orgulhosamente ‘feminista’” (Perrot, 2019, p. 154). Elsa Dorlin (2021) entende feminismo como “a tradição de pensamento e, por extensão, os movimentos históricos que, pelo menos desde o século XVII colocaram, segundo lógicas demonstrativas diversas, a questão da igualdade dos homens e das mulheres, rastreando os preconceitos relativos à inferioridade das mulheres ou denunciando a iniquidade de sua condição” (Dorlin, 2021, p. 7). Etimologicamente, feminismo vem do latim *femīna*, que significa fêmea, mulher + o sufixo *ismo*; designando, portanto, um movimento de luta pela participação da mulher nos espaços de poder de forma igualitária com o homem. Fonte disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo/> Acesso em: 16/01/2023.

também foram consultados a fim de situar a autora em seu contexto reivindicatório. Críticos literários do romance inglês como Ian Watt, Virginia Woolf, Terry Eagleton, Franco Moretti, Janet Todd, Genilda Azerêdo e Sandra Vasconcelos, dentre outros, são importantes para a compreensão de Austen e do gênero romance nesse recorte, pois apontam os posicionamentos de personagens femininas que, ao longo de sua obra, subvertem a lógica patriarcal naquele contexto.

No Capítulo 2, tendo ciência da relevância literária austeniana na atualidade, meu interesse foi investigar os primeiros passos e as primeiras impressões da autora inglesa no Brasil e responder as seguintes indagações: Quando, onde e como se deu a primeira circulação de Jane Austen no Brasil? Como Jane Austen foi anunciada pelos intelectuais brasileiros nos periódicos do país a partir do final do século XIX a meados do século XX? Qual foi o primeiro romance austeniano traduzido para o português brasileiro e como foi sua recepção?

Partindo do estudo de Sandra Vasconcelos *Circuitos e Travessias: o caso de A família Elliot* (2016), no qual a pesquisadora brasileira demonstra que, entre os muitos e variados livros de autores europeus que aqui chegavam, através do comércio livreiro entre Inglaterra, França e Portugal, foi possível rastrear apenas um – *Persuasão* – cujo título diferente e autoria anônima, ela descobriu ser de Jane Austen e que essa foi a primeira e única obra austeniana traduzida que circulou no Brasil do Oitocentos. Vasconcelos afirma que essa primeira circulação se deu no Rio de Janeiro em 1854; entretanto, pesquisando e aprofundando as buscas na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional Digital (BND), pude ampliar o conhecimento sobre novos lugares e datas acerca da circulação dessa obra no Brasil do século XIX. Demonstro que foi possível ainda rastrear e detectar anúncios de vendas da mesma obra em francês e também de outra obra austeniana que aqui circulou, anos antes, ainda na língua original.

As primeiras traduções de Jane Austen e de muitos outros autores daquele período, de acordo com Sandra Vasconcelos (2016), tratavam-se de “traduções livres”⁶ e uma delas chegou ao Brasil, a um público leitor que valorizava os romances românticos, sentimentais, góticos, melodramáticos e de aventuras do herói. Conhecendo o gosto do público leitor e o estilo da autora compreende-se a “tradução livre” de *Persuasion* empreendida pela tradutora francesa e pelo tradutor português, que mudaram o título para: *A família Elliot, ou a inclinação antiga*. Para os tradutores a mudança se deu porque o enredo da retomada do antigo amor dos protagonistas era mais relevante do que o fato de a personagem principal ter sido persuadida a romper o compromisso, oito anos antes, com seu noivo.

⁶ Vasconcelos (2016) utiliza o termo “tradução livre” seguindo a tradutora francesa. Por esse motivo também utilizarei a expressão, entre aspas, sabendo que se trata de traduções indiretas a partir do inglês e do francês.

Além da tradução portuguesa europeia de *Persuasão* que aqui circulou no Oitocentos, de maneira anônima, nesse capítulo também investigo como se deu a primeira tradução ao português brasileiro de *Orgulho e preconceito*, e como se deu a recepção da obra pelo público leitor no mesmo ano em que foi adaptada para o cinema hollywoodiano. A partir do sucesso deste romance entre os leitores e críticos, os demais romances logo passaram pelo mesmo processo de tradução, concretizada por escritores brasileiros em meados do século XX. Investigo ainda, nos periódicos da Hemeroteca Digital do final do século XIX e início do século XX, resenhas de intelectuais brasileiros que evidenciaram a relevância da romancista inglesa na literatura ocidental; dentre essas resenhas, há uma em que Jane Austen e seus romances são aclamados por uma escritora brasileira feminista, já no início do século XX.

O Capítulo 3 está dividido em dois subtópicos nos quais analiso os romances – *Persuasão* e *Orgulho & preconceito* – que primeiro circularam no Brasil traduzidos ao português. Nessa análise aponto o não conformismo das protagonistas austenianas com *The Angel in the House* (O Anjo do Lar), porque Austen, de certa forma, identificou-se com “Judith Shakespeare”, termos refletidos, um século depois, por Virginia Woolf e que se fazem importantes na análise da escrita literária de Austen em sintonia com Wollstonecraft, que questiona: “Por que se diz às meninas que elas parecem anjos ou que uma gentil e inocente fêmea é o objeto que mais se aproxima da ideia que formamos de anjos do que de qualquer outro, senão para rebaixá-las como mulheres?” (Wollstonecraft, 2016, p. 126).

Jane Austen parece não se contentar com a aparência angelical feminina e, nos seus quase trinta anos de atividade literária, cria heroínas não tão dóceis, mas rebeldes e fortes, em um período no qual era esperado que a mulher fosse “fraca e passiva, porque tem menos força física que o homem; e assim infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele” (Wollstonecraft, 2016, p. 107). De acordo com Vasconcelos, a obra de Jane Austen é: “a resposta de uma mulher dependente à opressão econômica e ao patriarcado” (Vasconcelos, 2014, p. 148). A esse respeito Catherine Reef afirma que:

ela não tinha recursos, viajava apenas se algum parente masculino a acompanhasse. Certa vez foi a Godmersham planejando ficar duas semanas, mas a carona de volta para casa não deu certo, e ninguém mais estava indo em direção a Southampton [...], a família decidiu que ela deveria ficar mais dois meses até Henry passar por lá [...]. Jane implorou a Edward, mas este se recusou a mudar de planos [...]. Então Jane mentiu e disse que precisava voltar por razões particulares. Edward ficou sem escolhas. Ele levou a irmã de volta a Southampton, mas fez questão de dizer que ele era um homem importante e Jane estava fazendo-o perder tempo. “Até eu ter independência financeira para viajar, tenho de me submeter a isso”, lamentou Jane (Reef, 2014, pp. 111-112).

Ao que parece, mesmo sem poder financeiro, se comparada aos irmãos, Jane Austen sabia persuadi-los quando queria algo, o que obviamente não é a mesma coisa que desejar viajar e ter o próprio dinheiro para tal empreendimento; dessa forma, Austen lamenta a falta de independência, e sua literatura, de acordo com especialistas, reflete essa submissão feminina.

Os romances de Jane Austen com suas icônicas protagonistas, concentram-se na vida doméstica e se contentam com as histórias de famílias de sua classe social. É nesse universo que Austen explora as minúcias do humano, utilizando a técnica narrativa do discurso indireto livre, alinhado com a ironia e o sarcasmo para denunciar a opressão feminina. Desse modo fica evidente em sua literatura a tênue sintonia com a luta pelos direitos das mulheres, empreendida na Inglaterra de maneira seminal por Wollstonecraft. De acordo com o crítico Tom Keymer: “Sem a polêmica direta de Wollstonecraft, e de um modo sempre suavizado pelos imperativos da comédia, Austen usou sua ficção para expor e explorar, entre muitas outras questões wollstonecraftianas, a sociedade em que sua protagonista habita” (Keymer, 2020, p. 9)⁷.

Esse estilo próprio de escrever, ao mesmo tempo que ganhou elogios de alguns, foi rejeitado por outros. De acordo com Reef: “Sir Walter Scott, autor de romances de ação e aventura, resenhou *Emma* [...], mas [...] para o romancista de uma geração posterior, Anthony Trollope, *Emma* era ‘muito entediante’” (Reef, 2014, pp. 179-180). A biógrafa Paula Byrne afirma que Jane Austen era: “uma genial escritora da Regência, confiante em seu olhar e firme ao empunhar a caneta de romancista” (Byrne, 2018, p. 364). Porém, é possível especular que por morrer cedo demais, Austen não acompanhou as mudanças do tempo, fato que contribuiu para que fosse abafada pelos escritores das décadas seguintes. De todo modo, ela seria redescoberta com a publicação de *Uma memória de Jane Austen* (1869), sua primeira biografia.

Essa dissertação, portanto, expõe a trajetória literária de Jane Austen, na qual observo a recepção crítica das primeiras publicações e as reações da escritora. Ciente do sucesso de público leitor e crítico na atualidade, rastreio a primeira circulação no Brasil do século XIX, de um romance austeniano traduzido em Portugal, bem como a primeira tradução brasileira e recepção de outro romance, em meados do século XX. E por fim, mostro como o romper com certas estruturas patriarcais de seu tempo foi fundamental para que seu gênio literário tivesse a oportunidade de se desenvolver e trazer à luz as vozes, os desejos e a racionalidade da mulher.

⁷ Tradução minha. Original: “Without Wollstonecraft’s polemical directness, and in a mode always softened by the imperatives of comedy, Austen used her fiction to exhibit and explore, among much else, Wollstonecraftian questions about the society her protagonists inhabit.”

CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE JANE AUSTEN

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção.

Roger Chartier, A ordem dos livros, 2017.

Jane Austen é uma escritora inglesa que no ano de 2017, por ocasião dos duzentos anos de sua morte (1817), foi homenageada com uma silhueta na moeda de duas libras e sua face estampada na nota de dez libras, desbancando Charles Darwin desse posto. Ao lado de sua imagem há o desenho de uma jovem escrevendo e abaixo a seguinte frase dita por Caroline Bingley em *Orgulho e preconceito*: “Eu declaro que, no fim das contas, não existe maior prazer que a leitura!” (Austen, 2014b, p. 54)⁸. Esse é um exemplo que extrapola o campo literário e se faz presente na economia da sociedade inglesa atual evidenciando a permanência da escritora.

Imagem 1 – Cédula de 10 Libras lançada pelo Banco da Inglaterra em 2017



Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/nova-nota-de-10-libras-com-rosto-de-jane-austen-e-apresentada-na-inglaterra.ghtml>

É consenso que Jane Austen, na atualidade, é um fenômeno literário. Contudo, há que salientar que houve percalços responsáveis pela demora de mais de uma década entre a escrita

⁸ Tradução minha. Original: “I declare after all there is no enjoyment like reading!”

e as primeiras publicações de suas obras. Neste capítulo abordarei, em dois tópicos, como se deu sua educação, a escrita de seus romances, as primeiras publicações e a recepção dessa escritora que, em uma sociedade na qual o dever da mulher era se casar, ter filhos, cuidar deles e do marido, ela não se casa e se torna uma escritora publicada.

1.1 Em uma sociedade patriarcal, uma menina instruída

Jane Austen nasceu em Steventon, no condado de Hampshire, sul da Inglaterra, no dia 16 de dezembro de 1775. Dentre os oito filhos de George Austen e Cassandra Leigh, Jane Austen foi a sétima criança a nascer e a segunda menina do casal. A única representação autêntica que se tem dela é um desenho inacabado, que se pode verificar logo abaixo, feito por sua irmã e melhor amiga Cassandra.

Imagem 2 – Jane Austen by Cassandra Elizabeth Austen (1810)



National Portrait Gallery, London
 Fonte: <https://www.bl.uk/people/jane-austen>

Aos sete anos de idade Jane Austen recusou-se a separar-se de sua irmã Cassandra Austen, e foi com ela e a prima, Jane Cooper, para a Abbey School, aos cuidados da Sra. Cawley em Oxford – Southampton, era o ano de 1783. Elas são enviadas para essa escola de meninas porque sua casa é uma escola para meninos e seu pai é o tutor deles. De acordo com Reef: “Os pais que matriculavam as filhas numa escola desejavam que as garotas voltassem ‘refinadas’. Os meninos estudavam línguas clássicas, história, matemática e ciências” (Reef, 2014, p. 40). Na Abbey School elas adoecem e dentre os sintomas está uma febre altíssima (tifo ou difteria, provavelmente). Depois desse episódio, o reverendo George Austen educa suas filhas em casa e as deixa livres para lerem todos os livros de sua biblioteca e a conviverem com os garotos,

seus alunos, o que faz as meninas crescerem com grande liberdade de leitura e escrita, aspecto relevante para uma época na qual se julgava que somente a leitura da Bíblia e de sermões religiosos eram aconselháveis às moças de família.

Em 1785, as meninas Austen frequentam uma escola melhor, dessa vez com a professora Madame La Tournelle, porém, mesmo sendo melhor que a primeira, as meninas não se adaptam e voltam para casa. De acordo com Reef: “Jane Austen podia ler livremente em sua casa, [...]”. Estar em casa significava estar disponível para participar das peças que os garotos montavam” (Reef, 2014, p. 43). Dessa forma, Jane e Cassandra Austen escapam da escola de meninas, responsável por dar a elas uma educação refinada, cujo objetivo era desenvolver habilidades para o casamento; livres desse lugar, as meninas são instruídas pelos livros e orientação direta do pai, que é tutor de meninos, deixando-as livres para exercerem sua criatividade e gênio.

Mesmo com essa liberdade, Jane Austen via seus irmãos indo estudar em boas escolas e faculdades na capital, formando-se e tornando-se independentes financeiramente, enquanto ela e sua irmã permaneciam em casa e tinham consciência que só sairiam através do casamento. Stuart Mill ao discorrer sobre o peso da sujeição feminina afirma que:

Em primeiro lugar, um grande número de mulheres não o aceita. Desde que se concedeu às mulheres que expressassem seus sentimentos em seus escritos (único modo de publicidade que a sociedade lhes permite), um crescente número delas tem registrado protestos contra sua atual condição social [...]. A reivindicação das mulheres por uma educação tão sólida, e nos mesmos ramos do conhecimento, quanto a dos homens é feita com intensidade crescente, e com grande perspectiva de sucesso; enquanto o pleito por sua admissão em profissões e ocupações até agora fechadas para elas torna-se a cada ano mais urgente (Mill, 2017, pp. 241-242).

John Stuart Mill publicou *A sujeição das mulheres* em 1869. Mais de meio século já havia se passado desde que Jane Austen teve publicados seus seis romances, e as leis patriarcais na Inglaterra ainda eram as mesmas, mas a luta iniciada por Wollstonecraft avançava. É nesse clima de reivindicação a florada que o filósofo escreve evidenciando esse empreendimento feminino em meio à constante falta de liberdade e seus biógrafos afirmam que sua companheira, Harriet Taylor Mill (1807-1858), teve grande importância nessas reflexões.

A luta empreendida pelas mulheres por conquistas de direitos não é fácil; ao longo dos séculos e milênios a mulher foi subjugada como o sexo inferior. Virginia Woolf, praticamente um século após Jane Austen, ainda sentiu necessidade de denunciar a falta de oportunidades para as mulheres em todas as esferas de poder, seja ela política, eclesiástica ou acadêmica. Em *Um teto para todos* (1929), Woolf denuncia o sistema patriarcal e desigual que se reproduz na educação porque, enquanto as doações para as instituições masculinas são enormes, permitindo

aos homens educação de qualidade, uma profissão e independência financeira, às mulheres não era oferecido o mínimo para a sua formação. O poder financeiro da Inglaterra era dos homens, e Woolf questiona:

O que nossas mães ficaram fazendo que não tiveram riqueza nenhuma para nos deixar? Retocando a maquiagem? Olhando vitrines? [...] (ela teve treze filhos com um ministro da Igreja) [...], se ela tivesse montado um negócio próprio; se tivesse se tornado uma fabricante de seda artificial ou uma magnata na bolsa de valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, nós poderíamos estar sentadas à vontade nesta noite, e o assunto da nossa conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia (Woolf, 2014, p. 35).

Quando Virginia Woolf escreve e questiona ironicamente o que as antepassadas das mulheres estavam fazendo, ela está refletindo sobre a desigualdade na educação entre meninos e meninas, fato que vem de tempos anteriores e ainda atinge as mulheres na sociedade na qual ela vive, quase um século depois de Jane Austen. Olhando para a realidade atual, podemos nos perguntar: será que a mulher que tem filhos possui as mesmas chances, incentivo e tempo disponível para estudos no mundo acadêmico com a mesma qualidade que o homem que se torna pai? Ou será que ainda é melhor para uma mulher não ter filhos a fim de ter tempo disponível na academia? São questões desiguais ainda latentes e por isso incômodas, porque ainda pesam quase exclusivamente sobre as mulheres.

De acordo com Stuart Mill: “desde o mais remoto crepúsculo da sociedade humana, toda mulher (devido ao valor a ela atribuído pelo homem, combinado com sua inferioridade em força física) viu-se num estado de servidão a algum homem” (Mill, 2017, p. 230). Mill escreve na Era Vitoriana, que sucedeu a Georgiana na qual Austen viveu. A Era Vitoriana teria muitos contratos e, dentre eles, ao mesmo tempo em que as mulheres fortificavam suas reivindicações, consolidou-se a condição da mulher burguesa como “O Anjo do Lar” (representação que aparece em um poema de Coventry Patmore que contribuiria para afirmar esse ideal de mulher). Inserida naquela realidade, Jane Austen resiste à herança patriarcal através da literatura. Aprofundo essa questão no Capítulo 3.

Em *Jane Austen: Her Life, Her Times, Her Novels* (2013), a britânica Janet Todd afirma que: “O contraste entre os meninos e as duas meninas Austen é gritante. Em 1792, a escritora feminista Mary Wollstonecraft defendeu a educação de forma igualitária e o ingresso em algumas profissões para meninas [...]. Somente o casamento era a promessa de independência”

(Todd, 2013, p. 09)⁹. Ao que parece, Jane Austen teve esperanças em alcançar remuneração por seu trabalho como escritora e acreditava em um futuro com independência financeira, assim como suas contemporâneas escritoras Ann Radcliffe, Frances Burney, Maria Edgeworth, dentre outras. Essas mulheres romperam com as regras patriarcais de sua época; de acordo com historiadora e professora Gerda Lerner (2019), é no século XIX que a mulher sai da pré-história e entra na história, classificação temporal relacionada à escrita. Segundo Lerner:

Se o ato de registrar, definir e interpretar o passado marca a entrada do homem na história, isso ocorreu para os homens no terceiro milênio a.C. Para as mulheres (e ainda assim apenas para algumas), com notáveis exceções, ocorreu no século XIX. Até então, toda a História era Pré-História para as mulheres (Lerner, 2019, p. 277).

Gerda Lerner ao escrever ‘notáveis exceções’ permite-nos fazer memória das escritoras contemporâneas a Jane Austen e também às que viveram anteriormente, como a romancista Aphra Behn, que no século XVII quebrou barreiras servindo de modelo para as escritoras posteriores. Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) afirma que:

Na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada (Beauvoir, 2009, p. 121).

Sobre a redação dos códigos religiosos e das leis políticas que dominaram a humanidade, o homem levou todas as vantagens, contudo, segundo a professora e pesquisadora de culturas antigas Merlin Stone (2022), antes das religiões patriarcais e da dominação masculina, a mulher teve maior prestígio na vida das comunidades. A religião primitiva tinha como divindade suprema a Deusa Criadora de todas as coisas; porém essa é uma época situada antes da escrita e o que se tem de evidências são as estatuetas e outros artefatos que provam a existência de templos e cultos da Grande Mãe. Mesmo sem registros escritos desse período, Stone afirma que, na Epopeia de Gilgamés, uma das narrativas mais antigas do mundo: “Nos hinos sumérios, a mulher precede o homem. O épico de Gilgamés revela que a escriba oficial do paraíso sumério era mulher, e a invenção da escrita era atribuída a uma Deusa” (Stone, 2022, p. 66).

Esse olhar antropológico se faz importante para se observar, com Virginia Woolf, o poder patriarcal nas sociedades, de maneira particular na Inglaterra; poder que vai desde as

⁹ Tradução minha. Original: “The contrast between the boys and the two Austen girls is stark. In 1792 the feminist writer Mary Wollstonecraft pleaded for equal education and entry into some profession for girls. [...]. Only marriage would promise independence.”

instâncias eclesiásticas, passando pelo poder político do rei e do parlamento e que se desdobra nas leis educacionais, por exemplo, em que a mulher é ensinada a ser uma boa dona de casa, enquanto o homem é educado para ser o chefe da família e o detentor do poder financeiro.

A filósofa italiana Silvia Federici em *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), sustenta que foi na passagem do Feudalismo para o Capitalismo que as mulheres burguesas perderam o direito de trabalhar de forma remunerada: “Aqueles que ousaram trabalhar fora do lar, em um espaço público e para o mercado, foram representadas como megeras sexualmente agressivas ou até ‘putas’ ou ‘bruxas’” (Federici, 2017, pp. 189-190). Dessa forma, com os cercamentos das terras, as mulheres burguesas passaram a ser valorizadas pelo cultivo das virtudes matrimoniais e domésticas. Silvia Federici afirma que, a um só tempo, o homem se apossou da terra e do corpo da mulher.

Note-se que me refiro à mulher burguesa, representada por Austen em sua literatura, não à mulher da classe operária, que logo começa a trabalhar nas fábricas e será explorada em sua força de trabalho. Com esse passado de repressão política, eclesial e familiar, percebe-se a importância da afirmação de Gerda Lerner (2022), ao apontar as mulheres escritoras do século XIX como aquelas que romperam barreiras e subverteram as regras patriarcais. Segundo a historiadora: “Não é por acaso que a maioria dos grandes romancistas – Jane Austen, a família Brontë, George Elliot, George Sand [...] trabalham nesse período” (Lerner, 2022, p. 225).

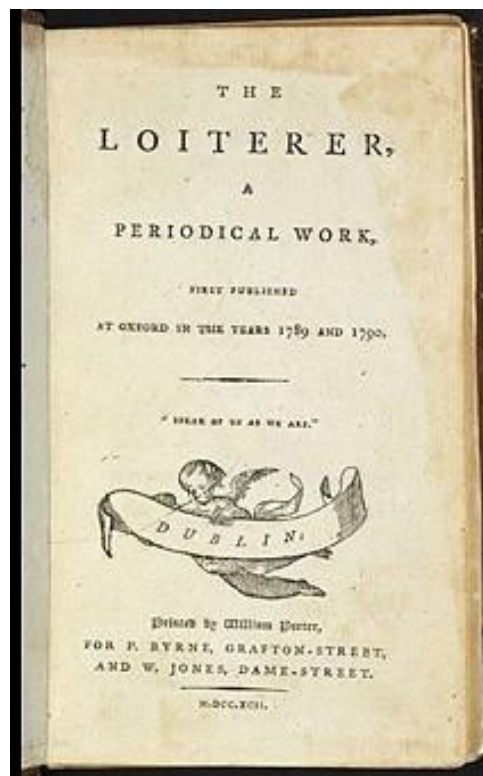
Jane Austen começa a escrever na adolescência. Seus irmãos James e Henry, estudantes em Oxford e futuros clérigos, fundam nesse período a revista *The Loiterer*, para a qual segundo Reef: “receberam uma carta bem-humorada de uma leitora que se autointitulava ‘Sofia Sentimento’. [...], estudiosos acreditam que Sofia Sentimento era Jane Austen aos treze anos” (Reef, 2014, p. 49). Uma carta bem-humorada, dramática e debochada para a idade da autora. De acordo com Reef, na carta estava escrito que: “Ela pedia para ver publicada ‘alguma história comovente, relacionada aos infortúnios de dois amantes, que morriam inesperadamente, bem quando estavam a caminho da igreja’” (Reef, 2014, p. 49). Ao que parece, desde cedo, Austen não se importava muito com sentimentalismos baratos e preferia brincar com aquilo que a sociedade valorizava. Para Janet Todd: “Sua mistura de visão clara, desejo de provocar e apetite pelo absurdo prenunciam a brilhante ironista posterior” (Todd, 2013, p. 13)¹⁰.

Se os estudiosos estiverem certos em suas especulações, essa é a primeira publicação de Jane Austen cuja recepção foi fonte de susto e boas risadas. Pode-se inferir também que, desde cedo, a razão – entendida como sabedoria/Sofia – e o sentimento são polos não distintos, mas

¹⁰ Tradução minha. Original: “Her mingling of clear sight, desire to tease and appetite for absurdity promises the later brilliant ironist.”

complementares das capacidades humanas que lhe chamavam a atenção e guiariam suas produções literárias. Curiosamente esse tema estará no título de seu primeiro romance, publicado em 1811. O periódico *The Loiterer* teve 60 edições, de janeiro de 1789 a março de 1790. A carta de Sofia Sentimento e a resposta dos editores aparecem na 9ª edição do periódico. Abaixo pode-se ver o volume único de todas edições, publicado na Irlanda em 1792.

Imagem 3 – Volume único das edições do periódico *The Loiterer* – Dublin, 1792



Disponível em British Library

Fonte: <https://www.bl.uk/collection-items/the-loiterer-periodical-written-and-edited-by-jane-austens-brothers>

Quando Jane Austen tinha entre doze e dezoito anos produziu a sua *Juvenília*, entre 1787 e 1793, dividida por ela mesma em 3 volumes. Esses escritos de adolescência e juventude, ela dedicou a seu pai, sua mãe, seus irmãos, amigas e primas. Desde os primeiros escritos ela aponta o ridículo do excesso de sentimentalismo e superficialidade. Nesse período, em 1791, ela escreve *Uma História da Inglaterra*, que é na verdade uma paródia da história da Inglaterra contada oficialmente em *The History of England from the Earliest Times to the Death of George II* do historiador Oliver Goldsmith. Nessa obra a jovem autora se define como: “Uma parcial, preconceituosa e ignorante historiadora” (Austen, 2020a, p. 105).

Para críticos como Woolf e Keymer a *Juvenília* seria uma espécie de experimento dos romances que viriam em seguida: “A escrita na fase da adolescência de fato oferece

antecipações temáticas e retóricas dos romances publicados, especialmente os três primeiros, que, como sabemos, foram iniciados poucos anos depois” (Keymer, 2017, p. 22)¹¹. Trata-se dos três primeiros romances: *Orgulho e preconceito*, *Razão e sensibilidade* e *A abadia de Northanger*, escritos ainda em Steventon, antes da família Austen se mudar para Bath.

De acordo com Paula Byrne, o reverendo George Austen vendo o talento de sua filha: “registrou a compra em sua caderneta de bolso: ‘Uma Escrivaninha Pequena de mogno com 1 Gaveta Comprida e Suporte para Tinteiro de Vidro Completa. 12 x[elins]. 5 de dezembro, 1794’” (Byrne, 2018, p. 316). Estava próximo o aniversário de dezenove anos de Jane Austen e é provável que esse foi o seu presente que a acompanhou durante toda a vida.

1.2 Uma dama de letras na Inglaterra regencial: publicações e recepção

Passados os anos nos quais Austen escreveu a *Juvenília*, *Amor e Amizade* e *Lady Susan* (pequeno romance epistolar), que consistem em histórias carregadas de sátira e humor afiado para o divertimento de sua família, ela começa a escrever romances que podem ser divididos em dois grupos, de acordo com sua produção nos lugares onde viveu. No primeiro grupo estão os romances de Steventon – vilarejo onde ela nasce e vive com os familiares antes de se mudar para a cidade de Bath –; são eles: *Primeiras impressões*, iniciado em 1796 e terminado em 1797, versão original do que em 1813 foi publicado como *Orgulho e preconceito*; *Elinor e Marianne* que ela termina em 1797 e terá sua primeira publicação em 1811 sob o título de *Razão e sensibilidade*; e *A abadia de Northanger*, ou *Catherine*, como foi chamado inicialmente¹², escrito entre 1798 e 1799 e publicado postumamente, em 1818. No segundo grupo, estão os romances de Chawton – lugar onde Austen, sua mãe e irmã vão morar depois de Southampton, onde estavam desde que saíram de Bath, após a morte repentina do reverendo George Austen - que são: *Mansfield Park* (1814); *Emma* (1816) e *Persuasão*, também publicado postumamente, em 1818.

Com essa trajetória percebe-se que Jane Austen, ainda menina, se expressa por meio da literatura e é estimulada por sua família. Sua mãe escreve versos, sua irmã costuma ilustrar seus primeiros escritos, seu pai lhe dá uma escrivaninha e não lhe deixa faltar tinta e papel; com esse apoio ela se torna um espírito livre dentro de uma sociedade patriarcal. Segundo Vasconcelos:

¹¹ Tradução minha. Original: “The teenage writing do indeed offer thematic and rhetorical anticipations of the published novels, especially the three we know to have started life just a few years later.”

¹² Reef (2014) afirma que essa obra foi primeiramente intitulada *Susan* e só depois a autora mudou para *Catherine*.

Os romances de Jane Austen estão coalhados de exemplos desses três tipos de "agressão cômica", que funciona como um gume crítico para expor os defeitos, as deficiências e a hipocrisia que o narrador observa nos comportamentos e caráter de suas criaturas, mas também, em algumas circunstâncias, para dramatizar momentos de reflexão, autoexame e descoberta por parte de alguma personagem (Vasconcelos, 2014, p. 147).

No que se refere ao contexto histórico, Jane Austen viveu entre guerras e revoluções. Napoleão Bonaparte estava dominando a Europa continental e a (ilha) Inglaterra vivia momentos de constante ameaça de invasão. Enquanto alguns estudiosos afirmam que seus romances são alheios a essas realidades, por não falarem abertamente a respeito e por falta de posicionamento da autora, outros sustentam que Jane Austen, à maneira dela, não ficou alheia aos acontecimentos. De acordo com Kathryn Sutherland:

Jane Austen é a primeira romancista inglesa a explorar o efeito da guerra contemporânea na esfera doméstica. Poderíamos dizer que ela estava condicionada à guerra – o tempo de guerra era o tempo comum e cotidiano de sua vida adulta. Pode não ser coincidência que seu primeiro editor, Thomas Egerton, se especializou em trabalhos militares e políticos em sua loja no lado leste de Whitehall, bem em frente ao Escritório do Almirantado. Ele dirigia sua ‘Biblioteca Militar’ havia duas décadas quando aceitou *Razão e sensibilidade*, em 1810 ou 1811. Sabemos por *Orgulho e preconceito*, segundo romance de Austen, que em 1813 o sul da Inglaterra parecia um campo militar: em 1793, havia somente dezessete quartéis de infantaria permanentes; em doze anos, havia 168. Seu irmão Henry serviu na milícia de Oxfordshire, chegando ao posto de capitão antes de renunciar à sua comissão em 1801 (Sutherland, 2017, p. 106)¹³.

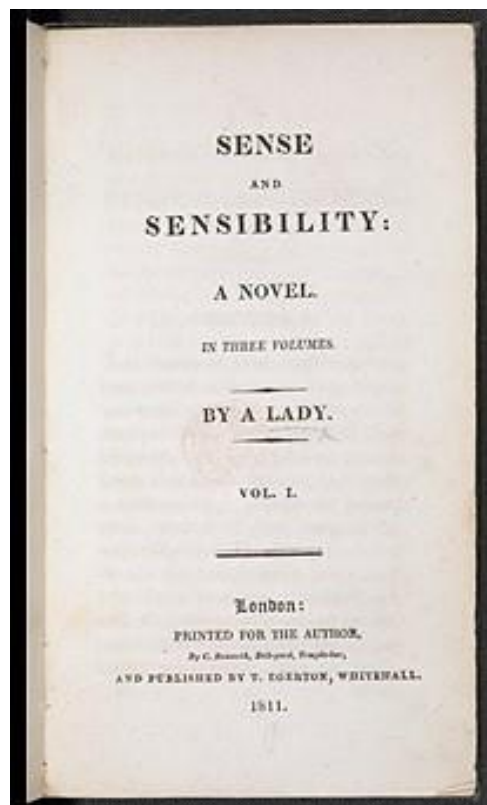
Em seus romances, Austen escreve sobre soldados, generais e marinheiros, contudo, ela não se refere diretamente às guerras. Percebe-se em sua escrita a forma como aqueles acontecimentos atingiam a vida doméstica: em *Orgulho e preconceito*, as jovens irmãs Bennet flertam com soldados; em *Emma*, o pai de Jane Fairfax, o tenente Fairfax, do regimento de infantaria, morre lutando na guerra no exterior, deixando órfã a pequena Jane aos cuidados de seu amigo que se responsabiliza pela educação da menina; em *Persuasão*, o capitão da marinha Frederic Wentworth retorna para casa enriquecido graças à sua missão nos mares e, ao retornar, reata sua história com Anne Elliot. Esses fatos influenciam diretamente na vida das mulheres do mundo austeniano porque elas dependem dos homens para seu bem estar financeiro.

¹³ Tradução minha. Original: “Jane Austen is the first English novelist to explore the effect of contemporary war on the home front. We might say that she was war-conditioned – wartime was the ordinary, everyday time of her adult life. It may not be coincidental that her first publisher, Thomas Egerton, specialized in military and political works from his shop on the east side of Whitehall, just across from the Admiralty Office. He had run his ‘Military Library’ for two decades when he accepted *Sense and Sensibility*, in 1810 or 1811. We know from *Pride and Prejudice*, Austen’s second novel, that by 1813 the south of England resembled a military camp: in 1793 there were only seventeen permanent infantry barracks; within twelve years there were 168. Her brother Henry served in the Oxfordshire militia, rising to the rank of captain before resigning his commission in 1801.”

Foi por meio da conexão de seu querido irmão Henry com o editor Thomas Egerton e pela influência dele, por ter sido oficial militar e depois banqueiro, que os primeiros trabalhos de Jane Austen foram publicados, como informa Byrne: “Em sua longa batalha para ser publicada, foram as conexões de Henry com a Military Library de Thomas Egerton que lhe proporcionaram sua grande chance” (Byrne, 2018, p. 162). Jane Austen estimava muito esse irmão por ele acreditar no trabalho da irmã escritora: foi Henry quem a ajudou a publicar seus quatro primeiros romances entre 1811 e 1816, e prefaciou *A abadia de Northanger* e *Persuasão*, levando-os para serem publicados postumamente.

Abaixo, pode-se ver a imagem da folha de rosto do volume 1, da primeira publicação de *Razão e sensibilidade*, na qual nota-se que não há referência ao nome da autora, entretanto, com a marca “By a Lady”, Austen deixa evidente que a autoria é de uma mulher. A publicação anônima foi a mais aconselhável para uma moça de família como era Jane Austen, porque escrever por dinheiro era uma prática considerada pouco feminina para a época.

Imagem 4 – Folha de rosto do 1º volume da primeira edição de *Razão e sensibilidade* – Londres, 1811



Disponível em British Library

Fonte: <https://www.bl.uk/collection-items/first-edition-of-jane-austens-sense-and-sensibility>

Em *The Cambridge Introduction to Jane Austen* (2006), Janet Todd aponta que naquele período havia quatro meios em que os escritores podiam publicar seus romances. Jane Austen, auxiliada por seu pai e irmão, tentou algumas delas. De acordo com Todd:

Um escritor poderia publicar de quatro maneiras: vender os direitos autorais e evitar mais ansiedade sobre produção e vendas; persuadir um editor a subscrever custos e compartilhar lucros; obter uma lista de assinaturas a pagar pela publicação, contando com amigos, parentes e patronos; ou, menos comumente, publicar por comissão, pagando assim pela produção do livro, recebendo lucros menos uma comissão e aceitando qualquer perda. Em 1803, quando 'Susan' foi oferecido a um editor, Austen tentou a primeira opção e recebeu a modesta, mas usual quantia de 10 libras. Em 1811, ela tentou a quarta quando enviou *Razão e sensibilidade* para Thomas Egerton, um editor de Londres (Todd, 2006, p. 11)¹⁴.

O romance *Susan* não foi publicado naquele período. Tempos depois, Austen compra de volta os direitos autorais pela mesma quantia de dez libras. Contudo, ao escrever ao editor, ela se identifica com um nome fictício de uma mulher casada, que estava sob a tutela de um homem. É o que se observa quando Todd afirma: “De Southampton ela havia escrito para a editora Crosby sob o nome falso de Mrs. Ashton Dennis, ‘Autora’” (Todd, 2006, p. 9)¹⁵. Para Janet Todd, Austen queria ser uma autora reconhecida, ganhar dinheiro com suas obras e por isso, tentou várias formas de publicá-las; auxiliada por seu irmão, que negociou com outros editores, ela consegue sua primeira publicação à qual se seguiriam as outras.

A escritora tratava sua criação literária como a uma filha; é o que consta em uma carta à sua irmã Cassandra referindo-se de forma carinhosa à sua primeira obra publicada: “Não, de fato nunca estou ocupada demais para pensar em *S&S*. Não posso esquecer esse livro, assim como uma mãe não pode esquecer seu filho que ainda amamenta” (Austen, 2014a, p. 190)¹⁶. *Razão e sensibilidade* foi escrito primeiramente sob a forma epistolar, depois a autora mudou, bem como o título definitivo que a princípio era *Elinor & Marianne*.

A recepção de *Razão e sensibilidade* demonstrou críticas favoráveis conforme aponta Catherine Reef (2014), ao dizer que um crítico elogiou a autora por seu conhecimento íntimo da vida; outro elogiou sua escrita e seus hábeis argumentos. A princesa Charlotte, neta do rei

¹⁴ Tradução minha. Original: “A writer could publish in four ways: sell the copyright and avoid further anxiety over production and sales; persuade a publisher to underwrite costs and share profits; get a subscription list to pay for publication, relying on friends, relatives, and patrons; or, less commonly, publish on commission, so paying for the book production, receiving profits minus a commission, and accepting any loss. In 1803 when ‘Susan’ had been offered to a publisher, Austen had tried the first option and had received the modest but usual sum of £10. In 1811 she tried the fourth when she sent *Sense and Sensibility* to Thomas Egerton, a London Publisher.”

¹⁵ Tradução minha. Original: “From Southampton she had written to the publisher Crosby under the assumed name of Mrs. Ashton Dennis, ‘Authoress.’”

¹⁶ Tradução minha. Original: “No indeed, I am never too busy to think of *S&S*. I can no more forget it, than a mother can forget her sucking child”. *S&S* = *Sense and sensibility*.

George III, escreveu a uma amiga: “Acabo de ler *Razão e sensibilidade*; certamente é interessante e você se sente um dos personagens” (Reef, 2014, p. 127).

Publicado em outubro de 1811 e esgotado em julho de 1813, o romance inicial de Austen narra a história das duas irmãs Elinor e Marianne Dashwood que após perderem o pai são obrigadas a se mudar de sua confortável casa para um chalé mais simples, juntamente com a mãe e a irmã mais nova, e a fazerem experiências de amor, desenganos e crescimento. Elinor, irmã mais velha, é prudente e age de acordo com essa virtude; com muita sensibilidade se comporta sempre pensando no bem-estar dos demais. Marianne é mais passional, mais egoísta e imatura, acreditando que as paixões arrebatadoras são as que mais importam.

Em uma primeira vista é nítida a diferença entre as irmãs. Marianne por exemplo, quando traída por Willoughby, jovem por quem ela estava apaixonada, sente uma: “violenta opressão de seu ânimo [...]. Ela não tinha forças, pois não possuía nenhum desejo de controle sobre si mesma” (Austen, 2012, p. 160). A quebra de sua ilusão amorosa faz com que ela valorize o coronel Brandon que a ama verdadeiramente. Elinor, por sua vez, está apaixonada por Edward e é correspondida, mas tanto ele quanto ela são comedidos. Entretanto, Marianne não compreende a irmã e diz à mãe em uma conversa: “Elinor, ao deixar Norland e Edward para trás, não chorou como eu. Mesmo agora, sua serenidade não se abala. Quando ela ficará deprimida e melancólica?” (Austen, 2012, p. 116).

Jane Austen escreve sobre duas irmãs evidenciando em uma a juventude e suas paixões indomáveis e na outra, a preocupação com o futuro, pois são mulheres, sozinhas e sem dinheiro em um mundo patriarcal; é preciso, portanto, ser prudente. De acordo com Todd: “O romance de Jane Austen sugere que a sensibilidade deve ser temperada pelo autocontrole” (Todd, 2013, p. 44)¹⁷. Ampliando essa compreensão a pesquisadora Júlia Costa em seu estudo intitulado *A representação das paixões em Sense and Sensibility, de Jane Austen* (2021), investiga os dois termos em dicionários dos séculos XVIII e XIX e afirma:

Percebe-se que não há, aqui, nada que pudesse indicar uma relação de antagonismo entre os termos; se *sense* é a faculdade de um ser vivo que recebe impressões exteriores, *sensibility* designa a própria qualidade de ser sensível e, portanto, a capacidade de receber tais impressões (Costa, 2021, p. 24).

Observando em *Razão e sensibilidade* a diferença entre a postura das duas irmãs, podemos pensar que a voz narrativa intenta mostrar maneiras diferentes de se estar no mundo: com emoções egoístas que se traduzem em narcisismo, como é o comportamento de Marianne

¹⁷ Tradução minha. Original: “Jane Austen's novel suggests that sensibility should be tempered by self-control.”

ou, com emoções e autocontrole, motivados pela responsabilidade e cuidado consigo mesma e com os seus, como se comporta Elinor. A esse respeito, Costa afirma que: “A verdadeira noção de bem pessoal ou vantagem individual não existe jamais em oposição à sociedade e ao bem comum” (Costa, 2021, p. 55). Jane Austen vive em um contexto iluminista e escreve sobre prudência e racionalidade em suas protagonistas mostrando que, assim como os homens, as mulheres também são criaturas racionais; mas não deixa de lado o sentimento e a emoção, formadoras da essência do humano; dessa forma a autora aponta que razão e sensibilidade não são faculdades antagônicas e sim complementares.

A primeira recepção da obra durante a vida da escritora foi razoavelmente positiva. Entre seus leitores estava o príncipe regente George, que tinha suas obras em cada uma de suas casas. De acordo com Reef, uma mulher da alta sociedade denominada condessa de Bessborough, leu *Razão e sensibilidade* e disse: “‘É um romance inteligente’, observou. ‘É, no entanto, termina tão mediocrementemente que me senti traída’” (Reef, 2014, p. 126). Jane Austen teve críticas favoráveis e contrárias. Segundo Reef:

No verão de 1813, Thomas Egerton havia vendido todos os exemplares de *Razão e Sensibilidade*, o que rendeu cento e quarenta libras à escritora. Pela primeira vez na vida Jane Austen tinha dinheiro para gastar. O sucesso do romance animou tanto Egerton que ele ofereceu imprimir outro livro do mesmo “autor” – e, desta vez, não custaria nada a ela. Na verdade, o editor pagou cento e dez libras por *First Impression*. Outro livro com o mesmo título havia sido publicado em 1801, então o de Austen foi lançado em janeiro de 1813 com o nome de *Orgulho e Preconceito* (Reef, 2014, p. 128)

Por causa do sucesso de vendas da primeira obra, Thomas Egerton editor amigo de Henry Austen, se interessou em publicar o segundo livro *Orgulho e preconceito* com a observação de “pelo autor de *Razão e sensibilidade*”, mantendo o anonimato da autoria.

Antes de ser publicada e lida pela sociedade inglesa, Jane Austen foi lida por sua família, ou seja, a primeira recepção e apreciação foi feita dentro de sua casa, na reitoria de Steventon. Segundo Katie Halsey: “Austen certamente leu seus próprios trabalhos em voz alta para um pequeno e simpático público nos vários estágios de sua composição, inclusive após a publicação” (Halsey, 2013, p. 19)¹⁸. Esse primeiro público familiar, formado também por leitores e escritores, certamente enriqueceria os escritos da jovem autora com dicas e sugestões para futuras publicações. Segundo Katie Halsey:

¹⁸ Tradução minha. Original: “Austen certainly did read her own works aloud to a small and sympathetic audience at various stages of their composition, including after their publication.”

Os Austens, como família, também estavam acostumados a ler os trabalhos manuscritos uns dos outros. Informações sobre os manuscritos de Jane Austen sobreviveram mais do que as de qualquer outro membro da família, mas ela não foi a única escritora da família. James Austen escreveu peças de teatro, poesias e *belles lettres*, Mrs. Austen escreveu versos livres, George, Henry e James Austen todos escreveram sermões, Cassandra Austen escreveu charadas e versos (Halsey, 2013, p. 20)¹⁹.

Como demonstra Katie Halsey, a primeira recepção dos escritos de Jane Austen foi efetivada por sua família, que era formada por leitores e escritores, e a jovem Austen aproveitava as chances de passeios, bailes e visitas aos familiares para expandir sua imaginação na criação de seus personagens. Na casa de Edward Knight, seu irmão que foi adotado e herdou as posses do pai adotivo, havia uma governanta e segundo Reef: “Jane fez amizade com a governanta da família, Anne Sharp, em quem viu uma mulher parecida com ela mesma: inteligente, solteira e sem dinheiro” (Reef, 2014, pp. 98-99). Nota-se que a literatura desse período e das décadas seguintes terá representação de governantas e preceptoras como mulheres inteligentes, instruídas, mas sem dinheiro; elas melhoram de vida (pelo menos no aspecto financeiro) quando se casam. Jane Austen expõe essa realidade em *Emma* nas personagens de srta. Taylor que, ao se casar, torna-se a Sra. Weston, e também na inteligente e pobre Jane Fairfax.

Jane e Cassandra Austen não tinham dinheiro, logo, o destino delas era o casamento. Os biógrafos narram que Cassandra ficou noiva de Tom Fowle que foi para o exército nas Antilhas a fim de estabilizar-se financeiramente. Mas antes de o rapaz voltar ao seu país, foi acometido por febre amarela que o levaria à morte, deixando Cassandra desolada. Em 1795 Jane Austen conheceu Tom Lefroy, ambos com a idade de vinte anos; de acordo com Reef: “A atração entre os jovens foi imediata, e não fizeram questão de esconder isso de ninguém [...]. Jane e Tom passaram longe de todas as regras de decoro, chamando a atenção” (Reef, 2014, p. 63). O rapaz chama a atenção dos biógrafos por conta das cartas que ela escrevia à sua irmã dizendo que o achava bonito e agradável. De acordo com Claire Tomalin:

Tom Lefroy era um visitante de Hampshire [...]. Ele era loiro e bonito, inteligente e charmoso; ele havia se formado em Dublin e estava se preparando para entrar na Ordem dos Advogados de Londres e estava de férias por algumas semanas no Natal com seu tio e tia Lefroy no presbitério de Ashe. Após essa primeira menção, Tom Lefroy aparece progressivamente nas cartas de Jane. Na verdade, ela não conseguiu

¹⁹ Tradução minha. Original: “The Austens, as a family, were all also used to reading each other’s work in manuscript. More information has survived about Jane’s manuscripts than those of any other family member, but she was not the only writer in the family. James Austen wrote plays, poetry and *belles lettres*, Mrs. Austen wrote light verse, George, Henry and James Austen all wrote sermons, Cassandra Austen wrote charades and verses.”

manter-se distante desse ‘homem cavalheiresco, bonito, agradável e jovem’” (Tomalin, 2012, p. 115)²⁰.

De acordo com Tomalin, Lefroy não foi o único rapaz por quem Jane Austen se interessou e foi frustrada devido à condição financeira de ambas as partes. Porém, em uma ocasião inesperada foi surpreendida com um pedido de casamento que aceitou, contudo, no dia seguinte desfez o compromisso. Era o ano de 1802 e o rapaz que fez o pedido era Harris Bigg-Wither, um rapaz rico, por quem Jane Austen nada sentia além de amizade. Segundo Byrne: “Austen simplesmente não sentia inveja das mulheres conhecidas que se casavam e eram esgotadas por marido e filhos. Ela deu à luz a seus romances” (Byrne, 2018, p. 230).

Um ano antes, em 1801, o reverendo George Austen se aposenta de seu ofício de clérigo na reitoria de Steventon, deixando a vaga para seu filho James que também era clérigo. George se muda com sua esposa e as duas filhas para Bath, cidade elegante, tida como uma opção mais barata a Londres, com suas termas romanas que, segundo a crença da época, tinham propriedades curativas. A cidade também foi escolhida por ser um ponto no qual as moças da família poderiam ter a chance de encontrar um marido. O próprio casal Austen-Leigh havia se conhecido nessa cidade tempos antes. A família então passa a residir em Bath de 1801 a 1806. Nesse período Jane Austen começa a escrever *The Watsons*, quando repentinamente o reverendo George morre, deixando esposa e filhas desamparadas e aos cuidados dos irmãos. Austen nunca voltou ao romance que havia iniciado deixando-o incompleto.

As leis da Inglaterra eram severas para com mulheres sem a proteção de um homem. Dessa forma, elas são obrigadas a morar com os irmãos que já haviam constituído família. Após esses anos em Bath, as mulheres moram em Southampton, com Frank, o irmão marinheiro que havia se casado e devia voltar ao mar, então elas se dispuseram a fazer companhia à sua esposa. Em 1808, Edward Knight, um dos filhos Austen, adotado pelo rico casal Knight, tendo se tornado herdeiro, oferece a elas a modesta Chawton Cottage. Para as biógrafas é notória a preferência de Jane Austen à vida no campo em oposição à vida na cidade, tendo em vista que em Chawton ela retoma a escrita, revisa seus primeiros romances que havia escrito em Steventon e produz mais três obras. Contudo, Austen encontrou dificuldades em publicar.

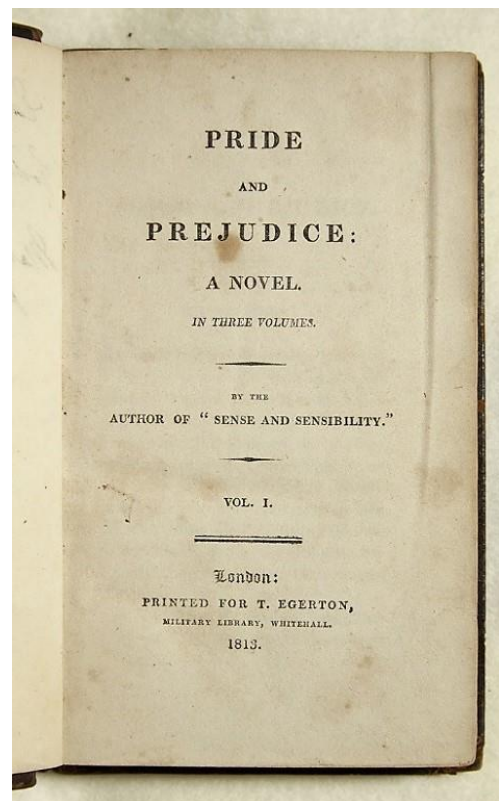
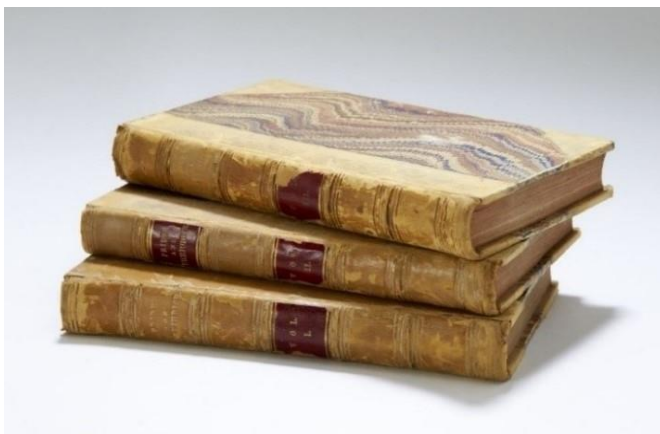
De acordo com Margaret Kirkham (1997), as dificuldades que ela encontrou: “em se tornar uma autora publicada estava relacionado à Controvérsia Feminista; e ela estava bem

²⁰ Tradução minha. Original: “Tom Lefroy was a visitor to Hampshire [...]. He was fair-haired and good-looking, clever and charming; he had completed a degree in Dublin and was about to study for the Bar in London, and was just taking a few weeks’ holiday over Christmas with his Uncle and Aunt Lefroy at Ashe parsonage. After this first mention, Tom Lefroy keeps putting in more appearances in Jane’s letter. In fact she can’t keep him out, this ‘gentlemanlike, good-looking, pleasant young man.’”

ciente disso; a mudança de estilo e tom entre os primeiros e os últimos romances ocorreu em parte como uma resposta às dificuldades que ela encontrou” (Kirkham, 1997, pp. 59-60)²¹. Kirkham discorre sobre a Controvérsia Feminista ligada a Wollstonecraft que ao falecer, teve sua biografia publicada por Godwin, seu marido; a partir de então a filósofa passou a ser hostilizada como mulher e escritora, o que afetaria qualquer mulher que se aventurasse na literatura com a mesma liberdade. Janet Todd (2006) indica que não há, em Austen, menção direta a Wollstonecraft, porém, a romancista teria alinhado a heroína Marianne Dashwood com a vida da também apaixonada filósofa, que após trágicas paixões juvenis, viveu um amor tranquilo com William Godwin. Mesmo com dificuldades Jane Austen publica suas obras, auxiliada por seu irmão Henry.

Abaixo podemos ver as imagens da primeira publicação de *Orgulho e preconceito*, pela Thomas Egerton, em Londres, no ano de 1813. Neste ano de 2023 a obra completa 210 anos.

Imagens 5 e 6 – 1ª edição de *Orgulho e preconceito* em 3 volumes e folha de rosto do Vol. 1 – Londres, 1813



Acervo da Jane Austen's House

Fonte: <https://janeaustens.house/pride-and-prejudice/>

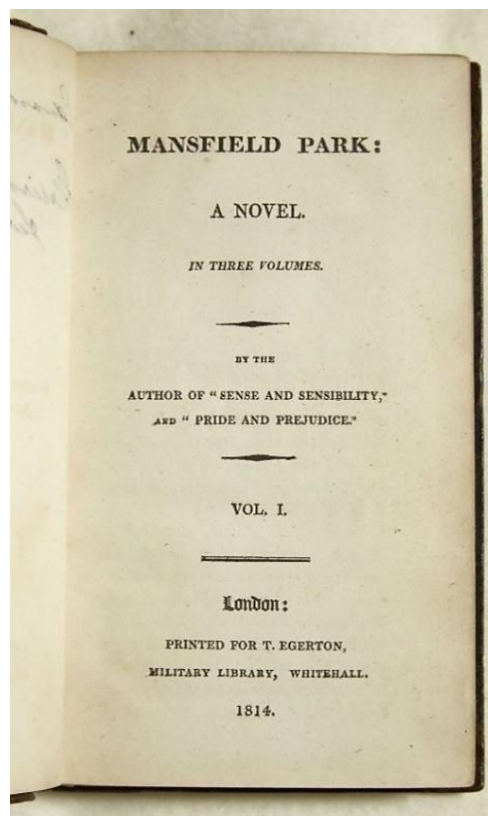
²¹ Tradução minha. Original: "to become a publishing author was connected with the Feminist Controversy; that she was well aware of this; and that the change in style and manner between the early and late novels came about partly as a response to the difficulties she encountered."

Essa primeira edição saiu em três volumes; observa-se na imagem, que o nome da autora é omitido da folha de rosto; no lugar o leitor se depara com a observação “Pelo autor de *Razão e sensibilidade*”²². Segundo Paula Byrne (2018), *Orgulho e preconceito* foi: “A publicação mais duradoura da Military Library de Egerton” (Byrne, 2018, p. 161). *Orgulho e preconceito* foi um sucesso de público e de vendas como afirma Paula Byrne, fato que estimulou a escritora a continuar seu ofício. Como essa obra foi a primeira a ser traduzida para o português brasileiro, faço uma análise mais detalhada nos capítulos seguintes.

O próximo romance publicado foi *Mansfield Park*, obra cuja protagonista, Fanny Price, é uma jovem mulher que ainda na infância vai morar com seus tios abastados. Seus pais são muito pobres, então ela será educada com seus primos ricos, mas terá consciência de que é inferior a eles, portanto, precisará aprender a ser sempre obediente àquela família adotiva.

Abaixo, temos a folha de rosto do 1º volume da primeira edição (que saiu em três), de *Mansfield Park*, publicada pela Military Library, de Egerton, em Whitehall, Londres.

Imagem 7 – Folha de rosto da primeira edição de *Mansfield Park* – Londres, 1814



Acervo da Jane Austen's House
 Fonte: <https://janeaustens.house/mansfield-park/>

²² Tradução minha. Original na folha de rosto: “By the author of ‘Sense and sensibility.’”

De acordo com Reef: “A primeira edição de *Mansfield Park*, esgotou em seis meses, mas Thomas Egerton decidiu não imprimir uma segunda edição. Assim, Henry Austen ofereceu o próximo livro da irmã a outro editor” (Reef, 2014, p. 163). *Mansfield Park* teve sucesso de vendas com a tiragem de 1.250 cópias pela Thomas Egerton, como informa Paula Byrne, porém, ainda segundo a pesquisadora, as vendas se devem ao sucesso do livro anterior *Orgulho e preconceito*, porque o público parece ter se decepcionado com a protagonista de *Mansfield Park* em comparação com a protagonista de *Orgulho e preconceito*. Mesmo assim, Byrne afirma: “Jane Austen parece ter ficado particularmente satisfeita com seu terceiro romance publicado, embora muitos não compartilhem seus sentimentos” (Byrne, 2018, p. 338).

É possível pensar que a satisfação de Austen, para além da realização de ser uma autora publicada, lida e que havia começado a ganhar dinheiro, deve-se também ao fato de estar evidenciando, ou melhor, dando voz a uma personagem mulher, solteira e frágil. Segundo Terry Eagleton: “De que outra maneira uma jovem solteira, sem dinheiro, sem posição social [...] iria se defender naquela sociedade predatória retratada no romance? A falta de vitalidade de Fanny não é uma crítica implícita à ordem social?” (Eagleton, 2019, p. 60).

Jane Austen, com essas três publicações, já contava com um público leitor considerável e, dentre os mais ilustres, estavam o príncipe regente George e seu bibliotecário, James Clarke. Esse funcionário real pediu a Austen que escrevesse um romance histórico ilustrando a augusta Casa de Cobourg. Austen lhe respondeu em uma carta: “não posso escrever tal romance [...], devo permanecer com meu próprio estilo e seguir meu próprio caminho; e ainda que eu jamais obtenha sucesso novamente neste, estou convencida de que falharia totalmente em outro” (Austen, 1816 *apud* Austen-Leigh, 2014, p. 127).

Nota-se a independência do pensamento de Austen ao se recusar a cumprir o pedido de um homem poderoso para escrever sobre nobres heróis; se o fizesse, narraria aventuras masculinas, algo distante da autora cuja escrita narra vivências domésticas femininas. Ela mesma afirma que seu estilo era escrever sobre famílias que viviam em vilarejos da Inglaterra campestre, idílica e calma em contraposição à agitação da cidade. De acordo com Virginia Woolf: “não havia romance, aventura, política ou intriga capaz de lançar um facho de luz sobre a vida na escada de uma casa de campo como ela via. O príncipe regente e seu bibliotecário, de fato, tinham batido de cabeça contra um obstáculo enorme” (Woolf, 2019b, p. 41). Em outras palavras, Jane Todd (2006) aponta diferenças entre a escrita de Austen e Walter Scott, autor de romances históricos. Todd afirma que: “a distinção entre ela e um escritor como Scott é ironicamente marcada pelo gênero. Ela é o miniaturista; ele o pintor da história; ela pinta

espaços domésticos femininos, ele amplas paisagens” (Todd, 2006, p. 32)²³. Contudo, a pintura do doméstico não significa menor valor e Austen tinha essa consciência.

Faz-se salutar, neste ponto, indicar a crítica de Edward Said (2011), que se mostra descontente com os críticos de Jane Austen por não perceberem seu alheamento histórico: “nossa leitura do romance já começa a se abrir para aqueles pontos em que, ironicamente, Austen era da máxima parcimônia e seus críticos da máxima (alguém ousaria dizê-lo?) negligência” (Said, 2011, p. 123). Paralelo a Said, exponho a crítica de duas mulheres: Virginia Woolf (2014) e Devoney Looser (2021). A primeira, genuinamente feminista, detecta que desde muito tempo: “a Inglaterra está sob as regras de um patriarcado” (Woolf, 2014, p. 52), e que Austen denuncia as leis patriarcais em sua literatura; a segunda indica uma outra interpretação sobre o silêncio de personagens abastados e escravocratas em um trecho específico de *Mansfield Park*, quando Fanny conversa com seu primo Edmund que lhe diz:

“Seu tio quer se orgulhar de você em todos os aspectos; e eu só gostaria que conversasse mais com ele. Você fica muito calada quando nos reunimos à noite”.
 “Mas eu tenho conversado com ele mais que antes. Com certeza. Você não me ouviu perguntar sobre o tráfico negreiro ontem à noite?”
 “Ouvi... e esperava que você fizesse mais perguntas. Seu tio teria gostado que você perguntasse mais sobre o assunto.”
 “E bem que eu estava morrendo de vontade de perguntar... mas com aquele silêncio sepulcral...! E, como minhas primas ficaram ali sentadas sem abrir a boca e sem demonstrar o mínimo interesse pelo assunto, eu não... achei que podia dar a impressão de querer aparecer às custas delas, mostrando uma curiosidade e um prazer que ele talvez preferisse ver nas próprias filhas” (Austen, 2014c, p. 288)²⁴.

Devoney Looser em seu artigo: *Quebrando o silêncio: explorando os complexos envolvimento da família Austen com a escravidão* (2021)²⁵, faz um apanhado histórico do envolvimento da família Austen quanto à escravidão e o ativismo abolicionista. Looser relembra a crítica de Said e mostra a história real e a ficção austeniana sob outra perspectiva:

Outra interpretação equivocada que se repete com frequência é que a ficção de Austen seja omissa sobre o tema da escravidão e do colonialismo. Essa afirmação enganosa vem do trabalho de Edward Said, que interpretou mal uma linha em *Mansfield Park*. A heroína do romance, Fanny Price, diz que fez a seu tio, Sir Thomas, uma pergunta sobre o tráfico de escravos – já que ele é dono de uma propriedade em Antígua – à qual ele teria respondido. A conversa é interrompida, no entanto, quando a troca é recebida por “um silêncio mortal” por parte da maioria dos primos Bertram de Fanny, que são personagens ignorantes e arrogantes. Essa linha sobre o silêncio deles pode

²³ Tradução minha. Original: “Here the distinction of herself and a writer like Scott is wryly gendered. She is the miniaturist; he the history painter; she paints female domestic spaces, he wide landscapes.”

²⁴ Observo que mantive a referência com aspas, em algumas citações recuadas, tal e qual consta nas obras, a fim de distinguir as vozes de dois ou mais personagens presentes nos diálogos transcritos.

²⁵ Tradução minha. Original: “*Breaking the silence: exploring the Austen family’s complex entanglements with slavery*”

ser uma denúncia e não uma defesa a brancos privilegiados que permanecem indiferentes ao racismo e à injustiça (Looser, 2021, pp. 3-4)²⁶.

Ao sugerir que Austen coaduna com o império, Said afirma que a escritora negligencia alguns aspectos das colônias britânicas porque ela também: “pertencia a uma sociedade que tinha escravos” (Said, 2011, p. 126). Para Looser, não se pode dizer que a família Austen era escravocrata assim como também não se pode afirmar que era abolicionista; o que se nota, conforme os registros, é que a família foi mudando junto com a história. E sobre Jane Austen é possível observar que ela mantinha o *status quo* ao descrever a vida dos personagens entre quem manda e quem obedece, entre o senhor e o empregado, entre o homem e a mulher. O que Austen fez foi criar protagonistas fortes e racionais, em igualdade com o homem, porque segundo Woolf, a mulher era excluída dos espaços de poder do Império, que era patriarcal.

A voz narrativa em *Mansfield Park*, por exemplo, chama a atenção para a tentativa de emancipação feminina ao denunciar o desrespeito e a impertinência de um homem para com uma mulher, e denuncia o patriarcado e suas formas de opressão. O charmoso Henry Crawford, depois de ter se insinuado a Maria Bertram quando esta já estava noiva, ficou muito mal visto por Fanny. Quando Maria se casa, por interesse, com o rico Sr. Rushworth²⁷, Henry fica desapontado e então dá mostras de que agora será um bom rapaz. Nesse intuito começa a dizer-se apaixonado por Fanny e declara seu amor a ela que não se deixa enganar; Fanny fica muito incomodada e, em uma conversa com seu primo Edmund, dá sua opinião:

Eu acho [...] que toda mulher deveria admitir a possibilidade de um homem não ser aceito, não ser amado por alguma mulher, por mais atraente que muitas o considerem. Ainda que ele tenha toda a perfeição do mundo, nenhuma mulher que por acaso lhe inspire afeição tem necessariamente de aceitá-lo (Austen, 2014c, p. 447).

Fanny parece estar consciente de suas obrigações como mulher; como lhe disse sua tia Lady Bertram: “você deve estar ciente de que toda moça tem a obrigação de aceitar uma proposta irretocável como essa” (Austen, 2014c, p. 425). Seu tio também era de acordo com um casamento tão vantajoso. Mas Fanny tem consciência que o Sr. Crawford é um homem de

²⁶ Tradução minha. Original: “Another misinterpretation that is often repeated is that Austen’s fiction is silent on the subject of slavery and colonialism. This misleading claim comes from the work of Edward Said, who misconstrued one line in *Mansfield Park*. The novel’s heroine, Fanny Price, says that she asked her uncle, Sir Thomas Bertram, a question about the slave trade – since he owns an estate in Antigua – which he is said to have answered. The conversation comes to a halt, however, when the exchange is met by “such a dead silence” from most of Fanny’s Bertram cousins, who are ignorant and arrogant characters. That line about their silence may be an indictment, not an endorsement, of privileged whites who remain incurious about racism and injustice.”

²⁷ Esse é o personagem mais rico no mundo austeniano e o que tem de rico tem de tolo, é o que Edmund observa: “Se esse homem não tivesse doze mil libras por ano, seria apenas um sujeito burro” (Austen, 2014, p. 127). O Sr. Darcy, em *Orgulho e preconceito*, tem uma renda de dez mil libras anuais.

péssimo caráter e se nega a aceitá-lo. A seu tio ela responde: “Eu... eu não gosto dele o bastante para me casar com ele” (Austen, 2014c, p. 407). Uma resposta tão plena de vontade própria, não agradou a seu poderoso tio e pai adotivo, que lhe diz: “Pensei que você estivesse livre da teimosia, do convencimento, de toda propensão a esse espírito de independência que predomina hoje em dia, inclusive nas moças, e que nelas é mais revoltante que qualquer outra falha” (Austen, 2014c, p. 410). A independência de uma mulher, no pensamento e no desejo, ofende o patriarcado e Fanny, na sua fragilidade e dependência do tio, não se intimida em dizer não. Ele a criou, o mínimo que ela poderia fazer era lhe ser obediente, mas obedecê-lo a faria infeliz e então ela prefere ser fiel a si mesma. Ela ama seu primo Edmund e é com ele que ela se casará no desfecho da narrativa.

Chama a atenção na personagem Fanny que, mesmo dependente de seus parentes homens, é uma assídua leitora, e é certo que desenvolveu sua capacidade crítica através desse hábito. Na mansão onde foi criada, Fanny tem um pequeno quarto, uma antiga sala de estudos de quando ela e seus primos eram crianças, onde ela lê e escreve cartas: “Ali se refugiava quando ocorria algo desagradável, e imediatamente se consolava com alguma atividade ou alguma reflexão. Ali tinha suas plantas e seus livros [...], sua escrivãzinha” (Austen, 2014c, p. 240). Na mansão ela vive oito anos e depois volta para seus pobres pais biológicos que moram em Portsmouth e lá Fanny gastará seu pouco dinheiro alugando livros: “numa biblioteca circulante. Inscreveu-se, admirada de fazer alguma coisa por si mesma, admirada desse ato em todos os sentidos; poder alugar e escolher livros!” (Austen, 2014c, pp. 493-494).

Nota-se que tanto Fanny Price, em *Mansfield Park*, quanto Catherine Morland, em *A abadia de Northanger*, são jovens que gostam de ler. São jovens que, mesmo não tendo dinheiro, estão presentes em uma classe social que permite a elas o contato com os livros e a leitura e há pessoas que as orientam: os jovens rapazes que farão par romântico com elas. Tanto Henry Tilney em *A abadia de Northanger*, quanto Edmund Bertran em *Mansfield Park*, são jovens abastados que tiveram uma excelente educação formal e ambos auxiliarão as jovens Catherine Morland e Fanny Price, respectivamente, no seu percurso formativo.

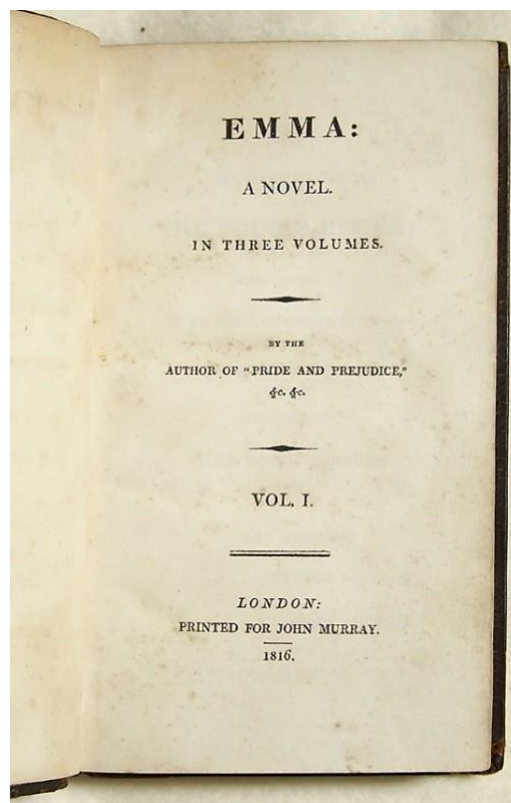
A pesquisadora Renata Cristina Colasante em *A leitura e os leitores em Jane Austen* (2005) afirma que: “os perigos que a leitura representaria para as mulheres [...], não estaria para Jane Austen, relacionados ao gênero, mas sim ao modo como se lê e à falta de orientação do leitor” (Colasante, 2005, p. 78)²⁸. Desse modo, Jane Austen mostra a distância na educação

²⁸ Em sua pesquisa, Colasante cita um romance de Wollstonecraft intitulado *Mary, A Fiction* (1788), no qual a heroína aprende a pensar por si mesma. Entretanto, em *A abadia de Northanger* e em *Mansfield Park* Austen mostra a necessidade da heroína em ter um tutor, que será o pretendente e marido. Observamos que quatro anos

entre rapazes e moças e evidencia, sutilmente, a reivindicação feita por Wollstonecraft e, tempos depois, por Woolf, que em seus escritos apontou essas diferenças educacionais. Em *A abadia de Northanger*, *Mansfield Park* e *Emma* acontece de ser o rapaz protagonista uma espécie de tutor que irá auxiliar moça em seu aprendizado.

De acordo com Paula Byrne (2018), a recepção de *Mansfield Park* não foi tão simpática se comparada a *Orgulho e preconceito*, entretanto, ganhou a apreciação de William Gifford crítico literário de seu tempo, que disse ter lido e estimado *Mansfield Park*, fato que chamou a atenção do editor John Murray. Foi a Murray que Henry Austen levou o novo manuscrito da irmã, pois o editor anterior se negou a fazer uma segunda edição de *Mansfield Park*. Segundo Reef: “Murray gostou do novo livro, *Emma*, e adquiriu seus direitos” (Reef, 2014, p. 163). A seguir, pode-se observar a folha de rosto da primeira edição do romance que, como de costume, foi publicado em três volumes.

Imagem 8 – Folha de rosto do Vol. 1 da primeira edição de *Emma* – Londres, 1816



Acervo da Jane Austen's House
 Fonte: <https://janeaustens.house/emma/>

depois, em meio à Revolução Francesa (1789-1799), Wollstonecraft irá publicar a *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), na qual uma das reivindicações será pelo direito de a mulher ter uma escolaridade igual ao homem. Nota-se que Austen continuará denunciando a precariedade das escolas para meninas em *Emma*; em *Persuasão* denunciará que a educação e a pena sempre estiveram com os homens.

Considera-se que a nota do novo editor John Murray “pelo autor de *Orgulho e preconceito*”²⁹ (e não de *Mansfield Park*, obra mais recente de menos sucesso) visou, possivelmente, melhor propaganda e recepção. Um ano depois de *Mansfield Park*, Jane Austen publica *Emma*³⁰ e, segundo Byrne: “Seu novo romance, com uma heroína que era o total avesso da despossuída e doentia Fanny Price, foi outra aposta literária do tipo que Jane Austen adorava. ‘Vou usar uma heroína da qual ninguém exceto eu mesma gostará muito’, ela anunciou” (Byrne, 2018, p. 346). Ainda de acordo com Byrne, *Emma* foi o romance que mais se encaixou na sua fala: “três ou quatro famílias num Vilarejo Rural é o material perfeito para trabalhar” (Byrne, 2018, p. 344), porque toda a trama se passa em um vilarejo.

Emma é uma protagonista diferente de todas. Personagem principal do livro homônimo, o que é uma singularidade entre os romances de Austen, sua história assim se inicia: “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com um lar confortável e uma natureza alegre, parecia reunir algumas das melhores bênçãos da vida” (Austen, 2020b, p. 73). A voz narrativa faz questão de nomear algumas características importantes da protagonista, porém, no decorrer das páginas, o leitor vai percebendo a ironia da narradora ao dizer que Emma é inteligente quando, na verdade, uma das características dela é ter preguiça de ler: “Mas já desisti de esperar qualquer aplicação constante à leitura por parte de Emma. Ela jamais vai se submeter a algo que requeira esforço e paciência” (Austen, 2020b, p. 110), diz o Sr. Knightley à Sra. Weston, sua antiga preceptora. Emma vive em confusão, mas ela é bonita, rica e mimada por todos que vivem em Highbury, a começar por seu pai, o Sr. Woodhouse, e todos os vizinhos, com exceção do Sr. Knightley, que sempre lhe chama a atenção quando passa dos limites; ele é um amigo que, no futuro, será seu esposo.

Em *Emma*, Jane Austen critica o nível das escolas de meninas e moças:

A sra. Goddard era dona de uma escola – não de um liceu, ou de um ginásio, ou de uma dessas instituições que afirmam, em longas frases cheias de tolices refinadas, combinar uma série de talentos com uma moral elegante usando novos princípios e novos sistemas, e onde mocinhas, mediante somas enormes, podem perder a saúde e ganhar vaidades –, um internato verdadeiro, honesto e tradicional, para onde meninas podiam ser enviadas a fim de que não atrapalhassem a família e obtivessem alguma educação, sem o risco de se tornarem prodígios (Austen, 2020b, p. 92).

²⁹ Tradução minha. Original na folha de rosto: “By the author of ‘*Pride and Prejudice*.’”

³⁰ Livro que a autora dedica, contra a sua vontade, mas obedecendo ordem real, ao príncipe regente, futuro rei George IV. Ela não escreve um romance histórico como o pedido por seu bibliotecário, porém escreve *Emma*, obra cuja protagonista é uma jovem mulher querida, mas mimada e preguiçosa. Uma leitora atenta perceberá a ironia da dedicatória que a autora faz da obra ao príncipe regente que foi considerado, por seus ministros, “moralmente corrupto e preguiçoso”. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Curiosidades/noticia/2020/05/carta-de-rei-ingles-guardada-por-mais-de-200-anos-vai-leilao.html> Acesso em: 21/01/2023.

Observa-se logo que, tanto faz uma menina ir para um liceu, um ginásio, uma escola ou internato tradicional, em todos eles ela será deformada intelectualmente, porque tais instituições não são capazes de fornecer uma educação de qualidade no mesmo nível dos meninos. É exatamente essa a crítica presente na *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Por outro lado, não basta igualar a educação entre rapazes e moças. O direito de se ter um trabalho e um salário digno também está na crítica de Austen quando a bem educada Jane Fairfax ironiza o tipo de remuneração que a sociedade tem para uma mulher com a boa formação como ela teve, com a filha do coronel Campbell, amigo de seu falecido pai. Ao conversar com a Sra. Elton, esposa do reverendo de Highbury, sobre as possibilidades de trabalho, Jane Fairfax tenta convencê-la de que não deseja trabalhar na casa do rico Sr. Suckling, então lhe diz:

“Há lugares na cidade, escritórios, onde uma busca logo trará algum resultado. Escritório para a venda – não exatamente de carne humana, mas de intelecto humano”.
 “Ah! Minha querida, carne humana! Você me perturba bastante; se sua intenção é atacar o tráfico de escravos, asseguro-lhe que o sr. Suckling sempre foi bastante favorável à abolição.”
 “Eu não quis dizer isso, não estava pensando no tráfico de escravos”, respondeu Jane.
 “Referia-me apenas ao tráfico de preceptoras, garanto-lhe; certamente, uma coisa é muito diferente da outra quando a questão é a culpa de quem realiza; mas, quando é a infelicidade das vítimas, aí eu não sei onde ela é maior. Mas quis apenas dizer que existem escritórios que publicam anúncios e que, utilizando-os, eu sem dúvida muito em breve encontrarei algo razoável” (Austen, 2020b, p. 403).

Em *Emma*, Jane Austen mais uma vez denuncia a chaga do império inglês ao insinuar o trabalho escravo. É uma crítica sutil que lembra Fanny Price no romance anterior. Nota-se que o comentário perturba uma senhora que se acha importante naquela sociedade de aparências, e a denúncia, precisamente, parte de onde mais é sentido o peso da injustiça, parte da inteligente, porém desamparada Jane Fairfax, assim como de Fanny Price, em *Mansfield Park*.

Emma cresce na compreensão do mundo e entende que as pessoas têm seus próprios problemas e ela não é o centro de tudo como pensava e percebendo que uma mulher tão inteligente como Jane Fairfax é tão injustiçada, diz com piedade: “Dessas mulheres quase se pode dizer: ‘o mundo não é delas e nem a lei do mundo’” (Austen, 2020b, p. 516). A voz narrativa evidencia, portanto, que uma mulher naquele período tem muito pouca chance de ser independente. Mesmo que seja instruída e tendo como perspectiva de vida dar aulas para crianças em famílias abastadas, ela não será capaz de se manter com o seu salário; será sempre dependente, a não ser que encontre um marido que a tire dessa situação³¹.

³¹ Esse tema sobre preceptoras também podemos encontrar em romances vitorianos como *Jane Eyre* (1847) e *Agnes Grey* (1850), das irmãs Charlotte e Anne Brontë.

Ao longo do romance o leitor se defronta com uma personagem mimada e, por seu egoísmo, Emma parece ser a menos querida de todas as heroínas austenianas. Entretanto, mais uma vez a criadora trata sua criatura como uma filha e escreve à sua sobrinha que tinha dado à luz: “Minha querida Anna, como desejo muito ver sua Jemima, tenho certeza que você gostará de ver minha Emma, e, portanto, tenho grande prazer em enviá-la para que você a leia” (Austen, 2014a, p. 323)³².

Após a publicação de *Emma*, Austen é resenhada, reconhecida, e seu estilo louvado. Katie Halsey informa que na resenha de *Emma*, no *Quartely Review*³³, do dia 14 de março de 1816, Walter Scott: “observou que, em sua opinião, o 'mérito' da autora estava em uma 'narrativa conduzida com muita clareza e precisão, e um diálogo tranquilo, mas cômico, no qual as falas dos personagens evoluem com efeito dramático” (Halsey, 2013, p. 97)³⁴. Ainda sobre essa resenha, Paula Byrne aponta que Scott elogia o estilo realista de Austen que se afasta da ficção gótica e do sentimentalismo: “nem alarmando nossa credulidade, nem divertindo nossa imaginação com desvairada variedade de incidente [...] apresentando ao leitor, [...] uma representação correta e impressionante daquilo que ocorre diariamente” (Byrne, 2018, pp. 355-356).

Para Paula Byrne, Austen teria ficado grata a Scott por essa resenha que levou em conta seus dois primeiros romances, mas lamentado que o criador do romance histórico não citou a obra anterior, *Mansfield Park*. Essa informação está registrada em uma carta de Austen endereçada a Murray: “A autora de *Emma* não tem motivos para reclamar de seu tratamento para com ela – exceto na total omissão de *Mansfield Park*. – Não posso deixar de lamentar que um homem tão inteligente como o Revisor de *Emma* considere-o indigno de menção” (Austen, 2014a, p. 327)³⁵. De acordo com Sandra Vasconcelos, a resenha de Walter Scott em 1816, e depois a de Richard Whately em 1821, ambas na bem conceituada *Quartely Review* definiram sobre a literatura de Austen: “os termos em que ela viria a ser lida ao longo do século XIX” (Vasconcelos, 2016, p. 139).

³² Tradução minha. Original: “My dear Anna, As I wish very much to see your Jemima, I am sure you will like to see my Emma, & have therefore great pleasure in sending it for your perusal.”

³³ Pertencia a John Murray, editor de *Emma*, e era à época o mais importante periódico literário, segundo Byrne.

³⁴ Tradução minha. Original: “in his review of *Emma*, Walter Scott noted that in his view, the 'merit' of the author lay in 'a narrative conducted with much neatness and point, and a quiet yet comic dialogue, in which the characters of the speakers evolve themselves with dramatic effect.”

³⁵ Tradução minha. Original: “The Authoress of Emma has no reason I think to complain of her treatment in it – except in the total omission of *Mansfield Park*. – I cannot but be sorry that so clever a Man as the Reviewer of Emma, should consider it as unworthy of being noticed.” Observação: Le Faye (2014) informa em uma nota (p. 457) que o Revisor de *Emma* a quem Austen se refere é Sir Walter Scott.

A recepção da obra de Jane Austen durante sua vida é predominantemente positiva. Mesmo sem assinar seu nome, as pessoas mais próximas sabiam de quem se tratava. De acordo com Katie Halsey: “Os primeiros críticos também notaram o ‘grande espírito’ de *Orgulho e Preconceito*, a ‘tensão do humor genuinamente natural’ e as qualidades ‘divertidas’ de *Emma*, e o ‘humor delicado’ de *A abadia de Northanger* e *Persuasão*” (Halsey, 2013, p. 98)³⁶. Entretanto, a biógrafa Claire Tomalin (2012) observa que a intelectual e romancista francesa Madame de Staël (1776-1817): “expressou sua opinião de que os romances de Austen eram *vulgares*, muito próximos da vida provinciana inglesa que ela detestava por sua estreiteza e monotonia” (Tomalin, 2012, p. 243)³⁷.

A recepção de Austen que exponho neste tópico diz respeito ao público leitor contemporâneo à escritora. Porém, anos depois, a romancista Charlotte Brontë (1816-1855) questiona e expõe sua opinião ao filósofo e crítico literário George Henry Lewes (1817-1878), que resenhou e elogiou os romances austenianos. Abaixo pode-se ler a pergunta que Brontë faz a Lewes e os comentários dos editores da coleção de cartas da Biblioteca Britânica:

‘Por que você gosta tanto da Srta. Austen?’ Em sua resenha para a *Fraser's Magazine*, Lewes deu a opinião de que Jane Austen e Henry Fielding foram os maiores romancistas da língua inglesa. A opinião de Brontë, expressa nesta carta, era contrária: que Austen era ‘apenas astuta e observadora’, não profunda. Para ela o retrato da vida de Austen em *Orgulho e Preconceito* (1813) é como uma fotografia de ‘um jardim cuidadosamente cercado, altamente cultivado, com bordas bem cuidadas e flores delicadas – mas nenhum vislumbre de uma fisionomia vívida brilhante – nenhum campo aberto – sem ar fresco – sem colina azul – nenhum riacho alegre. Para Brontë, a observação e a experiência vivida tinham que ser combinadas ao voo imaginativo’ (Cartas de Brontë para Lewes, Biblioteca Britânica, 1847-1850)³⁸.

A escritora vitoriana Charlotte Brontë, cujos escritos são carregados de densa paixão, questionava sobre os motivos dos críticos apreciarem uma escrita sóbria que evidencia acontecimentos domésticos. O máximo de paixão que Austen colocou em sua literatura está nas poucas linhas de seus romances quando, por exemplo, o Sr. Darcy em *Orgulho e preconceito* se declara a Elizabeth ao dizer: “são ardentes o meu amor e a minha admiração por você”

³⁶ Tradução minha. Original: “Early critics, too, noted the ‘great spirit’ of *Pride and Prejudice*, ‘the strain of genuine natural humour’ and ‘amusing’ qualities of *Emma*, and the ‘delicate humour’ of *Northanger Abbey* and *Persuasion*.”

³⁷ Tradução minha. Original: “expressed her view that Austen’s novels were *vulgaire*, too close to the English provincial life she detested for its narrowness and dullness.”

³⁸ Tradução minha. Original: “‘Why do you like Miss Austen so very much?’ In his review for *Fraser’s Magazine*, Lewes gave the opinion that Jane Austen and Henry Fielding were the greatest novelist in the English language. Brontë’s opinion expressed in this letter, was to the contrary: that Austen was ‘only shrewd and observant’, not profound. She found Austen’s portrait of life in *Pride and Prejudice* (1813) to be like a photograph of ‘a carefully-fenced, highly cultivated garden with neat borders and delicate flowers – but no glance of a bright vivid physiognomy – no open country – no fresh air – no bleu hill – no bonny beck’. For Brontë, observation and lived experience had to be coupled with imaginative flight.”

(Austen, 2011, p. 313); ou também em *Persuasão*, quando o apaixonado capitão Wentworth, em uma carta, se declara à Anne: “Você me fere a alma: sou meio agonia, meio esperança” (Austen, 2019, p. 221); ou ainda quando em *Emma* o Sr. Knightley pede Emma em casamento ao declarar sua afeição: “Se eu a amasse menos, talvez conseguisse falar mais no assunto” (Austen, 2020b, p. 548). É como se a voz narrativa preferisse deixar certas cenas por conta da criatividade do leitor. Podemos inferir que, em Austen, o silêncio nas cenas mais bonitas e tocantes não é inaudível, pelo contrário, é um convite ao leitor a utilizar a imaginação.

Segundo Catherine Reef: “Com o avanço do século XIX, os audaciosos romances de Charles Dickens, Charlotte Brontë e outros grandes escritores da Era Vitoriana abafaram a voz sóbria de Jane Austen” (Reef, 2014, p. 211). Contemporânea a Wollstonecraft, é possível que tenha sido influenciada pelos textos seminais de reivindicações feministas por evidenciar a racionalidade da mulher e denunciar seu confinamento. Observando as críticas das escritoras Staël e Brontë, que veem um certo ‘sufocamento’ em Austen, faz-se importante a reflexão de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020), cuja crítica literária vai ao cerne da questão da mulher escritora, no momento histórico do século XIX e nos permite compreender certas posturas:

Austen faz de seu próprio confinamento uma virtude, como suas heroínas também farão. Ao explorar as próprias convenções que ela expõe como inadequadas, ela demonstra o poder do patriarcado, bem como a ambivalência e o confinamento da mulher escritora. Ela também descobre um subterfúgio eficaz para uma crítica severa de sua cultura. Pois mesmo enquanto ela dramatiza sua própria alienação em uma sociedade de que ela não pode fugir ou transcender, ela subverte as convenções da ficção popular para descrever a vulnerabilidade solitária de meninas cujas vidas, embora mais mundanas, são tão frustradas quanto aquelas sobre as quais elas leem tão obsessivamente (Gilbert; Gubar, 2020, p. 121)³⁹.

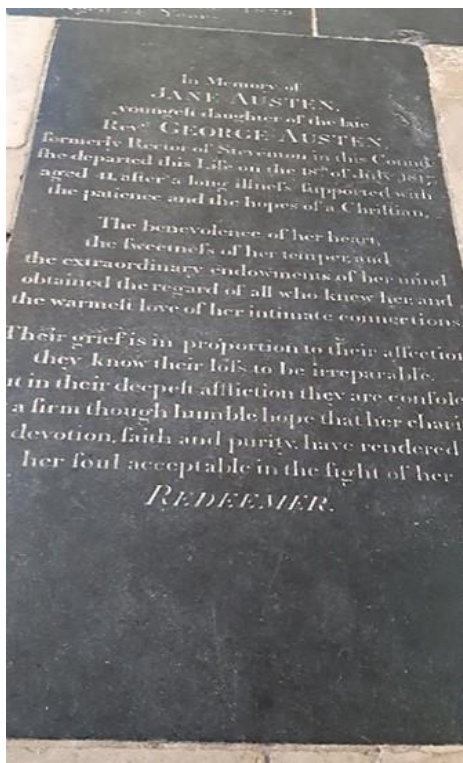
As estudiosas Gilbert e Gubar escrevem sobre o confinamento da mulher no espaço da casa, enquanto ao homem era permitido desbravar o mundo, denunciando assim o patriarcado que, desde muito tempo, mantém as regras de poder e dependência entre os sexos. Tal dependência na vida se reflete na literatura; é o que aponta a psicanalista Maria Rita Kehl (2016) quando afirma que: “em 1837 [...] Aurore Dupin, conhecida como George Sand, que, numa carta ao amigo Frédéric Girard, refere-se a seu imenso orgulho, o qual ‘poderia ter me levado a um destino heroico, se eu não tivesse tido a infelicidade de nascer mulher’” (Kehl, 2016, p. 48). George Sand (1804-1876) tem consciência do que está afirmando, exatamente duas décadas

³⁹ Tradução minha. Original: “Austen makes a virtue of her own confinement, as her heroines will do also. By exploiting the very conventions she exposes as inadequate, she demonstrates the power of patriarchy as well as the ambivalence and confinement of the female writer. She also discovers an effective subterfuge for a severe critique of her culture. For even as she dramatizes her own alienation from a society she cannot evade or transcend, she subverts the conventions of popular fiction to describe the lonely vulnerability of girls whose lives, if more mundane, are just as thwarted as those they read about so obsessively.”

após a morte de Jane Austen. Uniria a inglesa sua voz à francesa nesta afirmação? Sua família tenta preservar sua memória de moça obediente. Margaret Oliphant (1828-1897) dirá que a família da escritora teve: “atitudes ambivalentes em relação à fama literária de Austen [...], a família ficou parcialmente envergonhada em saber que ela não era apenas uma jovem como as outras, fazendo seus bordados” (Oliphant, 1990 *apud* Halsey, 2013, p. 174)⁴⁰.

Em 1816, Jane Austen adoece. Em maio de 1817, acompanhada por sua irmã, vai a Winchester, cidade mais evoluída próxima a Chawton, para estar mais perto dos médicos. No dia 18 de julho de 1817 Jane Austen faleceu, com sua irmã Cassandra ao seu lado. Pelos sintomas descritos em suas cartas, houve posteriormente quem sugerisse ser a Doença de Addison, mas a medicina da época não conhecia seu diagnóstico e até hoje os estudiosos desconhecem a real causa de sua morte. Ela está sepultada na catedral de Winchester.

Imagem 9 – Lápide do túmulo de Jane Austen – Catedral de Winchester/Hampshire



Em memória de
JANE AUSTEN
filha mais nova do falecido
Reverendo GEORGE AUSTEN,
ex-reitor de Steventon, neste Condado
ela partiu desta vida em 18 de julho de 1817,
aos 41 anos, após longa doença suportada com
a paciência e as esperanças de uma Cristã.

A benevolência de seu coração,
a doçura de seu temperamento, e,
os dons extraordinários de sua mente
obtiveram a consideração de todos que a conheciam e
o amor mais caloroso dos que lhes eram íntimos.

Destes, a dor é proporcional à sua afeição
eles sabem que sua perda é irreparável,
mas em sua mais profunda aflição eles são consolados
por uma esperança firme, embora humilde, de que sua caridade,
devoção, fé e pureza tornaram
sua alma aceitável aos olhos de seu
REDENTOR⁴¹.

Fonte: Arquivo pessoal (04/05/2019)

⁴⁰ Tradução minha. Original: “ambivalent attitude towards Austen's literary fame [...] the family were half ashamed to have it know that she was not just a young lady like the others, doing her embroidery.”

⁴¹ Tradução minha. Original: “In Memory of / JANE AUSTEN / youngest daughter of the late / Revd GEORGE AUSTEN, / formerly Rector of Steventon in this Country/ she departed this life on the 18th July 1817, / aged 41, after a long illness supported with / the patience and the hopes of a Christian. / The benevolence of her heart, / the sweetness of her temper, and / the extraordinary endowments of her mind / obtained the regard of all who knew her and / the warmest love of her intimate connections. / Their grief is in proportion to their affection / they know their loss to be irreparable, / but in their deepest affliction they are consoled / by a firm though humble hope that her charity, / devotion, faith and purity have rendered / her soul acceptable in the sight of her / REDEEMER”.

Segundo Claire Tomalin (2012), quando Jane Austen morreu, aos quarenta e um anos de idade, ela foi enterrada na Catedral de Winchester possivelmente por influência de seu irmão Henry: “Certamente foi Henry quem pediu permissão para que sua irmã fosse enterrada na catedral; por mais ilustre que isso seja, ela poderia ter preferido o cemitério da igreja de Steventon ou Chawton” (Tomalin, 2012, p. 274)⁴². De acordo com Tomalin, Henry era reverendo em Chawton, conhecia o bispo, e seu pai também havia sido clérigo em Hampshire; seus outros irmãos eram homens influentes: James era reverendo em Steventon; Edward era cavalheiro e senhor de muitas terras; Frank e Charles eram capitães da Marinha britânica. Os homens da família colocaram uma lápide escrita no túmulo da irmã, evidenciando sua devoção de moça obediente e religiosa, sem mencionar diretamente seu ofício de escritora. Por sua vez, Cassandra, irmã próxima da autora, com quem ela se correspondia e confidenciava quando estavam longe uma da outra, queimou a maioria das cartas da irmã: “preocupada em manter uma imagem de sobriedade e equilíbrio, tão ao gosto do século XVIII” (Lobo, 2019, p. 8).

Em dezembro de 1817, passado meio ano da morte de Jane Austen, Henry Austen publica, em quatro volumes, *A abadia de Northanger* e *Persuasão*, pela editora John Murray, mas a publicação sai com a data do ano seguinte. A obra é publicada como: “pelo autor de *Orgulho e preconceito* e *Mansfield Park*”⁴³.

Assim como nas primeiras obras, nesses dois romances póstumos há traços de subversão feminina, tanto na voz narrativa, quanto na voz da protagonista e de outras personagens. Neste ponto chamo a atenção para uma breve análise de *A abadia de Northanger* que, escrito na juventude, foi publicado juntamente com o último romance completo, *Persuasão*, obra que, por conta de certas singularidades de tradução e circulação, será analisada nos capítulos seguintes.

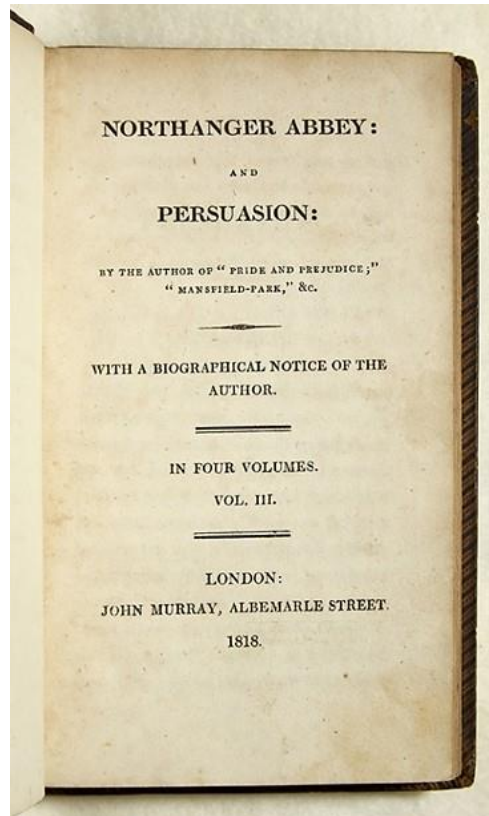
Colasante (2005) afirma que: “a função da paródia em *Northanger Abbey* não é a de ridicularizar nem tampouco atacar o gênero romanesco, [...], mas, sim, destacar que a literatura não é a vida real e, para isso, Jane Austen utiliza-se habilmente de seu irônico narrador” (Colasante, 2005, p. 37). É notório que Austen faz uma defesa do romance como gênero e também uma defesa a quem escreve esse tipo de literatura, colocando-se entre o grupo de escritores: “Não nos abandonemos mutuamente; somos um grupo difamado. Embora nossas produções ofereçam um prazer mais prolongado e genuíno do que o proporcionado por qualquer outro contingente de literatos no mundo” (Austen, 2022, p. 62).

⁴² Tradução minha. Original: “It was Henry surely who sought permission for their sister to be buried in the cathedral; splendid as it is, she might have preferred the open churchyard at Steventon or Chawton.”

⁴³ Tradução minha. Original na folha de rosto: “By the author of *‘Pride and prejudice’*, *‘Mansfield Park.’*”

Na imagem abaixo pode-se observar que o nome da escritora ainda não está exposto; contudo, essa edição póstuma traz uma nota biográfica da autora, o que pode ser entendido como uma sutil saída da escritora do anonimato autoral.

Imagem 10 – Folha de rosto da 1ª edição de *A abadia de Northanger e Persuasão* – Londres, 1818



Acervo da Jane Austen's House

Fonte: <https://janeaustens.house/persuasion/#&gid=1&pid=1>

Austen tinha consciência de que o gênero romance, diferente da poesia, não estava no panteão literário e os romances, principalmente os escritos por mulheres, sofriam preconceitos, como afirma Kirkham (1997) e *A abadia de Northanger*, de acordo com a pesquisadora, indica: “uma consciência sobre o viés sexista na 'Tradição' e na forma como obras escritas por mulheres eram recebidas por revisores. Isto inclui, no capítulo V, uma passagem notável em que o romance é defendido contra seus detratores” (Kirkham, 1997, p. 67)⁴⁴.

Mesmo sendo o romance fonte de consumo e deleite, a voz narrativa faz algumas inferências e denúncias que ilustram esse preconceito, como no trecho: “E o que estará lendo,

⁴⁴ Tradução minha. Original: “*Northanger Abbey* shows an awareness of sexist bias in 'the Tradition' and in the way that works written by women were received by reviewers. It includes in chapter V a remarkable passage in which the novel is defended against its detractors.”

srta. ____? ‘Ah! Nada, só um romance!’”, responde a jovem, largando o livro com indiferença fingida, uma vergonha momentânea. ‘É só *Cecília*, ou *Camilla*, ou *Belinda*’” (Austen, 2022, pp. 62-63). Jane Austen aventurando-se no mundo da escrita defende a causa e exalta outras companheiras de ofício: Frances Burney e Maria Edgeworth, autoras dos romances citados no trecho. De acordo com Colasante:

É interessante notar que, embora Austen também se utilize de alguns autores, como Samuel Richardson ou Samuel Johnson, através de alusões similares, são normalmente três obras da mesma autora que aparecem com maior frequência integradas a seus enunciados, *Camilla* (1796), *Evelina* (1778) e *Cecilia* (1782), todas de Fanny Burney (Colasante, 2005, p. 20).

Em *A abadia de Northanger*, Jane Austen parodia o romance gótico⁴⁵. As narrativas góticas, de acordo com Tassiane Santos (2022): “atingiriam o ápice em *Os mistérios de Udolpho* (1794) de Ann Radcliffe (1764-1823), marcando presença também em parte dos romances vitorianos” (Santos, 2022, p. 38). A heroína do romance de Austen é a jovem Catherine Morland que: “leitora voraz de romances góticos, passa a misturar indiscriminadamente elementos da realidade com ficção” (Colasante, 2005, p. 27). Aqui a voz narrativa chama a atenção para a imaturidade de Catherine, que acredita em tudo o que lê, enquanto os rapazes que também fazem esse tipo de leitura, se divertem. Segundo Renata Colasante:

Com essa produção em massa de romances góticos para abastecer o mercado consumidor, apesar de sua fórmula para estimular o terror ter tido sucesso e revelado o talento de escritores importantes na história do gênero como foi o caso de Ann Radcliffe, o mecanismo repetitivo acabou se tornando aparente a ponto de transformar o medo em algo cômico, o que por vezes os tornava paródias de si mesmos, e os tornaram um alvo fácil para escritores como Jane Austen. É precisamente esse aviltamento do estilo gótico que a autora parece querer criticar (Colasante, 2005, p. 30).

Além de defender o gênero romance, juntamente com seus escritores, e fazer paródia do gótico, muito popular naquele momento, *A abadia de Northanger* critica o comércio livreiro por banalizar a escrita e os escritores, pois, em nome do lucro, repetia mecanismos que tornava o medo em algo cômico, como afirma Colasante.

⁴⁵ O vocábulo gótico, segundo Genilda Azerêdo (2022), vai adquirindo vários significados ao longo do tempo, são eles: “invasor, destruidor; inimigo da civilização; irracional, primitivo; desordenado; bárbaro. No contexto da literatura inglesa do século XVIII, o gênero gótico oferece oposição aos parâmetros de razão e racionalidade característicos do Século das Luzes e, ao produzir uma literatura em que o estranho (seja através de monstros, vampiros, fantasmas) se faz presente, contribui para questionar as certezas do progresso humano, preconizadas pelos seguidores da literatura clássica” (Azerêdo, 2022, p. 11).

Catherine é uma heroína ingênua que gosta de ler romances góticos. Ela é uma jovem que está saindo da adolescência e viaja com seus vizinhos, o Sr. e Sra. Allen, para Bath, onde ela conhece alguns amigos, entre eles Henry Tilney, protagonista que irá auxiliá-la em seu percurso formativo, e sua irmã Eleanor. Os jovens apreciam a leitura de romances; ele tem formação adequada para saber distinguir o real e o ficcional e por isso é um ardoroso defensor desse tipo de obra: “A pessoa, seja homem ou mulher, que não sente prazer ao ler um bom romance há de ser de uma estupidez intolerável” (Austen, 2022, p. 141). Depois de um certo tempo em Bath, Catherine é convidada pelo General Tilney, pai de Henry e Eleanor, a ficar um tempo na abadia⁴⁶ de Northanger, onde mora com seus filhos. Ela então acha maravilhoso poder visitar uma abadia de verdade e passar uns dias com seus novos amigos.

Com o passar dos dias, a heroína percebe que aquela família é triste, pois a esposa do general já é falecida. Esse fato faz com que a imaginação de Catherine, alimentada por suas fantasiosas leituras, logo desconfie que o assassino da mãe de Eleanor e Henry pode ser o próprio pai de seus amigos. Aos poucos ela começa a se aventurar na abadia em busca de provas para suas suspeitas e então o filho do general percebe a intenção dela e a repreende firmemente: “Cara srta. Morland, pense na terrível natureza das suspeitas que a senhora nutriu [...]. Pense no país e na época em que vivemos. Lembre-se de que somos ingleses e cristãos. [...] nossa formação nos prepara para tais atrocidades? Nossas leis são coniventes com elas?” (Austen, 2022, p. 239). Catherine sente vergonha pela repreensão que seu amigo lhe faz, porém, conforme avança a narrativa, os fatos vão mostrando que as leis e a religiosidade não são garantias de civilidade e nem de bondade.

Dessa forma, há uma mudança brusca na postura do general e, em sua desumanidade, expulsa Catherine da abadia, pelo motivo da jovem não ser herdeira de uma grande fortuna para ser digna de casar-se com seu filho, como ele havia imaginado. É possível dizer que ele, sendo um general, representa os interesses da Inglaterra sempre em busca de dinheiro. Dessa forma, comete uma grande violência, pois a moça volta sozinha para sua casa, enfrentando o medo dos perigos que poderia passar ao viajar desacompanhada: “Expulsa de casa, e daquele modo! Sem nenhum motivo que pudesse justificar [...]. A maneira como a coisa fora feita era tão desprovida de qualquer traço de civilidade; fazê-la partir às pressas” (Austen, 2022, pp. 270-271).

⁴⁶ Abadias são mosteiros grandiosos onde os monges católicos moravam. Com as reformas no Cristianismo da Inglaterra e a ruptura com Roma, Henrique VIII dissolveu, no século XVI, a organização desses mosteiros, os monges foram expulsos e as terras da Igreja Católica foram distribuídas entre os nobres do reino inglês. (Cf. Burgess, 2005).

Em Jane Austen, as personagens ricas ou com aparência de nobreza são, muitas vezes, as vilãs e as mais tiranas. Para Genilda Azerêdo (2022):

Quando o pai do rapaz expulsa Catherine de casa, da forma mais hostil, humilhante e cruel possível, apenas por ter descoberto que se equivocara a seu respeito, seria a vez de Henry rever sua avaliação sobre a educação, a liberdade de imprensa e as leis existentes em seu país. Então os ingleses, definidos por Henry como cristãos, não cometem atrocidades? Percebemos que o discernimento e a racionalidade do rapaz são limitados e, por esse motivo, também podem ser incluídos como alvo da paródia de Austen. É como se a narrativa implicitamente nos dissesse que, embora aquele não seja um enredo gótico, também é habitado por seres “monstruosos” e “horrendos”. O “gótico” não se encontra tão distante da suposta vida comum (Azerêdo, 2022, p. 24)

Renata Colasante (2005) também indica que a capacidade imaginativa e fantasiosa de Catherine Morland não é totalmente errônea. Ela percebe a mesquinhez do general, e mesmo que ele não seja exatamente um assassino, como nos romances góticos, também não é tão honrado nos padrões civilizatórios quanto seu filho demonstra saber. Dessa forma, a autora parece querer chamar a atenção e criticar a mesquinhez e a hipocrisia social. A voz narrativa faz críticas à sociedade, aparentemente civilizada, por atos incivilizados e maldosos, onde o mal acontece não exatamente como resultado de fenômenos sobrenaturais e fantasmagóricos, mas como resultado da ganância do homem. Desse modo, os dois protagonistas crescem na compreensão de si e dos acontecimentos e, dentro dessa compreensão mútua, eles são dignos um do outro. De acordo com Colasante:

Assim, não é apenas Henry que ajuda Catherine a atingir um nível maior de racionalidade e desenvolvimento intelectual, mas também Catherine contribui para elucidar um ponto em que o herói também havia se equivocado. [...], elemento essencial para que haja o encontro romântico final das personagens (Colasante, 2005, p. 71).

Jane Austen herda uma literatura escrita por homens; os livros sagrados foram escritos por homens inspirados por Deus; os filósofos, desde a Grécia antiga, são homens; os pais da Igreja que escreveram sermões também. Os escritos literários das antigas epopeias e mitologias, são de autoria masculina. O homem, feito à imagem e semelhança de Deus, é descrito como um sujeito aventureiro e forte; já a mulher, tirada da costela do homem, é incompleta, frágil, necessitada de um protetor. A verdade é que, fisicamente, o homem é mais forte, com uma estatura maior, seus músculos mais desenvolvidos, sua capacidade pulmonar também. Contudo, na história humana, faltou igualdade nas oportunidades de desenvolvimento intelectual, igualdade de instrução e educação e, conseqüentemente, igualdade de poder financeiro, que o homem teve desde sempre e a mulher, por ser classificada como incapaz, não teve. A única

capacidade que o homem viu na mulher foi a reprodutiva, e por isso, ela foi orientada a ficar no espaço da casa, seu lugar era a *domus*, casa no latim, cuidando dos bens do *dominus*, senhor, e dos seus filhos. Contudo, Virginia Woolf afirma que a mulher da literatura era bem diferente da mulher na vida real. Nas palavras de Woolf, a mulher: “permeia a poesia de capa a capa; [...]. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiasse um anel no dedo” (Woolf, 2014, p. 66).

Se a mulher é frágil no seu modo de ser e agir é porque a ela não foi permitido se desenvolver intelectualmente. Portanto, Austen escreve de um modo que questiona algumas verdades da sociedade patriarcal em que vive e coloca em evidência o que se passa no espaço doméstico. Ela traz ao centro da cena literária o protagonismo das mulheres, evidenciando a amizade de suas personagens femininas. Kate Halsey afirma que:

Ilona Dobosiewicz, de fato, lê os romances de Jane Austen como constituintes e sustentadores de uma forte crítica da ‘mentira patriarcal’ perpetuada pela literatura de conduta do século XVIII. Ela sugere que Austen rejeitou sistematicamente a ideologia do livro de conduta para postular uma nova forma de domesticidade baseada no relacionamento exclusivamente feminino: mães e filhas, irmãs e amigas (Halsey, 2013, p. 35)⁴⁷.

Katie Halsey e Ilona Dobosiewicz reforçam que Jane Austen eleva ao primeiro plano o protagonismo e a amizade entre as mulheres; o leitor confere essa verdade em *A abadia de Northanger* ao observar a sólida amizade entre Catherine e Eleanor. Nos outros romances a amizade entre as personagens femininas também é clara e marcante. Em *Razão e sensibilidade* nota-se a bonita amizade entre as irmãs Elinor e Marianne; em *Orgulho e preconceito* observa-se a encantadora relação fraterna entre Jane e Elizabeth e entre Elizabeth e Charlotte; em *Mansfield Park* Fanny é amiga e protetora de sua irmã Susan; em *Persuasão* se percebe uma amizade fiel, dos tempos da escola, entre Anne e a Sra. Smith. Essas relações de amizade são de grande importância para as personagens pelo apoio e crescimento mútuo. Apenas em *Emma* não se nota isso. As amigas da jovem Emma, protagonista do romance homônimo, são sempre bajuladoras. Apenas o Sr. Knightley é o amigo que mostra a ela muitas vezes a dura realidade e não tem medo de chamar sua atenção, quando necessário.

Por escrever uma literatura voltada para questões femininas e domésticas, os estudiosos afirmam que Austen foi esquecida por um certo período, porém, de acordo com Vasconcelos,

⁴⁷ Tradução minha. Original: “Ilona Dobosiewicz, indeed, reads Jane Austen’s novel as constituting a sustained critique of the ‘patriarchal canard’ perpetuated by eighteenth-century conduct literature. She suggests that Austen systematically rejected the ideology of the conduct book in order to posit a new form of domesticity based on female-only relationship: mothers and daughters, sisters and female friend.”

a publicação da primeira biografia da romancista: “teve o mérito de fomentar o interesse pela vida e época de Austen e estimular um ciclo de revisão crítica da obra do qual o melhor exemplo é o ensaio do especialista shakespeariano Richard Simpson, publicado também em 1870” (Vasconcelos, 2020, p. 10). Segundo a pesquisadora brasileira, Simpson foi o primeiro estudioso que apontou a ironia como traço característico da escrita austeniana. Ainda para Vasconcelos: “A edição da obra completa de Jane Austen empreendida entre os anos de 1920 e 1950 foi o passo fundamental para incluir de vez seus romances no cânone literário” (Vasconcelos, 2020, p. 10).

Ao que parece, o interesse continua a crescer e, “com o passar das décadas, os leitores das novas gerações sentem-se mais próximos de Jane do que os da geração anterior” (Reef, 2014, pp. 212-213). É a dinâmica da recepção que, de acordo com Roger Chartier: “a recepção também inventa, desloca e distorce” (Chartier, 2017, p. 9). Pode-se observar, nesse movimento, os escritos produzidos por mulheres, pois a partir do século XIX, com a sociedade cada vez mais atenta às mazelas herdadas do patriarcado, a luta feminista lança luzes nas pioneiras que ousaram escrever, abriram caminhos e mostraram que é possível resistir ao silenciamento presente na história.

Woolf vai além quando insinua: “arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher” (Woolf, 2014, p. 73). Dessa forma, o que era anônimo tornou-se evidente e a luta das mulheres por direitos iguais entre os sexos ganhou força e adquiriu notoriedade; mas essas reivindicações ainda se fazem necessárias nos dias atuais, pois, enquanto em alguns lugares os salários entre homens e mulheres que exercem as mesmas funções são iguais, ainda há lugares cujo regime político, baseado no fanatismo religioso, é autoritário, com isso, as meninas são proibidas de irem à escola; reprimidas de todas as formas, continuam por toda a vida sob a dependência masculina.

Observando a trajetória literária de Jane Austen, sua educação e incentivos literários por intermédio do pai, as publicações com o auxílio do irmão, o anonimato em suas obras por ela ser uma mulher solteira, podemos inferir que as relações de poder em seu tempo e sociedade eram regidas e orquestradas pelos homens. Contudo Janet Todd (2006) afirma que Austen entrou no mercado literário em um momento de crescente autoria feminina. De acordo com a pesquisadora, somente nas décadas após sua morte é que os homens retomariam a proeminência na escrita literária. Naquela sociedade cujo único ofício decente para uma mulher era ser esposa e mãe, Austen não se intimidou e seguiu suas contemporâneas escritoras rompendo barreiras. Em sua lápide consta que ela possuía uma mente cujos dons eram extraordinários e isso pode indicar, de maneira sutil, sua arte literária; contudo, observa-se que há um esforço da família

em evidenciar que ela era uma pessoa amável, religiosa e de coração benevolente. Somente no ano de 1872, seu sobrinho e biógrafo colocou uma placa na parede da catedral, ao lado de seu túmulo, com a primeira frase informando ao visitante que ela era uma escritora: “Jane Austen, por muitos conhecida pelos seus escritos, querida de sua família [...]”⁴⁸.

Com o passar dos tempos, as mudanças sociais, a valorização do gênero romance e as lutas reivindicatórias das mulheres, se tornou possível sua libertação para voar ao cume do cânone literário, visto que seus romances têm tido sucesso editorial aonde chegam, haja vista as muitas e variadas edições e publicações, bem como adaptações para o cinema. De acordo com Catherine Reef: “Jane Austen abriu um novo território para os romancistas (e diretores de cinema) ao escrever sobre pessoas comuns e coisas que acontecem todos os dias” (Reef, 2014, p. 216). Ainda no século XIX seus romances foram traduzidos para o francês, mas apenas um deles foi vertido ao português europeu e essa tradução circulou no Brasil do Oitocentos. Esse é o assunto do capítulo seguinte.

⁴⁸ Tradução minha. Original: “Jane Austen known to many by her writings, endeared to her Family [...]”

CAPÍTULO 2 – DE PARIS A RECIFE: CAMINHOS DA TRADUÇÃO DE *PERSUASION* E CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

Ao ler o original a ser traduzido, o tradutor faz uma avaliação criteriosa dos elementos do original que têm que ser reconstruídos, [...] ao mesmo tempo, ele é obrigado a considerar, de modo realista, quais desses elementos podem de fato ser recriados – ou mais exatamente, quais ele se sente capaz de recriar.

Paulo H. Britto, A tradução literária, 2022.

Após discorrer sobre as primeiras publicações e recepção dos romances de Jane Austen na Inglaterra regencial, busco demonstrar neste capítulo, com base no estudo de Sandra Vasconcelos (2016), bem como em pesquisas na Hemeroteca Digital, como, onde e quando ocorreu a primeira circulação de uma obra austeniana traduzida para o português europeu, que chegou ao Brasil através do comércio livreiro, em meados do século XIX. Após a circulação dessa obra, Jane Austen passa a ser resenhada pelos intelectuais brasileiros nas páginas literárias dos principais jornais do país; o que se tem na sequência é a primeira tradução ao português brasileiro de *Orgulho e preconceito*.

Sobre as primeiras traduções de Jane Austen na Europa informa Sandra Vasconcelos: “Surpreendentemente, não foi em território francês, no entanto, mas em Genebra que os romances de Austen circularam em outra língua, que não o inglês, pela primeira vez” (Vasconcelos, 2016, p. 140). Vasconcelos chama a atenção para o fato de que essas publicações não traziam a obra completa, mas sim excertos que melhor se adequavam aos objetivos do jornal. De acordo com Vasconcelos: “O periódico mensal suíço *Bibliothèque Britannique* [...] foi o responsável pela publicação de trechos extraídos de *Pride and Prejudice* nos seus números de julho a outubro de 1813 e *Mansfield Park*, entre abril e julho de 1815” (Vasconcelos, 2016, p. 140). A Suíça naquele período histórico buscava contestar o poder imperialista de Napoleão e, dentre outros artificios, utilizava a literatura para atingir esse fim traduzindo romances da Inglaterra, país que, na opinião dos suíços, tinha uma literatura superior à literatura francesa.

Orgulho e preconceito é publicado em Londres em 1813 e, no mesmo ano, alguns trechos são traduzidos nesse jornal suíço, o qual todos consideravam, segundo Vasconcelos, um símbolo da anglofilia genebrina; seu teor era de cunho científico e literário. Vasconcelos (2016)

afirma que os editores genebrinos recebiam as novidades vindas de Londres e traduziam as passagens literárias que mais correspondiam às intenções pedagógicas da revista para com seu público leitor. Assim, “É provável que tenha sido nesse periódico que Isabelle de Montolieu tomou conhecimento de Jane Austen, cujo *Pride and prejudice*, de acordo com os editores, havia obtido boa recepção junto ao público” (Vasconcelos, 2016, p. 142)⁴⁹.

Depois que madame de Montolieu conhece trechos da obra de Austen, possivelmente por meio do periódico suíço, ela entrará em contato com os romances originais e fará uma “tradução livre” do inglês de *Sense and sensibility*, em 1815, que ganha o título de *Raison et sensibilité, ou les deux manières d’aimer*, e de *Persuasion* (obra que aqui nos interessa), mudando o título para *La famille Elliot, ou L’ancienne inclination*⁵⁰. Essa tradução de *Persuasion* foi editada e publicada pela Arthus-Bertrand, em Paris, nos anos de 1821 e 1828.

O termo “tradução livre” aparece na folha de rosto da tradução francesa. Sobre essa expressão, a professora Vasconcelos aponta que, naquele contexto: “designa uma forma de transposição que se permite cortes e acréscimos e que transmite mais a ideia do que a forma a fim de adequar a obra original aos hábitos dos leitores” (Weinmann, 2012 *apud* Vasconcelos, 2016, pp. 146-147). Sandra Vasconcelos (2016) chama a atenção para o universo novelístico de Montolieu, que é o romance sentimental francês, fato que determinou, na “tradução livre”, o abrandamento da ironia de Austen.

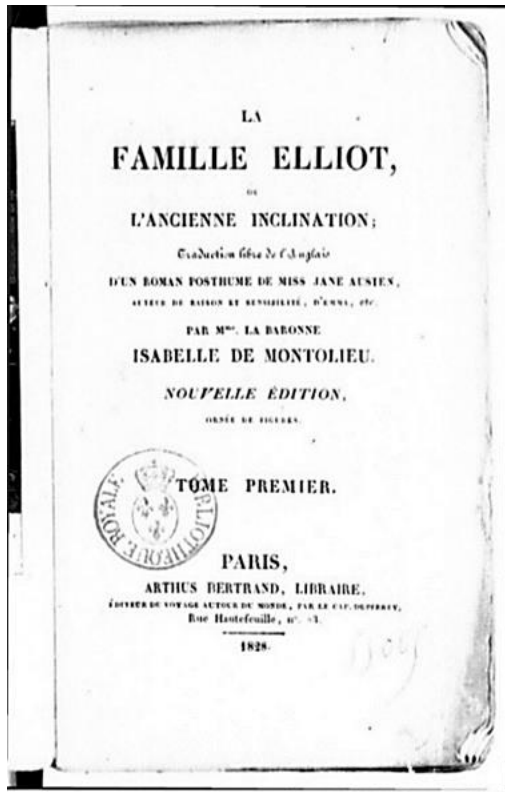
Segundo Vasconcelos, das obras de Jane Austen traduzidas na França, apenas *La famille Elliot, ou L’ancienne inclination* caiu nas graças do tradutor português Manuel Pinto Coelho Cota (ou Cotta) de Araújo (M.P.C.C. d’A), a qual após ser traduzida sob o título de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, foi publicada pela Tipografia Rollandiana, de Francisco Rolland, em Lisboa, em 1847. É possível levantar a hipótese de que, de todos os romances austenianos, esse pode ter feito maior sucesso na França, e por isso foi traduzido em Portugal. É uma possibilidade razoável se considerarmos que apenas essa obra teve duas edições francesas naquele período, uma em 1821 e outra em 1828.

Abaixo pode-se observar a publicação francesa, em dois volumes, estampando o nome de Jane Austen na folha de rosto do romance.

⁴⁹ Madame Isabelle de Montolieu (1751-1832) era uma baronesa viúva. Seu último marido foi o barão Louis de Montolieu. Ela foi considerada a rainha da literatura francesa em sua época, porque, além de escrever romances de autoria própria, traduzia muitos outros. É através dela que Jane Austen, pela primeira vez, será traduzida no texto integral, mesmo sendo uma “tradução livre”, termo exposto pela editora na época.

⁵⁰ Sobre as traduções para o francês dos outros romances, Vasconcelos informa que *Emma*, foi traduzida em junho de 1816 e *Mansfield Park*, em setembro do mesmo ano; as duas obras tiveram outros tradutores.

Imagens 11 e 12 – Folhas de rosto dos tomos I e II de *La famille Elliot, ou l'ancienne inclination* – Paris, 1828⁵¹



Fonte: Gallica – Biblioteca Nacional Francesa

Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k114051m?rk=42918;4>

Seguindo a trilha dos romances, Sandra Vasconcelos em seu estudo sobre a presença da prosa de ficção britânica no acervo do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro⁵² informa que de todas as obras da ficção inglesa presentes naquele espaço, apenas é possível encontrar uma única “tradução livre” de Jane Austen, que foi recebida e circulou nos gabinetes de leitura do Rio, de Belém do Pará e do Rio Grande do Sul. A obra, na tradução francesa de Montolieu, exhibe o nome de Jane Austen, como se observa na folha de rosto, mas a versão portuguesa atravessa o Atlântico e chega ao Brasil sem indicação de autoria. Segundo Vasconcelos:

É no catálogo da tipografia que vamos encontrar a referência a esse romance de Austen, o único dela traduzido para o português no século XIX. Ali, não há nenhuma pista de que é de Austen que se trata [...]. A única pista que permite puxar o fio e desvendar o pequeno mistério da autoria desse título é fornecida pela escolha do tradutor português de acompanhar Montolieu na sua decisão de substituir o original, que pareceu a ela “vago demais em francês”, porque não julgava que indicasse “o

⁵¹ Segunda publicação em Paris, pela Arthur Bertrand, em 1828. Sobre a primeira edição de 1821, não foi possível encontrar nenhuma imagem.

⁵² *Romances ingleses em circulação no Brasil durante o séc. XIX*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandraleiv.htm> Acesso em: 13/09/2022.

conjunto da situação”. Vale observar que a alteração tira o acento do viés temático do título escolhido por Austen e o desloca para o enredo (Vasconcelos, 2016, p. 153).⁵³

Esse foi o primeiro passo de *Persuasion* no caminho da tradução: da editora John Murray em Londres/Inglaterra atravessa o Canal da Mancha e chega à Arthus Bertrand Libraire em Paris/França, onde é traduzido ao francês. O segundo passo foi dado rumo à Typographia Rollandiana em Lisboa/Portugal onde foi traduzida ao português europeu sob o título de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*; em seguida, atravessa o Atlântico a fim de ser prestigiada pelo público leitor do Brasil. De acordo com Tassiane Santos (2022), os romances ingleses eram traduzidos primeiramente para o francês e depois ao português. As traduções que chegavam ao Brasil, nas palavras de Santos: “demonstram as trocas literárias que ocorriam entre Inglaterra, França e Portugal, pois as traduções portuguesas eram, em sua maioria, originadas das traduções francesas do inglês” (Santos, 2022, p. 13).

Vasconcelos em *Circuitos e travessias: o caso de A família Elliot* (2016), afirma que *A família Elliot, ou a inclinação antiga* foi a única obra de Austen a circular no Brasil do século XIX. Essa constatação foi possível observando os anúncios no jornal *Diário do Rio de Janeiro*. De acordo com a pesquisadora, o romance foi anunciado à venda na livraria de J. B. Garnier: “Nas edições de 22 de novembro e de 19 de dezembro de 1854 do *Diário do Rio de Janeiro*, entre as dezenas de romances que o editor-livreiro francês B. L. Garnier anunciava no seu catálogo de livros à venda em sua livraria na Rua do Ouvidor nº 69” (Vasconcelos, 2016, p. 135). Em suas palavras: “Essa foi a Austen que chegou ao Rio de Janeiro, na loja de Garnier na rua do Ouvidor, para depois ir compor o acervo do Gabinete Português de Leitura, da Biblioteca Fluminense, do Gabinete Português de Leitura do Pará e da Biblioteca Rio-Grandense” (Vasconcelos, 2016, p. 154).

Atualmente, o livro já não se encontra mais no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, mas existe um exemplar no Gabinete de Leitura do Rio Grande do Sul e outro no Grêmio Literário Português, em Belém do Pará. O exemplar, dividido em dois volumes, que há no Grêmio, em Belém, foi adquirido por compra, em 1869, do livreiro português Antônio Maria Pereira. De acordo com Augusti (2009) *apud* Santos (2022):

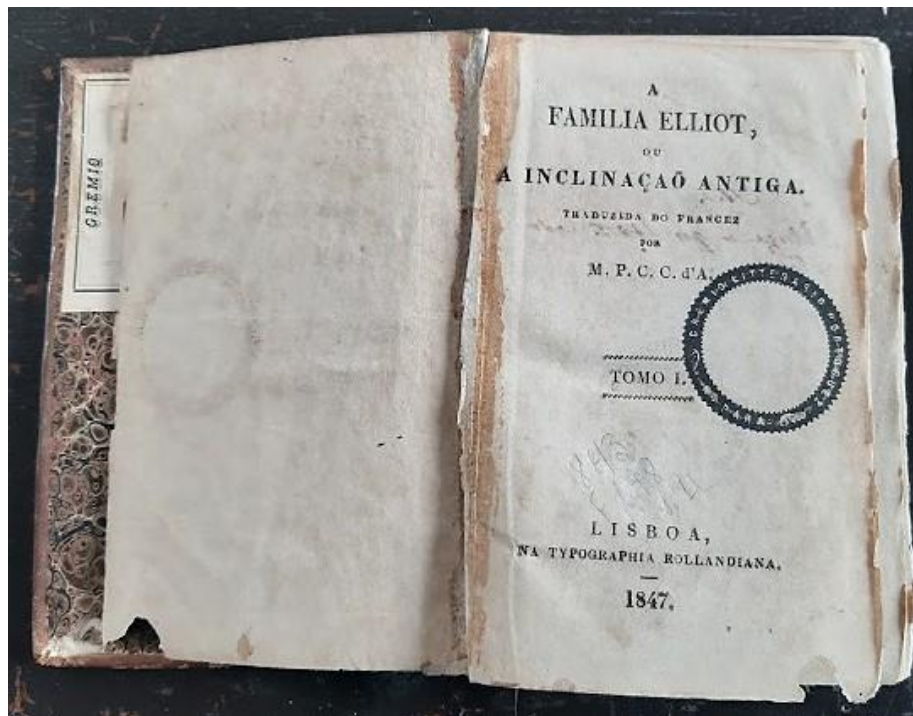
Em 1867, o Grêmio Literário Português foi fundado em Belém por imigrantes portugueses e se estabeleceu como um centro cultural na capital da Província do Pará. A constituição de seu acervo se deu sobretudo por meio da relação comercial

⁵³ Uma curiosidade que vale dizer é que o título deixado por Jane Austen para essa sua última obra não foi *Persuasion* e sim *The Elliots*. Ao que parece Montolieu, na sua “tradução livre” retomou, em parte e sem saber, o título primeiro, pois de acordo com Reef: “O título original era *The Elliots*, mas na versão impressa apareceu como *Persuasão*” (Reef, 2014, p. 204). Pesquisadores afirmam que Henry e Cassandra mudaram o título.

estabelecida entre o livreiro português Antônio Maria Pereira e a diretoria do gabinete, razão pela qual boa parte de seus exemplares são de romances de autores que notadamente faziam sucesso na Europa. (Augusti, 2009 *apud* Santos, 2022, pp. 12-13).

A seguir pode-se observar a folha de rosto do primeiro volume da tradução portuguesa, na qual não há nenhuma indicação acerca da autoria da obra, apenas informa que foi traduzida do francês.

Imagem 13 – Folha de rosto do tomo I de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* – Lisboa, 1847



Fonte: Arquivo pessoal (21/10/2022) – Acervo do Grêmio Literário Recreativo Português⁵⁴

De acordo com Sandra Vasconcelos, a primeira notícia dessa obra austeniana no Brasil é do ano de 1854. Entretanto, ao rastreamos os periódicos da Hemeroteca Digital on-line, recuando no tempo e utilizando os marcadores “A família Elliot” e “a inclinação antiga”, foi possível descobrir que, no ano de 1848, Austen já estava sendo anunciada em Recife/PE. Essa informação consta no anúncio de venda de livros no Jornal *Diário de Pernambuco*, no dia 15 de novembro do referido ano.

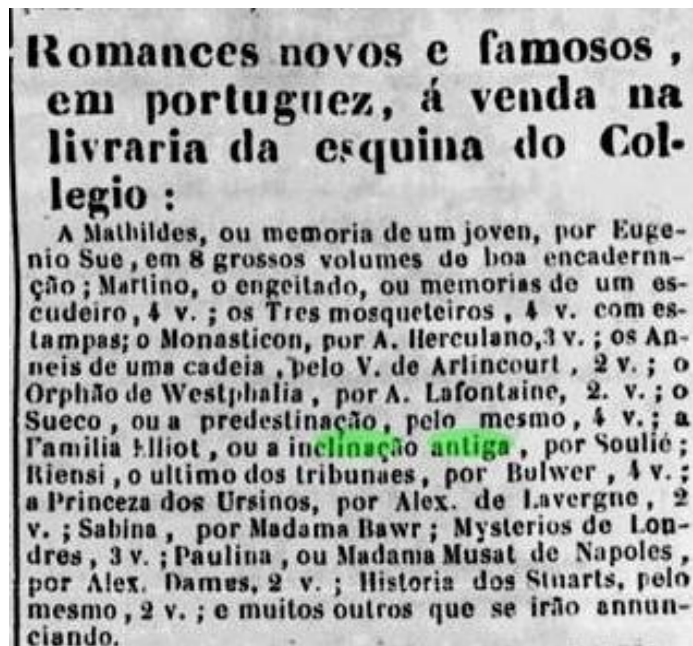
O anúncio informa que a obra está à venda na “livraria da esquina do Collegio (*sic*)”. Portanto, é possível supor que o percurso da obra levou exatamente trinta anos entre a primeira

⁵⁴ Agradeço à Sra. Maria de Nazaré Góes Ataíde Filha, funcionária da Biblioteca do Grêmio Literário em Belém/PA, pela gentileza em ceder a obra *A família Elliot, ou a inclinação antiga* para manuseio e pesquisa.

publicação em Londres (1818), até chegar a Recife (1848), capital da província de Pernambuco⁵⁵, portanto, seis anos antes de aparecer no *Diário do Rio de Janeiro*, como informa Vasconcelos. Há possivelmente outros periódicos, mas que, por não estarem disponíveis online, não foram consultados. Dessa forma evidencio a importância da Hemeroteca Digital na qual a digitalização dos periódicos permite ao estudante encontrar, com uma pesquisa rápida, informações sobre qualquer assunto, em todo o território brasileiro. E ainda é possível observar que Recife, tão ao norte⁵⁶, recebeu Austen, traduzida ao português europeu, antes da capital imperial e isso pode ter relação com a maior proximidade, via navio, com Lisboa.

A imagem a seguir mostra o primeiro anúncio da obra, com vários outros romances, na capital pernambucana, apenas um ano após ser vertida ao português europeu (1847).

Imagem 14 – Primeiro anúncio de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* – Recife/PE, 1848



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 15 de novembro de 1848, ed. 00256, p. 3 – Hemeroteca Digital

A livraria da esquina do Collegio, no Recife dos meados do século XIX, de acordo com Danielle Lacerda (2021), era uma das muitas livrarias presentes na capital pernambucana naquele período. Lacerda afirma que a capital da província de Pernambuco tinha livrarias tão importantes quanto o Rio de Janeiro, na mesma época.

⁵⁵ Ao constatar tal informação entrei em contato, via e-mail, com o Gabinete de Leitura de Pernambuco e logo obtive a informação de que, atualmente, a obra não se encontra mais em seu acervo.

⁵⁶ Lembrando que no século XIX a divisão do Brasil em regiões possuía outra configuração e a concepção de Norte nesse período incluía o Nordeste. A atual regionalização que situa Pernambuco no Nordeste é datada, posteriormente, no século XX. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/divisao-regional-brasileira.htm> Acesso em: 13/06/2023.

A pesquisadora demonstra que não somente o Rio tinha o monopólio das obras que aqui chegavam, mas nomes como João Cardoso Ayres, português vindo da região do Minho, era ligado ao comércio de livros. Quando ele morre, em 1844, seus filhos Manuel e José Cardoso Ayres levam adiante o negócio livreiro. Mas em 1871 a loja de livros sofre um incêndio, a família sai ileso, mas o mesmo não se pode dizer dos livros.

De acordo com Lacerda (2021), devido a esse trágico acontecimento, muitas perguntas ficam em suspenso. Por ora, interessa-nos a possibilidade de considerar que a obra de Jane Austen pode ter sido vendida no estabelecimento desse livreiro, comerciante que tinha contato direto com Lisboa. Segundo Danielle Lacerda:

No caso dos livreiros estabelecidos em Recife, observa-se uma predisposição a se organizar em espaço que mantivessem próximos. Neste caso, a antiga **Rua do Collegio**, atual Rua do Imperador D. Pedro II, havia se tornado um espaço centralizador de negócios relacionados às livrarias e tipografias, também conhecida como “rua da imprensa”. Basta observar a concentração de livrarias nesta região. Semelhante à famosa Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, reconhecida pela sua elegância e pela profusão de comerciantes franceses, também se destacava pela concentração de livreiros, encadernadores e tipografias” (Lacerda, 2021, p. 7, grifo meu).

Após o anúncio no *Diário de Pernambuco* em 1848 a obra passou por um período de anonimato. Em março de 1851 ela reaparece, no mesmo jornal:

Imagem 15 – Segundo anúncio de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* – Recife/PE, 1851

Romances modernos	
Memorias d'um medico por Alexandre Dumas : segunda edição, traduzida em portuguez em 15 tomos encadernados	20,000
O conde de Monte-Christo por Alexandre Dumas encadernado	13,000
A Moreninha : terceira edição, ornada com lindas estampas e a musica para piano e canto da ballada cantada pela Moreninha no rachado : 1 vol. nitidamente impresso	4,000
O Monasticou por A. Herculano	5,000
O Ante-Christo : 2 vol. 1849	6,000
O Sitio da Rochella ou o infortunio e a consciencia, 2 vol.	5,000
A Familia Elliot ou a inclinação antiga 2 vol. 1847 encad.	5,000
A Fonte de Santa-Catherina, 4 vol.	8,000
A Gorgonhe : traduzido pelo senador Vasconcellos, 4 vol.	3,000
Os Misterios do Povo por Eugenie Sue : 6 vol.	5,000
Vendem-se no pateo do Collegio, casa do Livro Azul.	

Fonte: *Diário de Pernambuco*, 13 de março de 1851, ed. 0060, p. 4 – Hemeroteca Digital

Em agosto do mesmo ano (1851) a obra aparece, pela primeira vez, em um anúncio de venda no *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro, pela livraria Garnier.

Imagem 16 – Primeiro anúncio de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* – Rio de Janeiro/RJ, 1851



Fonte: *Jornal do Commercio*, 12 de agosto de 1851, ed. 00221, p. 4 – Hemeroteca Digital

Somente em 1854 é que *A família Elliot, ou a inclinação antiga* aparecerá nos anúncios do *Diário do Rio de Janeiro*, informação que se encontra em Vasconcelos (2016). Dessa forma, comprova-se, pelas datas nos anúncios dos jornais pesquisados, que o comércio livreiro do Rio de Janeiro recebeu essa obra austeniana vertida ao português, via francês, depois de ser anunciada e vendida em Recife/PE. Esses anúncios nas duas cidades, segundo Lacerda:

Os anúncios demonstram ainda as redes de conexão destes livreiros com mercados editoriais europeus. Em contraponto ao senso comum de que os leitores pernambucanos ficavam à mercê dos livreiros do Rio de Janeiro, então centro político, econômico e cultural importante por se tratar do município-sede da Corte Imperial, nota-se o fluxo constante de livros que chegavam direto da Europa, principalmente de Portugal e França. Recife parecia fazer parte das rotas internacionais do livro, demonstrando que as lojas de livro abasteciam suas estantes com obras recentes e clássicas (Lacerda, 2021, pp. 1-2).

Ainda de acordo com Danielle Lacerda:

estudos realizados sobre os livros que circulavam no século XVIII no Rio de Janeiro, empreendido por Márcia Abreu (2010), assim como na pesquisa da historiadora Gilda Verri (2005) sobre a circulação de livros no Recife refutam a imagem negativa de pouco interesse cultural pelos brasileiros deixada em relatos de viajantes como o inglês John Luccock e Henry Koster que estiveram no Brasil nos princípios do século XIX (Lacerda, 2021, p. 3).

Alexandro Paixão em *Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX* (2017), afirma que, além do Rio de Janeiro, capital do Império, Recife era uma “capital literária”, assim como São Paulo, por difundir a leitura; isso se dava porque, de acordo com o pesquisador, as duas províncias: “possuem Faculdades de Direito e nas quais há maior probabilidade de existir escritores e um público leitor para eles” (Paixão, 2017, p. 43). É a partir do final da década de 1840 que *A família Elliot, ou a inclinação antiga* surge no cenário literário brasileiro. Na Hemeroteca Digital pode-se conferir os lugares e datas em que a obra foi anunciada à venda em alguns periódicos de Pernambuco (*Diário de Pernambuco*, 1848, 1851), do Rio de Janeiro (*Jornal do Comércio*, 1851, 1853; *Diário do Rio de Janeiro*, 1854, 1855; *Revista Collecção de Modinhas Brasileiras*, 1872; *Catálogo de livros em 1ª Lei: Estabelecendo o modo e as condições do recrutamento para o Exército da Armada*, 1875) e de São Paulo (*Folhinha Civil e eclesiástica*, 1861, 1862, publicada no Rio e distribuída para o bispado de São Paulo e Mariana). Vejamos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Jornais, locais e datas em que houve anúncios de venda de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*

Jornal /Revista/Catálogo	Estabelecimento – Endereço	Cidade/Estado	Data
<i>Diário de Pernambuco</i>	Livraria da esquina do Collegio	Recife/PE	1848 e 1851
<i>Jornal do Commercio</i>	Livraria Garnier - Rua do Ouvidor.69	Rio de Janeiro/RJ	1851 e 1853
<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	Livraria Garnier - Rua do Ouvidor, nº 69	Rio de Janeiro/RJ	1854 e 1855
<i>Folhinha civil e eclesiástica/Bispados</i>	Publicado e à venda na livraria de Antonio Gonçalves Guimarães & c. ^a . - Rua do Sabão nº 26	Rio de Janeiro/RJ; São Paulo/SP; e Mariana/SP	1861 e 1862
<i>Folhinha para o ano de 1862</i>	A. Gonçalves Guimarães & C. ^a - Rua do Sabão Nº 26	Rio de Janeiro/RJ	1862
<i>Collecção de Modinhas Brasileiras</i>	Livraria de Agostinho Gonçalves Guimarães & c. ^a - Rua do Sabão, nº 26.	Rio de Janeiro/RJ	1872
<i>1ª Lei: Estabelecendo o modo e as condições do recrutamento para o Exército e Armada</i> ⁵⁷	Livraria de Agostinho Gonçalves Guimarães & C. ^a . - Rua do Sabão Nº 26 (Hoje General Camara nº 22)	Rio de Janeiro/RJ	1875

Fonte dos dados colhidos: Hemeroteca Digital

Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 2022 e 2023

⁵⁷ Sobre esse anúncio observa-se uma informação importante: a livraria de Agostinho Gonçalves Guimarães & C.^a, que imprimiu a Lei (1875), sabendo que teria público certo, aproveitou esse público e anexou seu catálogo contando vários livros à venda, entre eles, o anônimo de Austen.

Persuasão é um romance que traz críticas ao casamento por interesse e ao preconceito da aristocracia que possuía títulos, mas não tinha dinheiro, em relação à burguesia ascendente com o comércio, além de acentuar vozes femininas que reivindicam seu lugar de sujeito racional no mundo. Entretanto, essa obra é traduzida livremente para o francês, e em seguida ao português europeu, acentuando-se o tom sentimental, ao gosto do público da época. Essas adaptações, de acordo com Vasconcelos: “vão na contramão da reserva e da racionalidade características da escritora inglesa, na obra de quem não encontramos o derramamento que se ouve aqui na voz de uma Alice (Anne) mais sentimental do que Austen a concebeu” (Vasconcelos, 2016, p. 153).

No final do século XIX percebe-se o desaparecimento de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* nos anúncios de vendas nos jornais. O que se passa a acompanhar, através dos periódicos da época, são resenhas sobre Jane Austen e suas obras ainda em inglês. Esse reconhecimento chega ao século XX; é o que se pode constatar através de escritores brasileiros, cujas resenhas sobre sua literatura apontam a contribuição da escritora para a consolidação do gênero romance.

A literatura produzida por Jane Austen possui as características do tempo em que ela viveu e dos lugares geográficos nos quais ela morou, além de toques requintados de ironia e resistência da voz feminina. Mesmo resistindo, sua recepção passou por um certo apagamento durante boa parte da Era Vitoriana (1837-1901), como aponta Reef. Entretanto, ressurgiu no final do século XIX e início do século XX, por meio de escritoras feministas que apontaram, em sua literatura, protagonistas femininas que vão na contramão da passividade esperada da mulher oitocentista. São protagonistas que questionam sobre a educação oferecida às meninas e moças naquela sociedade que privilegiava a educação formal (escolarização, instrução) para meninos e rapazes; dessa forma observa-se como Jane Austen estava atenta a tais questões, ganhando destaque relevante quase um século após as primeiras publicações.

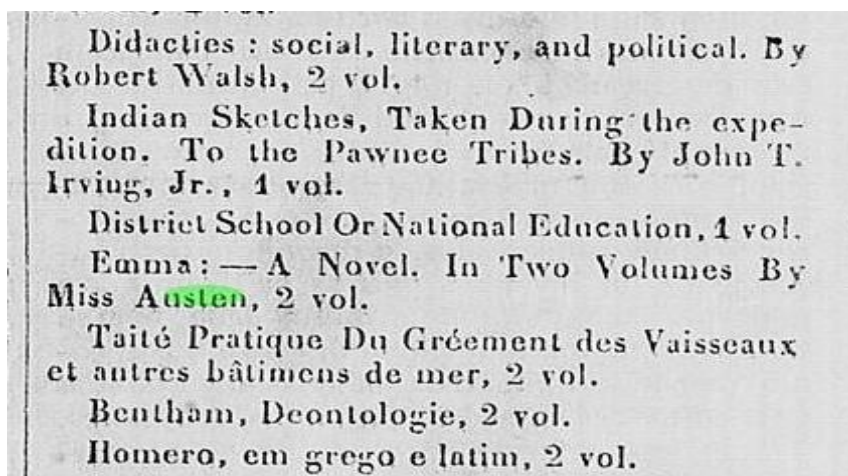
O resgate de Jane Austen e outras escritoras tem a ver com a mudança de paradigmas na sociedade, onde a mulher vem conquistando seu lugar nos espaços de poder e a literatura auxilia nessas mudanças. É nesse contexto de luta pelos direitos das mulheres, que essas escritoras do passado reaparecem na cena literária. Assim, *Pride and prejudice* (1813) é traduzido pela primeira vez para o português brasileiro como *Orgulho e preconceito* (1940); logo as outras obras austenianas o seguiriam nos caminhos da tradução. Entretanto, antes de ser traduzida, Jane Austen já era conhecida dos intelectuais brasileiros que escreviam sobre o sucesso do gênero romance nas páginas literárias dos periódicos dos finais do século XIX.

2.1 Jane Austen no Brasil: das resenhas nos periódicos à primeira tradução e recepção de *Orgulho e preconceito*

De acordo com Sandra Vasconcelos (2016), as primeiras notícias que se tem de Austen no Brasil oitocentista são da obra *Persuasão* que, traduzida como *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, aqui chegou através do comércio livreiro, sendo anunciada à venda no *Diário do Rio de Janeiro* no ano de 1854. Entretanto, por meio de rastreios efetuados na Hemeroteca Digital, foi possível expor que a obra foi anunciada à venda seis anos antes, em 1848, no *Diário de Pernambuco*, em Recife.

Contudo, anos antes da primeira circulação de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* em Recife/PE, o romance *Emma*, ainda na versão inglesa, foi anunciado à venda no Rio de Janeiro. Essa descoberta foi possível utilizando os marcadores “Miss Austen” e “Jane Austen” na Hemeroteca Digital. Sabendo que os romances de sua autoria só tiveram o nome da escritora revelado após sua morte (1817), utilizei nas buscas os marcadores com seu nome próprio a partir da década de 1820. Dessa forma, foi possível encontrar em dois periódicos do Rio de Janeiro a saber: *A Gazeta dos Tribunaes* (RJ), no dia 29 de setembro e *O Jornal do commercio* (RJ), nos dias 04 e 05 de outubro, ambos do ano de 1843, anúncios como o seguinte: “Livros bons e baratos na Loja de F. Paula Brito”; nas listas de livros à venda foi possível verificar, surpreendentemente, que entre as obras, havia um romance de Jane Austen em língua inglesa assim anunciado: “Emma: – A Novel. In Two Volumes By Miss Austen, 2 vol”. Abaixo pode-se ver a imagem do recorte de jornal com o referido primeiro anúncio:

Imagem 17 – Primeira menção a Miss Austen e anúncio de *Emma*, em inglês – Rio de Janeiro/RJ, 1843

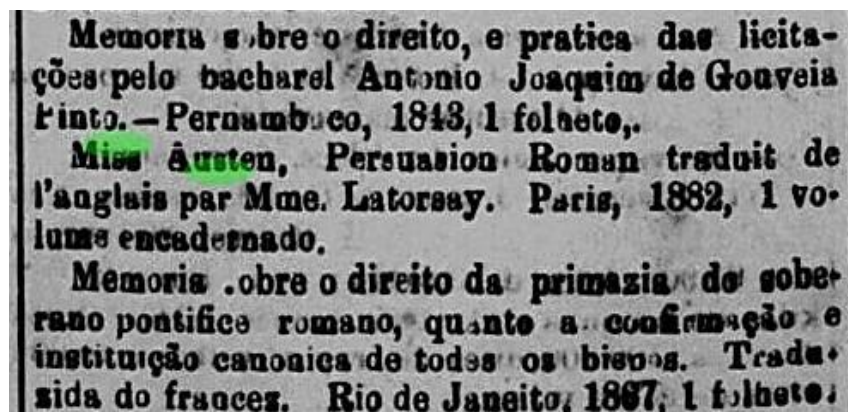


Fonte: *Gazeta dos Tribunaes* (RJ), 29 de setembro de 1843, ed. 00069 (1) p. 4 – Hemeroteca Digital

Portanto, de acordo com os registros da Hemeroteca Digital, é possível supor que estes foram os primeiros anúncios de venda de uma obra austeniana no Brasil do século XIX, na língua original. Anterior a 1843 não foi possível nenhum rastreio sobre a escritora e nem sobre suas obras nos periódicos digitalizados da Hemeroteca. Pode-se observar que o anúncio de venda não traz informações detalhadas dessa edição de *Emma* (nome da editora, ano da edição); contudo, nota-se que a primeira edição de 1816, de John Murray, foi publicada em três volumes; essa do anúncio está em dois volumes.

Continuando o rastreio a partir de 1843 foi possível encontrar, no *Diário de Pernambuco*, no dia 27 de setembro de 1888, o anúncio de venda da obra *Persuasion*, em francês, traduzida do inglês: “Miss Austen, *Persuasion Roman* traduit de l’anglais par Mme. Latorsay”. Observa-se, na imagem a seguir, que a obra foi publicada em Paris em 1882:

Imagem 18 – Segunda menção a Miss Austen e anúncio de *Persuasion*, em francês – Recife/PE, 1888



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 27 de setembro de em 1888, ed. 00220, p. 3 – Hemeroteca Digital

A partir desses dados, portanto, é possível concluir que Jane Austen circulou no Brasil oitocentista tanto em português europeu, quanto em francês, bem como no original, em inglês.

Em 1889 o nome Jane Austen aparece em *O Espirito-Santense* (ES), na capital Vitória. A notícia é sobre o falecimento de Dora d’Istria, pseudônimo da duquesa e escritora feminista romena Helena Ghika (1828-1888), que “fulgura na constelação onde irradião os nomes de Judith Gautier, Quida, Princesa de Metternich, Anita Droste e Jane Austen” (*O Espirito-Santense*/ES, 19 de janeiro de 1889)⁵⁸. Neste momento Austen começa a ser reconhecida, ao lado de outras mulheres escritoras, por sua maestria literária na qual evidencia a voz feminina.

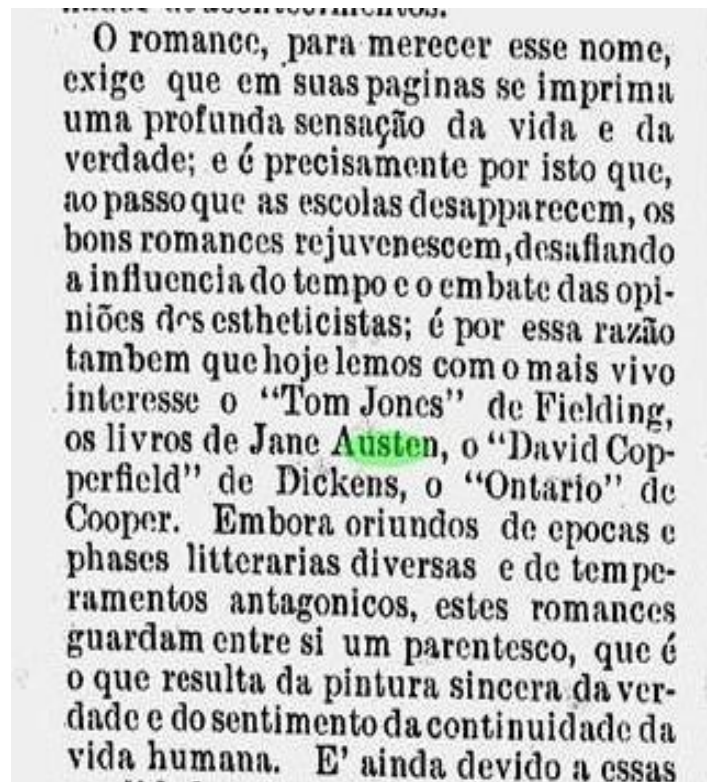
Outra referência à escritora nos jornais da época é a resenha de Araripe Junior (1848-1911), escritor e crítico literário cearense, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

⁵⁸ Chamo a atenção para a transcrição desses trechos os quais mantive a grafia das palavras no português da época.

Araripe escreve no jornal *A Semana*, em 1894, sobre o valor do gênero romance e cita a romancista inglesa dentre os maiores de seu tempo, mostrando os motivos de Fielding, Dickens e Austen serem lidos com interesse. Para esse intelectual brasileiro, os romancistas citados pintam, na literatura, a verdade e o sentimento que predominam no humano em todas as épocas e lugares e, precisamente, é esse o motivo da permanência desses escritores ingleses na literatura ocidental.

Abaixo pode-se ler um trecho da resenha escrita por Araripe Junior sobre os romancistas e os bons romances que “rejuvenecem, desafiando a influência do tempo”:

Imagem 19 – Referência à Austen entre grandes romancistas, por Araripe Junior

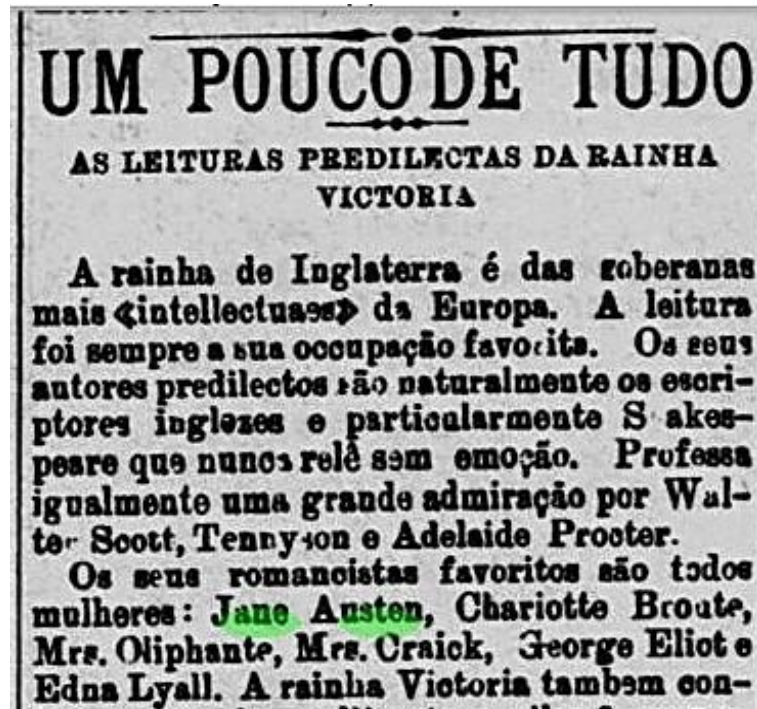


O romance, para merecer esse nome, exige que em suas paginas se imprima uma profunda sensação da vida e da verdade; e é precisamente por isto que, ao passo que as escolas desaparecem, os bons romances rejuvenescem, desafiando a influencia do tempo e o embate das opiniões dos estheticistas; é por essa razão tambem que hoje lemos com o mais vivo interesse o “Tom Jones” de Fielding, os livros de Jane Austen, o “David Copperfield” de Dickens, o “Ontario” de Cooper. Embora oriundos de épocas e phases litterarias diversas e de temperamentos antagonicos, estes romances guardam entre si um parentesco, que é o que resulta da pintura sincera da verdade e do sentimento da continuidade da vida humana. E’ ainda devido a essas

Fonte: Jornal *A Semana*: Vol. I. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1894, ed. 00024, p. 2 – Hemeroteca Digital

Após a publicação de *Uma memória de Jane Austen* (1869), sua primeira biografia, escrita por seu sobrinho James-Edward Austen-Leigh, composta por memórias familiares, Jane Austen teve sua popularidade aumentada e seu nome foi colocado ao lado dos famosos escritores vitorianos. Essa importância pode ser observada em uma matéria do *Jornal do Recife*, de 1897, conforme a imagem abaixo, sobre as leituras prediletas da rainha Vitória que, obviamente, ajudou na divulgação das obras de Jane Austen e das demais romancistas inglesas:

Imagem 20 – Jane Austen entre as leituras prediletas da rainha Victoria



Fonte: *Jornal do Recife*: Recife/PE, 26 de junho de 1897, ed. 00141 (1), p. 2 – Hemeroteca Digital

Enfatizando a relevância da província de Pernambuco pelo pioneirismo na circulação da obra traduzida e grande quantidade de referências a Austen nos periódicos da Hemeroteca Digital, indico detalhes sobre a criação literária de mulheres, posteriormente refletida por Virginia Woolf, que evidenciou as muitas escritoras que não tinham um lugar reservado a si mesmas para escreverem. Woolf reivindica, em seus ensaios críticos, de maneira especial em *Um teto todo seu* (1929) esse direito às mulheres e discorre sobre a necessidade de se ter um teto próprio e 500 libras anuais a fim de exercer o ofício da escrita. É possível que um dos motivos do apreço das escritoras e críticas do início do século XX por Jane Austen e também por outras escritoras da mesma época, seja porque, mesmo sendo parte da classe de pessoas instruídas, cujos familiares tinham posses, elas mesmas, por serem mulheres, não tinham independência financeira e nem tinham um quarto todo seu no qual pudessem se trancar e livre de interrupções, produzir sua literatura, como afirma Austen-Leigh: “Ela não tinha um aposento separado onde pudesse se refugiar, e a maior parte do trabalho deve ter sido feita na sala de estar principal, sujeita a todos os tipos de interrupções casuais” (Austen-Leigh, 2014, p. 106). Stuart Mill descreve o que era ser mulher naquela época e classe social quando reflete sobre:

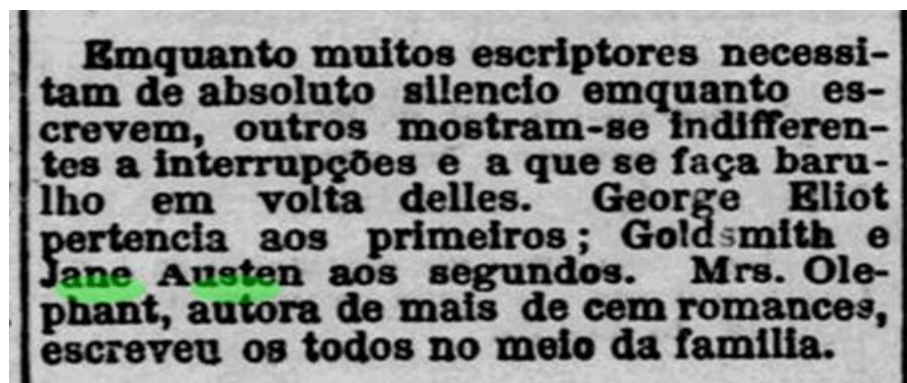
a atual constituição das relações entre homens e mulheres. Pense no que é ser um menino, crescer e chegar a ser um homem na crença de que sem nenhum mérito ou empenho próprios, mesmo que seja o mais frívolo ou o mais vazio ou o mais ignorante

e apático ser da humanidade, pelo simples fato de ter nascido homem ele é por direito superior a cada e qualquer pessoa de toda uma metade da raça humana: inclusive, provavelmente, algumas cuja real superioridade sobre ele tem a oportunidade de constatar diariamente (Mill, 2017, p. 333).

Stuart Mill reflete sobre a injustiça da sociedade que permite aos meninos se sentirem superiores às meninas, que são metade da humanidade, e, mesmo que elas apresentem maior inteligência ou habilidade que eles, serão sempre consideradas inferiores.

Foi dentro dessas restrições sociais que as mulheres do século XIX, que não se adequaram às regras, tornaram-se exceções ao produzirem literatura. Sobre Jane Austen pode-se constatar seu espírito criativo para além das restrições físicas de seu ambiente familiar. É o que apontam seus biógrafos e também podemos observar, no recorte de jornal logo a seguir, uma das primeiras informações do início do século XX, na Hemeroteca Digital, mais precisamente em Pernambuco, no ano de 1905, na resenha *Os tormentos da inspiração*:

Imagem 21 – Austen não teve “um teto todo seu” para sua produção literária



Fonte: *Diário de Pernambuco*: Recife/PE, 14 de janeiro de 1905, ed. 00011 (1), p. 2 – Hemeroteca Digital

É também em Pernambuco, no *Jornal do Recife* em 1909, que por primeiro aparecerá uma referência à Jane Austen alinhando-a à luta feminista. Nota-se também que os títulos de suas obras citadas na matéria estão em inglês, pois ainda não haviam sido traduzidas para o português brasileiro. Ainda demoraria três décadas para que Jane Austen fosse traduzida ao português do Brasil e ganhasse a notoriedade do público leitor do país.

Contudo, antes de ser traduzida, ela e outras escritoras estavam sendo resgatadas pelo movimento feminista, que observou como essas escritoras davam vozes à personagens mulheres que se rebelavam contra os desmandos patriarcais; é o que se pode observar na resenha abaixo, de um recorte do supramencionado periódico:

Imagem 22 – Colaboração Feminismo – Illustres Redactores

talmente terá de succumbir. Mas, apesar de tudo, apesar de todas as torturas e privações, o feminismo avança intrepidamente; e, me é grato apontar o nome aureolado de miss Jane Austen a impeccavel autora do *Mansfield Park*, do *Pride and Prejudice*, do *Northanger Abbey* que é para a Grã Bretanha o que George Sand foi para a França—a primeira romancista classica. E como ella nós vemos igualmente o vulto sympathico de mme. d'Arblay, um assombroso talento que como afirma Macaulay, erguen-se a altura do vulto colossal de Shakespeare, possuindo o poder creador de Balzac, na phrase de Gabriel Claudio, fazendo a synthese de duas sociedades nitidamente photographadas.

Fonte: *Jornal do Recife*, 22 de maio de 1909, ed. 00113, p. 1 – Hemeroteca Digital

O exemplo demonstra que a escritora inglesa, assim como escritoras francesas do passado, estavam sendo evidenciadas pelo movimento feminista, ao qual se refere a redatora da coluna “Colaboração Feminismo”, Maria de Oliveira, que faz um apanhado da construção “científica” da época, de que a mulher é inferior ao homem porque o cérebro feminino – devido à constituição física da mulher – tem um peso menor que o cérebro masculino. Oliveira inicia o assunto refutando essa concepção e mostrando que a luta feminista chegou e não aceita mais declarações preconceituosas da ciência e da religião. Ao meio da matéria, a redatora coloca em evidência Jane Austen e seus romances que elevam a voz feminina, desde muito tempo silenciada, e finaliza o tema convocando todas as mulheres a se colocarem dentro da revolução das ideias. É nesse contexto de reivindicação que Maria de Oliveira, em 1909, na coluna “Colaboração Feminismo” do *Jornal do Recife*, cita a obra de Jane Austen e de outras escritoras de seu tempo, afirmando que apesar de todos os tentáculos patriarcais, o “Feminismo avança intrepidamente”.

Jane Austen viveu no mesmo lugar – Inglaterra –, e na mesma época – segunda metade do século XVIII –, que Mary Wollstonecraft, momento no qual o termo feminismo ainda não existia; o que havia eram escritos que hoje são considerados seminais na luta pela emancipação

das mulheres. Por esse motivo há estudiosos que não se sentem confortáveis em apontar a escrita de Austen como feminista. Entretanto, Maria de Oliveira, Sandra Vasconcelos e Genilda Azerêdo apontam características em seus romances, publicados entre 1811 e 1818, com fortes protagonistas mulheres e críticas sarcásticas a certos tipos masculinos, nos quais percebe-se a nítida e sutil cumplicidade com a *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Sandra Vasconcelos, em *Uma escultura entalhada em marfim* (2021), comenta:

Quando Mary Wollstonecraft publicou seu *Reivindicação dos direitos da Mulher*, em 1792, Jane Austen tinha dezessete anos. Não há provas documentais de que teria lido essa que foi considerada uma das obras inaugurais da literatura feminista. No entanto, dificilmente Austen teria ficado alheia à repercussão das ideias sustentadas por Wollstonecraft em que vinham sendo discutidas melhorias na educação feminina e o lugar e status das mulheres na família. Neste manifesto, que examina a condição feminina na sociedade inglesa da época e se configura como uma vigorosa defesa da mulher como ser racional e autônomo, do seu direito à educação e à igualdade no casamento, encontramos algumas das marcas que caracterizam a voz narrativa dos romances de Austen (Vasconcelos, 2021, p. 439).

Sandra Vasconcelos, portanto, confirma o que disse Maria de Oliveira no início do século XX a respeito das marcas feministas nos escritos de Austen; a elas se une a professora Genilda Azerêdo (2013), quando aponta a convergência da literatura austeniana aos escritos reivindicatórios wollstonecraftianos. Segundo Genilda Azerêdo:

Com perspectivas diferentes – Wollstonecraft através do ensaio histórico, Austen através da ficção –, ambas as autoras exemplificam a possibilidade de resistência a uma ordem patriarcal injusta, e oferecem um registro relevante de questões concernentes à organização social e política da Inglaterra do século XVIII que, embora altamente desfavorável às mulheres, não se constitui totalmente monolítica ou intransitiva às suas tentativas de ruptura e subversão. Sem dúvida, a literatura de Jane Austen ilustra, de modo variado e múltiplo (sem o menor caráter panfletário), os modos de resistência às limitações impostas, bem como as conquistas gradualmente e penosamente adquiridas pelas mulheres (Azerêdo, 2013, pp. 26-27).

O espaço de toda a literatura de Austen é a Inglaterra, e, ao mesmo tempo em que a escritora exalta-a como lar querido – fato que fará com que até os soldados na I Guerra Mundial façam a leitura de seus romances, como informa Catherine Reef: “Para os soldados, os personagens de Austen representavam as pessoas e a nação que defendiam” (Reef, 2014, p. 213) – ela também critica seu país, com suas leis patriarcais, em que somente os homens são merecedores da herança paterna e a mulher, para não passar necessidades, deve se unir ao homem através do casamento, que na maioria das vezes é arranjado. Mesmo estando em uma sociedade na qual a mulher era privada de todo e qualquer direito de estar em algum espaço de

poder e mesmo não tendo fonte de renda própria, Jane Austen não se casou por conveniência, e resistiu dedicando-se à literatura.

Mais de meio século após sua morte, a família Austen publica a sua primeira biografia. Essa biografia traz no frontispício uma imagem da romancista baseada no primeiro desenho feito por Cassandra. Comparando as duas imagens, o observador percebe a diferença do desenho original, que retrata uma mulher de um semblante indócil e sério, do segundo desenho, que traz as marcas vitorianas de uma moça meiga e dócil. É possível inferir que seus familiares buscaram adequar a escritora aos moldes sociais da época.

É no *Jornal do Recife*, no ano de 1917, que encontramos uma primeira nota biográfica da autora e podemos levantar a hipótese de que o resenhista do jornal pernambucano teve acesso à primeira biografia, pois utiliza a mesma imagem melhorada, cujo toque de delicadeza angelical vitoriana não se percebe no desenho original, feito por sua irmã em 1810. Vejamos a nota biográfica acompanhada da referida figura logo a seguir:

Imagem 23 – Breve biografia de Jane Austen no *Jornal do Recife*

<p style="text-align: center;">Mulhere notaveis</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">JOANNA AUSTEN</p> <p>E' a terceira que figura na presente galeria. Joanna Austen, romancista ingleza, filha do reitor de Steventon, no condado de Hampshire, nasceu em 16 de dezembro da 1775.</p> <p>Residiu primeiramente com sua familia, em Bath e depois, em Winchester, onde falleceu a 18 de julho de 1817, sendo sepultada na cathedral.</p> <p>A sua vida decorreu sem acontecimentos notaveis, e, não foi senão em 1830 que as suas obras receberam a acceitação que mereciam.</p> <p>De entre os seus romances, os mais conhecidos são: «Sense and Lusibiltz», em 1811; «Pride and Prejudice», escripto em 1796 e pu-</p>	 <p style="text-align: center;">Joanna Austen</p> <p>bllicado em 1813; «Mansfield Mansfield» e «Perenaston», em 1318.</p> <p>Eis, em rapidos traços a biographada de hoje.</p>
---	---

Fonte: *Jornal do Recife*, 10 de junho de em 1917, ed. 00157, p. 3 – Hemeroteca Digital

Desde o final do século XIX, Jane Austen é citada e aclamada nas colunas literárias, ao lado de outras romancistas inglesas e francesas, pelos resenhistas e redatores dos principais

jornais do país. A partir do início do século XX notam-se pedidos de melhorias na biblioteca para moças. Tais pedidos evidenciavam a necessidade de aprimorar a qualidade das leituras oferecidas para meninas, pois até aquele momento, de acordo com a opinião exposta no jornal, era “literatura da peor”, se comparada à que estava disponível aos meninos.

Os pedidos para que se aprimorassem o conteúdo dos livros para as meninas também davam dicas sobre quais autoras traduzir e o nome de Jane Austen aparece, ao lado de outras romancistas, a fim de torná-las acessíveis às demais leitoras brasileiras, como se pode ver na imagem do recorte de jornal do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, logo abaixo:

Imagem 24 – Pedido para tradução de autoras inglesas

sub-título. A clientela de meninos, servida pela Editora Nacional, apanha, de vez em quando o seu Kipling, o seu Stevenson no meio das bobagens; a das moças tem que se contentar com as “Caravanas Verdes”, literatura da peor. É preciso melhorar “A nova biblioteca das moças”, traduzindo os admiráveis romances de Jane Austen, das irmãs Brontë, etc., grandes romancistas desconhecidas entre nós e leitura tão própria para as moças. Note-se que não condeno “A Caravana Verde”, romance com todos os matadores para interessar uma alma de cozinheira.

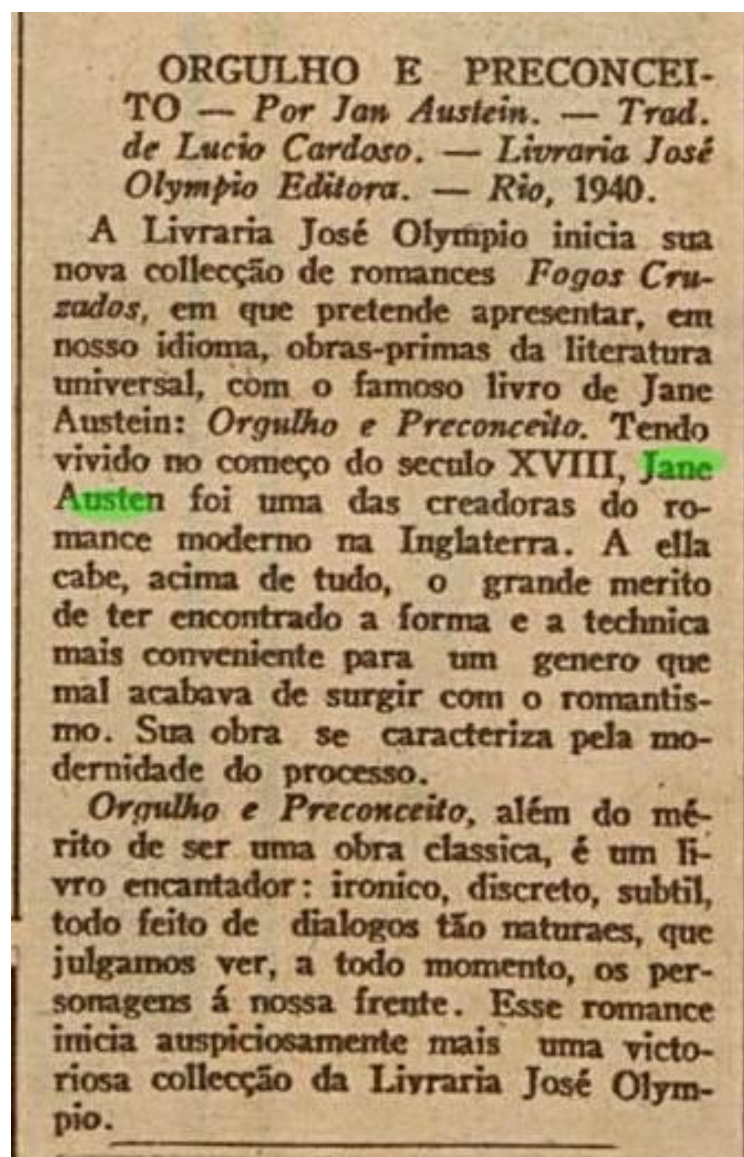
Fonte: *Diário de Notícias (RJ)*, 20 de agosto de 1933, ed. 02046 (1) – Hemeroteca Digital

Dias antes de Jane Austen, traduzida para o português do Brasil, ser anunciada à venda nos catálogos dos jornais do país, o escritor modernista brasileiro Tasso da Silveira fez uma resenha no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1940, mostrando como a escrita da romancista já sintetizava os elementos constitutivos dos escritores que vieram antes e depois dela e como o público brasileiro demorou mais de um século (1813-1940) para ter a versão portuguesa da obra. Segundo Silveira: “O aparecimento, agora, em tradução brasileira, do romance de Jane Austen [...], cuja publicação na Inglaterra data de mais de um século,

arrasta-nos inevitavelmente a certas reflexões em torno do favorecidíssimo gênero literário” (*Diário de Notícias/RJ*, 22 de dezembro de 1940).

A partir de então *Orgulho e preconceito* começa a circular no país, tendo uma boa recepção por parte do público e da crítica. É o que podemos observar, na imagem abaixo, uma resenha com informações sobre a obra e sua tradução ao português brasileiro que apresenta “em nosso idioma, obras-primas da literatura universal”. A tradução é de Lúcio Cardoso, com publicação da Livraria José Olympio Editora, em 1940.

Imagem 25 – Informações sobre a tradução de *Orgulho & preconceito*



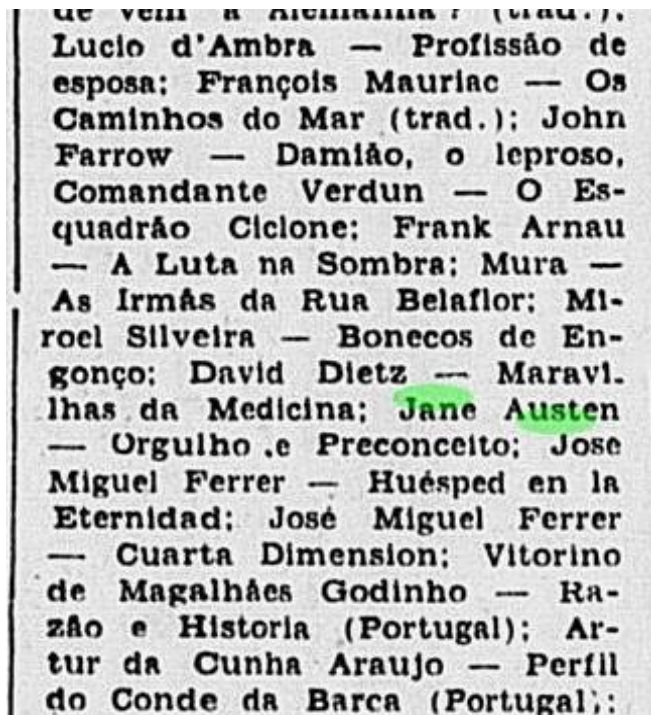
Fonte: *O Cruzeiro: Revista* (RJ), 28 de dezembro de 1940, ed. 0009 (1) – Hemeroteca Digital

Apresentada como uma “obra que se caracteriza pela modernidade do processo” em se tratando do gênero romance e, sendo a primeira tradução da coleção de romances “Fogos

Cruzados” da Livraria José Olympio, *Orgulho e preconceito* abria as portas da tradução para que os outros títulos austenianos chegassem, sem mais demora, ao público leitor brasileiro.

No dia seguinte, 29 de dezembro de 1940, *Orgulho e preconceito* foi anunciado à venda, pela primeira vez, juntamente com vários outros títulos. Abaixo pode-se constatar esse primeiro registro no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro:

Imagem 26 – Anúncio de venda de *Orgulho e preconceito*



Fonte: *Diário de Notícias* (RJ), 29 de dezembro de 1940, ed. 05576 (2) – Hemeroteca Digital

A partir desse primeiro momento, a obra se torna cada vez mais conhecida e, em pouco tempo, está presente em outros estados do Brasil. No periódico *A Notícia*, de Santa Catarina, as informações sobre a obra aparecem já em 1940. Em 1941 *Orgulho e preconceito* foi anunciado no *Diário da Manhã*, em Pernambuco, e também no *Correio Paulistano*, em São Paulo. Em São Luis do Maranhão a obra demora alguns anos para chegar ao público leitor sendo anunciada à venda somente em 1946 no *Diário de São Luis*, com a chamada que demonstra novidades: “Últimas novidades em Livros!”

Também em 1941 encontramos uma resenha na Revista *Vamos Lêr!* (RJ), intitulada “A frágil Jane Austen” escrita por Dinah Silveira de Queiroz, que estava traduzindo *Sense and sensibility* para o português brasileiro e o intitulou de *Razão e sentimento*; nessa resenha, Dinah afirma que: “A escritora conduz com tal habilidade a sua narrativa que o interesse por essas

pálidas mocinhas do fim do século XVIII, com os seus dotes artísticos, as suas sensibilidades, não decaí nunca” (*Vamos Lêr!/RJ*, 6 de novembro de 1941). Dinah reconhece nesses escritos uma voz narrativa inteligente, pois o interesse por essas personagens “não decaí nunca”.

Em 1948 na revista *O Cruzeiro* (RJ), a escritora Rachel de Queiroz, que primeiro traduziu *Mansfield Park* para o português do Brasil, escreve uma resenha literária rememorando os escritos de Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis e faz analogias aos escritos de Jane Austen. Ela afirma que em seus romances: “as moças não se ocupavam em outra coisa senão em ‘passarem tempos’ ou, como diziam ‘fazerem visitas’ [...] o método mais estimado para a caça ao marido” (*O Cruzeiro: Revista/RJ*, 28 de fevereiro de 1948).

A opinião de Rachel de Queiroz de que as personagens femininas de Macedo, Machado e Austen: “gostam de passear e caçar maridos”, atravessou o século, e, na atualidade, Austen é admirada e seguida por inúmeros grupos de leitura internet afora, desde pessoas que estudam moda e casamento, como o clube Colher de Chá Books⁵⁹ liderado por Manoela Cesar, até livros a respeito dos leitores de Jane Austen, como é o caso da obra *Clube de leitura de Jane Austen*, de Karen Joy Fowler, publicado em 2005 e levado ao cinema dos EUA em 2007, com a direção de Robin Swicord e estrelado por Emily Blunt. Tal filme atrai o público pelos diálogos espirituosos dos leitores que se confundem com os personagens austenianos e, obviamente, pelo enredo sentimental. Como se vê, Jane Austen é sinônimo de *marketing*.

A respeito da primeira tradução de *Orgulho e preconceito*, o intelectual brasileiro Luís da Câmara Cascudo aparece em o *Diário de Notícias* (RJ) e assim inicia sua resenha intitulada *Jane Austen no Brasil*: “O sr. Lúcio Cardoso trouxe Miss Jane Austen ao Brasil, anulando a distancia que o idioma determinava. PRIDE AND PREJUDICE exigiu cento e vinte e sete anos para chegar ao Brasil” (*Diário de Notícias/RJ*, 22 de dezembro de 1940). O próprio Lúcio Cardoso, na Introdução à obra austeniana por ele traduzida, relembra que:

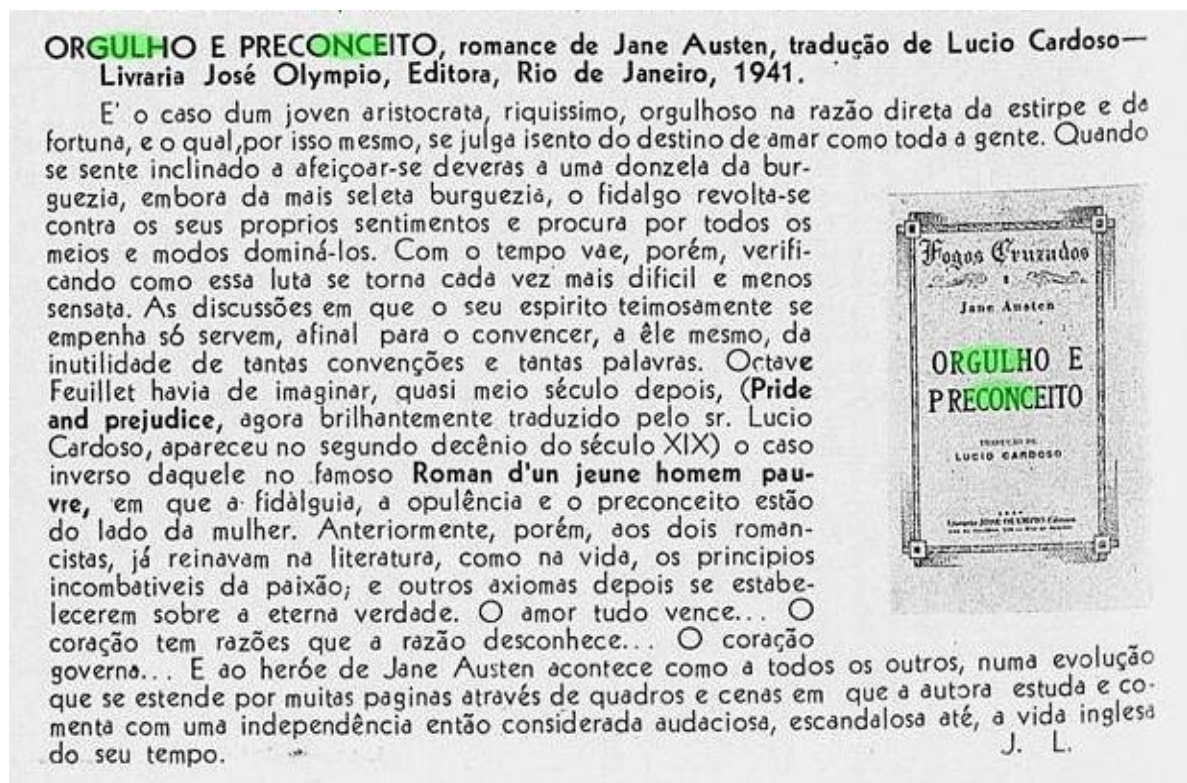
Os críticos levantaram muitas objeções contra os seus livros, lembrando a inexperiência dessa moça obscura que ousara retratar com tão feroz realidade a sociedade e os hábitos da velha Inglaterra. Sua vida foi avidamente investigada e alguém chegou a lembrar que ela não poderia descrever paixões, pois nunca as tinha conhecido [...]. Mas a verdade é que, apesar de tudo, os livros de Jane Austen atravessam os anos dotados de uma assombrosa vitalidade (Cardoso, 2022, p. 6).

⁵⁹ Em dezembro de 2020 aconteceu do 1º Festival Literário Jane Austen, promovido pelo Colher de Chá Books; o evento foi on-line, pois o mundo vivia o terrível momento pandêmico da Covid-19, provocado pelo coronavírus. Nesse encontro, dentre as muitas palestras, houve uma com Rebecca Smith, quinta sobrinha-neta de Jane Austen; e outra com a brasileira Julia Romeo, tradutora da *Juvenília* e, mais recentemente, de *Emma*; além de um tour virtual no Museu Jane Austen, em Chawton, guiado por uma curadora daquela instituição.

Lúcio Cardoso apresenta o romance de Jane Austen colocando em evidência a vitalidade da escritora que sempre se renova. É possível dizer que ele tinha razão, posto que a mesma editora José Olympio, no ano de 2022, publicou a 8ª edição da tradução feita por ele, trazendo também a introdução que ele escreveu para a primeira edição, oitenta e dois anos atrás.

Abaixo pode-se observar uma resenha de *Orgulho e preconceito* na *Revista da Semana* (RJ), do ano de 1941, que trouxe a imagem da folha de rosto da 1ª publicação brasileira:

Imagem 27 – Resenha e folha de rosto da 1ª ed. brasileira de *Orgulho & Preconceito*



Fonte: *Revista da Semana* (RJ), 24 de maio de 1941, ed. 00021 (1). Ano XLII, Nº 21 – Hemeroteca Digital

Essa resenha traz o desenho/imagem da capa da primeira edição da obra traduzida. À essa primeira tradução, seguiram-se inúmeras e variadas traduções e publicações, não só de *Orgulho e preconceito*, mas de todos os outros romances de Jane Austen⁶⁰.

Em 1942, a mesma editora José Olympio publicou a tradução de *Mansfield Park* feita por Raquel de Queiroz. Dois anos depois, em 1944, a José Olympio publicou o terceiro romance

⁶⁰ De acordo com Raquel S. Brião (2017), as traduções da década de 1940 foram todas edições impressas em papel de baixa qualidade devido à escassez causada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Contudo, as décadas seguintes tiveram um aumento significativo das traduções e edições das mais variadas. A editora Antofágica lançou em 2021 uma edição das mais valorosas trazendo textos de pesquisadoras renomadas, além de um link – a ser acessado escaneando o QR Code – de videoaulas da Dr.ª Sandra Vasconcelos a respeito da obra, da autora e de seu contexto.

austeniano, *Razão e sentimento*, traduzido por Dinah Silveira de Queiroz. Também em 1944 a editora Panamericana publicou *A abadia de Northanger*, com tradução de Lêdo Ivo. As décadas de 1950 e 1960 não apresentaram traduções das obras que faltavam; mas em 1971, *Persuasão* foi traduzida por Luiza Lobo e publicada pela editora Bruguera. Em 1996, Ivo Barroso traduziu *Emma*; a publicação saiu pela editora Nova Fronteira; esse último romance de Austen a ser traduzido no Brasil, vale lembrar, foi o primeiro a circular no país, na língua original, em 1843.

Atualmente, há muitas traduções e edições variadas da obra de Jane Austen. Abaixo podemos verificar o quadro com as primeiras traduções feitas pelos intelectuais brasileiros e as editoras que primeiro publicaram os romances austenianos no Brasil:

Quadro 2 – Primeira tradução e publicação dos seis romances de Jane Austen no Brasil

Título original/Ano Editora	Tradutor/a brasileiro/a	Título brasileiro/Ano Editora
<i>Pride and prejudice</i> /1813 Thomas Egerton	Lúcio Cardoso	<i>Orgulho e preconceito</i> /1940 José Olympio
<i>Mansfield Park</i> /1814 Thomas Egerton	Raquel de Queiroz	<i>Mansfield Park</i> /1942 José Olympio
<i>Sense and sensibility</i> /1811 Thomas Egerton	Dinah Silveira de Queiroz	<i>Razão e sentimento</i> /1944 José Olympio
<i>Northanger abbey</i> /1818 John Murray	Lêdo Ivo	<i>A abadia de Northanger</i> /1944 Panamericana
<i>Persuasion</i> /1818 John Murray	Luiza Lobo	<i>Persuasão</i> /1971 Bruguera
<i>Emma</i> /1816 John Murray	Ivo Barroso	<i>Emma</i> /1996 Nova Fronteira

Fonte dos dados colhidos disponível em:

<https://janeaustenlf.org/pride-and-possibilities-articles/2017/8/26/issue-19-the-first-brazilian-translations>

Ao que tudo indica, Jane Austen foi bem recebida pelo público leitor brasileiro e até suas duas obras deixadas inacabadas: *Os Watsons* e *Sanditon*, foram traduzidas por Ivo Barroso e publicados pela Nova Fronteira em 2014. *Lady Susan* foi traduzido por Stephanie Savalla em 2012 e publicado pelas editoras Pedra Azul e Zahar. Julia Romeu traduziu *A Juvenilíia*, em 2014; a publicação saiu pela editora Penguin-Companhia das Letras.

Neste momento faz-se importante observar que *Orgulho e preconceito* foi traduzido e publicado no Brasil no mesmo ano em que a obra foi adaptada para o cinema nos Estados Unidos, pela Metro-Goldwyn-Mayer (MGM). O filme teve a direção de Robert Z. Leonard e

foi estrelado por Laurence Oliver, no papel de Mr. Darcy, e Greer Garson, como Elizabeth Bennet; já o roteiro ficou por conta de Aldous Huxley. O lançamento do filme estadunidense aconteceu no dia 26 de julho de 1940.

No Brasil, essa adaptação fílmica foi anunciada com o título de “*Orgulho*”. Raquel Sallaberry Brião (2017) afirma que as informações sobre o filme constavam na capa interna da primeira tradução da obra publicada pela José Olympio. Rastreado na Hemeroteca Digital informações sobre a exibição do filme no país, constata-se nos periódicos da época que o filme “*Orgulho*” (Metro, 1940) foi exibido em 1941 nos cinemas do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. A figura abaixo é um recorte do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, onde se encontra uma das primeiras informações a respeito da exibição do filme no país:

Imagem 28 – Primeiro anúncio do filme “ORGULHO” no cinema brasileiro



Fonte: *Diário de Notícias* (RJ), 25 de abril de 1941, ed.05673 (1) – Hemeroteca Digital

No ano seguinte, o filme foi classificado na “lista das doze melhores ‘películas’” do ano, ficando em 10º lugar, como mostra a figura abaixo extraída do *Jornal do Brasil* (RJ):

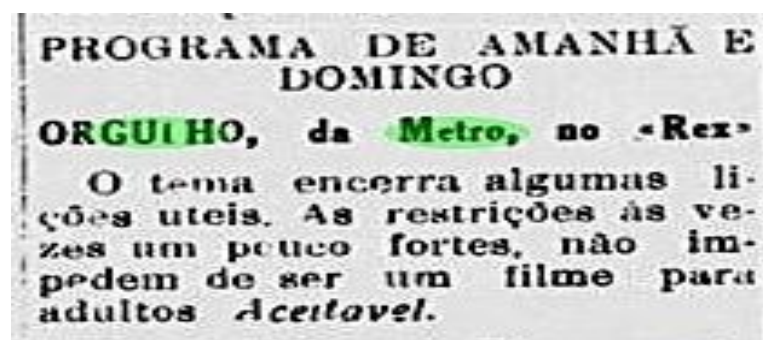
Imagem 29 – Anúncio do filme “Orgulho” entre os melhores do ano



Fonte: *Jornal do Brasil* (RJ), 7 de janeiro de 1942, ed. 01806 (1) – Hemeroteca Digital

Em 1942, o filme foi exibido em Pernambuco. No mesmo ano, foi exibido no Rio Grande do Norte, como mostra o recorte do jornal *A Ordem* (RN) a seguir:

Imagem 30 – Anúncio do filme “ORGULHO”, no Rio Grande do Norte




Fonte: *A Ordem* (RN), (sexta-feira) 14 de agosto de 1942, ed. 02046 (1) – Hemeroteca Digital

Em 1943, “Orgulho” é exibido no Amazonas e, em 1944 no Piauí. Após esse ano o filme sai de cartaz, mas pela boa recepção do público brasileiro, volta em 1946, como se pode ler no anúncio da próxima imagem que informa: “‘Orgulho’ que tanto sucesso fez há algum tempo e que agora retorna para alegria de muita e muita gente”:

Imagem 31 – Anúncio da reapresentação do filme “Orgulho”

Greer Garson reaparece em “Orgulho”, com Laurence Olivier



Do romance de Jane Austen intitulado “Pride and Prejudice” a Metro - Goldwyn - Mayer” fez um filme que é principalmente uma sátira à mulher no período em que decide cacar um marido a todo custo. Um romance escrito e passado no tempo das “crinolinas”. Já quando elas queriam, queriam mesmo... Greer Garson e Laurence Olivier foram os intérpretes capitais desse filme, “Orgulho”, que tanto sucesso fez há algum tempo e que agora retorna para alegria de muita e muita gente. A reapresentação terá lugar, hoje, no Metro-Passelo, e é bem possível que seu sucesso seja ainda maior do que o da “premiere”...

Fonte: *Diário de Notícias* (RJ), 21 de março de 1946, ed. 07179 (1) – Hemeroteca Digital

Na próxima figura pode-se observar algumas localidades de cinemas no Rio de Janeiro. O filme “Orgulho”, como apontado no recorte, foi reexibido na Tijuca e em Copacabana:

Imagem 32 – Cartaz da reapresentação do filme “Orgulho”

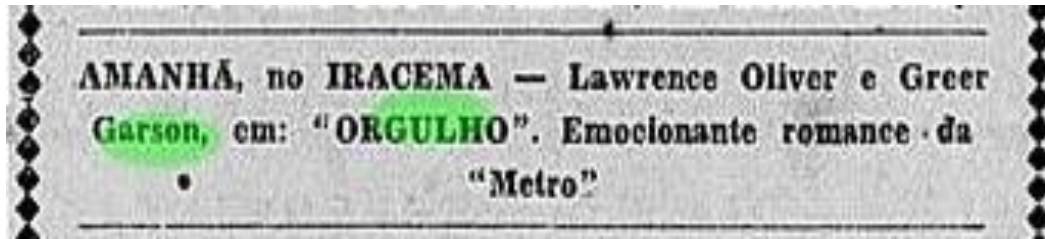
CARTAZ DE HOJE!

NOS CINEMAS	
CINELANDIA	Maracanã — Eramos três mulheres
Capitôlio — Sessões Passatempo	Mascote — E o vento levou
Imperio — Jardim de Alá	Metro-Tijuca — Orgulho
Metro Passelo — Dupla Ilusão	Metro Copacabana — Orgulho
	Meyer — Sereia das selvas
	Modelo — Este mundo é um hospício

Fonte: *Correio da manhã* (RJ), 30 de março de 1946, ed. 15768 (1) – Hemeroteca Digital

Em Belém do Pará não encontrei referências às primeiras exhibições entre os anos 1941 e 1943; entretanto, na reprise, se constata em *O Liberal*, no ano de 1947, a seguinte nota:

Imagem 33 – Anúncio da apresentação do filme “Orgulho” em Belém/PA



Fonte: *O Liberal* (PA), 10 de julho de 1947, ed. 00194 (1) – Hemeroteca Digital

No quadro abaixo, podemos observar os estados brasileiros onde houve a exibição e também a reexibição do filme “Orgulho” da MGM, entre os anos de 1941 a 1954:

Quadro 3 – Lugar, jornal e ano da exibição de “Orgulho” nos cinemas brasileiros

Lugar	Jornal/Revista	Ano
Rio de Janeiro	<i>Diário de Notícias, Diário Carioca, Jornal do Commercio, A Manhã, Correio da Manhã</i>	1941, 1942, 1943 e 1946
São Paulo	<i>Correio da Tarde, Revista Flamma</i>	1941, 1949
Paraná	<i>O Dia, Diário da Tarde</i>	1941, 1954
Pernambuco	<i>Diário de Pernambuco</i>	1942
Rio Grande do Norte	<i>A Ordem</i>	1942, 1948, 1952
Amazonas	<i>Jornal do Comercio</i>	1943
Piauí	<i>Gazeta</i>	1944
Santa Catarina	<i>O Estado de Florianópolis</i>	1947
Pará	<i>O Liberal</i>	1947

Fonte dos dados colhidos: Hemeroteca Digital.

Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 2022 e 2023

Após esse período de exibição e reexibição do filme, cuja obra publicada já havia ganhado considerações positivas do público e da crítica, não demorou muito para que os outros romances de Jane Austen fossem também adaptados para o cinema. Contudo, até a atualidade, *Orgulho e preconceito* é o que mais tem adaptações para as telas.

De acordo com a “Revista Galileu”⁶¹ e a “RollinStone Brasil”⁶², até a atualidade *Pride and prejudice* tem dez adaptações: 1) *Orgulho e preconceito* (1995), adaptação televisiva feita pela BBC de Londres com Colin Firth no papel do Sr. Darcy e Jennifer Ehle como Elizabeth Bennet; 2) *O diário de Bridget Jones* (2001), uma adaptação distante, mas divertida; 3) *Noiva e preconceito* (2004), é uma adaptação no estilo cultural indiano; 4) *Orgulho e preconceito* (2005), dirigido por Joe Wright, com Keira Knightley no papel de Elizabeth Bennet é uma das mais queridas do público; 5) *Lost in Austen* (2008), é uma série na qual a protagonista Amanda troca de lugar com Elizabeth e isso altera os rumos da história; 6) *The Lizzie Bennet Diaries* (2012), é uma versão moderna, na qual a protagonista é uma estudante de comunicação; 7) *Austenland* (2013), é uma série que se passa em um local onde as pessoas se fantasiam e fazem de conta que vivem no tempo de Austen; 8) *Death comes to Pemberley* (2013), é uma versão sombria que dá continuidade ao romance após o casamento de Darcy e Elizabeth; 9) *Orgulho e preconceito e zumbis* (2016), é um filme que mescla o cômico e o mórbido, os protagonistas são lutadores de arte marciais; 10) *Orgulho e Paixão* (2018), adaptação brasileira em novela, produzida pela TV Globo; a produção foi estrelada por Nathalia Dill no papel de Elisabeta Benedito e Thiago Lacerda como Darcy Williamson.

De acordo com a pesquisadora Genilda Azerêdo, na adaptação cinematográfica de 2005 há: “uma ênfase maior na visualidade do meio rural (animais e trabalhadores rurais são mostrados) com o propósito de não apenas situar a história no *countryside* inglês pré-industrial, mas de indicar esse meio como contexto comercial e econômico daquele grupo social” (Azerêdo, 2013, p. 47). Essa adaptação de *Orgulho e preconceito* é a que mais se aproxima do mundo rural de Jane Austen, o mundo que ela conhece e que é fonte de sua literatura.

Após mostrar, através dos registros da Hemeroteca Digital, como se deu a recepção de *Orgulho e preconceito*, tanto na obra impressa quanto na adaptação cinematográfica, no Brasil da década de 1940, comentarei brevemente sobre a adaptação cinematográfica de *Persuasão*, que aconteceu no ano de 1971, curiosamente, o mesmo ano em que a obra foi traduzida para o português brasileiro.

Persuasão teve sua primeira adaptação em seriado pela britânica ITV Granada/BBC no ano de 1971, com Anne Firbank no papel de Anne Elliot e Bryan Marshall como Frederick

⁶¹ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2016/02/9-adaptacoes-de-orgulho-e-preconceito-que-voce-precisa-conhecer.html> Acesso em: 14/01/2023.

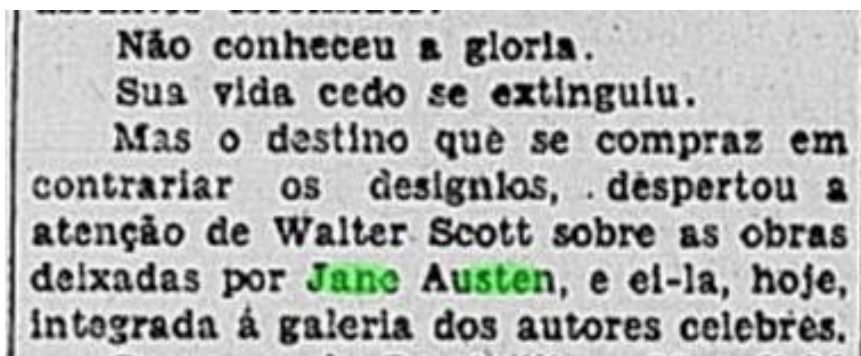
⁶² Disponível em: [https://rollingstone.uol.com.br/noticia/6-adaptacoes-cinematograficas-de-orgulho-e-preconceito-classico-de-jane-austen-lista/#:~:text=Orgulho%20e%20Preconceito%20\(1995\),e%20recebeu%20indica%C3%A7%C3%B5es%20ao%20BAFTA.](https://rollingstone.uol.com.br/noticia/6-adaptacoes-cinematograficas-de-orgulho-e-preconceito-classico-de-jane-austen-lista/#:~:text=Orgulho%20e%20Preconceito%20(1995),e%20recebeu%20indica%C3%A7%C3%B5es%20ao%20BAFTA.) Acesso em: 14/01/2023.

Wentworth⁶³. Em 1995 a BBC de Londres fez outra adaptação do romance em seriado de TV, dirigido por Roger Michell e protagonizado por Amanda Root (Anne) e Ciaran Hinds (Frederick); na sequência, tem-se a adaptação cinematográfica também pela BBC em parceria com os EUA em 2007, com direção de Adrian Shergold, e interpretado por Sally Hawkins como Anne Elliot e Rupert Penry-Jones no papel do capitão Wentworth⁶⁴. A mais recente adaptação de 2022, protagonizada por Dakota Johnson (Anne Elliot) e Cosmo Jarvis (Frederick Wentworth), está no streaming da Netflix e tem dividido opiniões pela performance super moderna da protagonista que quebra a “quarta parede” e interage, de maneira cômica, com o telespectador.

Não é prioridade aqui mostrar as adaptações de todos os romances de Austen para a Sétima Arte; o que interessa é a circulação, recepção e interpretação das duas primeiras obras austenianas que circularam em língua portuguesa no Brasil: *Persuasão*, a partir de 1848, com a roupagem de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*; e *Orgulho e preconceito*, a partir de 1940. Nota-se que o tempo entre a tradução de uma e outra obra é de praticamente um século.

Com o sucesso das edições de seus romances e o fenômeno de público leitor que o futuro lhe reservaria, faz-se importante mostrar o que o *Jornal do Brasil* (RJ) noticiou, em 1936, ao afirmar que a escritora Jane Austen “não conheceu a glória” e morreu muito jovem, como podemos observar na figura abaixo, extraída do referido periódico:

Imagem 34 – Sua vida cedo se extinguiu, por Mirka de la Cerda



Fonte: *Jornal do Brasil* (RJ), 20 de setembro de 1936, ed. 00225 (1) – Hemeroteca Digital

Com outras palavras Virginia Woolf também expressa a mesma opinião quando escreve: “a mais perfeita artista entre as mulheres, a autora cujos livros são imortais, morreu ‘justamente

⁶³ Disponível em: <https://reginajeffers.blog/2018/01/22/the-film-adaptation-of-persuasion-1971/> Acesso em: 14/01/2023.

⁶⁴ Disponível em: <https://jasabrisbane.org/upcoming/persuasion-on-screen> Acesso em: 14/01/2023.

quando estava começando a sentir confiança no próprio sucesso” (Woolf, 2019b, p. 45). Felizmente, como vimos, as inúmeras traduções no século XX, adaptações para a TV e o cinema, bem como as mudanças sociais e históricas pelas quais passamos, fariam e fazem de Jane Austen um grande nome na atualidade.

Neste segundo capítulo, procurei mostrar como se deu a circulação de Austen no Brasil oitocentista, através de uma “tradução livre” portuguesa de *Persuasão*, bem como a recepção, já no século XX, da tradução brasileira de *Orgulho e preconceito*. Investiguei e rastreei as primeiras referências de Jane Austen no Brasil, sua presença nos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital. Dessa forma foi possível perceber que, desde as primeiras resenhas do final do século XIX e início do século XX, Austen foi vista como uma romancista importante, com uma escrita que se aproxima das primeiras reivindicações por direitos femininos como a educação formal, sempre afirmando que a mulher é um ser racional, reclamando assim o direito de ser sujeito de sua história e decidir, de maneira livre, sobre sua vida.

No terceiro e último capítulo analiso *Orgulho e preconceito* e *Persuasão* os dois romances que primeiramente circularam, em língua portuguesa, no Brasil. Meu estudo busca evidenciar como a voz narrativa exalta a racionalidade da mulher e denuncia seu aprisionamento naquela sociedade patriarcal. Para isso, retomo a discussão de Virginia Woolf sobre “O Anjo do Lar” e “Judith Shakespeare” e identifico, nas personagens austenianas, a recusa em se tornarem angelicais e obedientes. Observo, assim, que essas personagens mulheres reivindicam o direito de serem reconhecidas como sujeitos racionais e desejantes em uma sociedade que reservava tais prerrogativas aos homens. Ao levantar esse debate, Virginia Woolf logo reconhece que Jane Austen, assim como as demais escritoras mulheres anônimas na história, foi uma “Judith Shakespeare”, uma mulher de letras naquela sociedade patriarcal.

CAPÍTULO 3 – JANE AUSTEN: ANJO DO LAR OU JUDITH SHAKESPEARE?

A poeta morta que era a irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes ela sacrificou. Extraíndo sua vida da vida das desconhecidas que foram suas antepassadas, como seu irmão fez.

Virginia Woolf, Um teto todo seu, 2014.

A escrita literária de Jane Austen, como procurei expor no primeiro capítulo, é fruto de sua mente criativa, reconhecida pelos críticos, somada à tradição literária a que ela teve acesso, além da herança dos romancistas que a precederam, seus conterrâneos Defoe, Richardson e Fielding. Para Ian Watt (2010), em seus romances, Jane Austen atinge o auge do gênero na Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX. Segundo Watt, a escritora atinge o clímax porque: “encara mais diretamente que Defoe, por exemplo, os problemas sociais e morais [...], segue Richardson ao basear seus romances no casamento [...] e apresenta uma visão das normas ideais do sistema social muito semelhante à de Fielding” (Watt, 2010, p. 318).

Janet Todd (2006) observa que ainda em Steventon, a jovem Austen cria uma personagem quixotesca; segundo a pesquisadora: “a heroína funciona como uma reprise cômica do ‘quixote’ feminino, cuja mente é confusa pela ficção romântica” (Todd, 2006, p. 44)⁶⁵. Todd aponta que Austen conhecia a obra *The female Quixote* (1752), de Charlotte Lennox, a qual, assim como o *Dom Quixote*, de Cervantes, confundia-se entre realidade e ficção, algo nada distante da heroína austeniana Catherine Morland, de *A abadia de Northanger*.

Guardadas as devidas proporções, Ian Watt, ao afirmar que Jane Austen atinge o auge do romance na Inglaterra, por condensar as características de seus antecessores, fez-nos recordar Antonio Candido (2017), ao discorrer sobre Machado de Assis (1839-1908), que também atinge o auge do romance no Brasil, e afirma que este é herdeiro direto de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida e José de Alencar. Candido afirma que Machado de Assis: “compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição de costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antonio, na vocação analítica de José de Alencar” (Candido, 2017, p. 436).

⁶⁵ Tradução minha. Original: “the heroine functions as a comic reprise of the female ‘quixote’, whose mind is addled by romantic Fiction.”

Sandra Vasconcelos em *O gume da ironia em Machado de Assis e Jane Austen* (2014), afirma que a escrita dá a ambos a liberdade para zombar das normas sociais estabelecidas:

Ler Jane Austen a partir dessas premissas com atenção às sutilezas da enunciação, às ambiguidades, às armadilhas do discurso, nos remete ao mesmo estilo galhofeiro, corrosivo e oblíquo tão nosso velho conhecido em Machado de Assis, cujos narradores, também eles circulando numa esfera social bastante delimitada – a dos bem-nascidos, bem-postos e aquinhoados com as benesses e privilégios de sua condição –, demonstrarão igual liberdade de perspectiva (Vasconcelos, 2014, p. 153).

Algumas indagações se fazem pertinentes no percurso deste terceiro capítulo. Que marcas subversivas estão presentes nas personagens femininas de *Orgulho e preconceito* e *Persuasão* que convergem para as reivindicações feitas por Mary Wollstonecraft? O que é “O Anjo do Lar” e quem é “Judith Shakespeare”, de acordo com a problematização levantada por Virginia Woolf? Chamo a atenção, na análise de *Persuasão*, para alguns paralelos entre a “tradução livre” portuguesa de 1847 e a tradução brasileira de 1971, onde aponto distâncias e aproximações de sentido com o texto original, publicado em 1818.

A seguir, exponho um fragmento do longo poema do poeta vitoriano Coventry Patmore (1823-1896), intitulado *O Anjo do Lar*⁶⁶, cuja primeira parte foi publicada em 1854:

O homem deve sentir-se satisfeito; mas satisfazê-lo
É o prazer da mulher; no abismo
De suas piedosas necessidades,
Ela dispõe o seu melhor arremessando-se.
[...]
A qualquer hora, ela ainda continua sendo sua esposa,
Graciosamente devotada em seus braços;
Ela o ama com um amor que não se cansa;
E quando, ai, ela ama sozinha,
Através do dever apaixonado, o amor eleva-se mais alto,
Como a grama que cresce no entorno de uma rocha
(Patmore, 1920, pp. 53-54)⁶⁷.

É perceptível neste excerto que Patmore utiliza a poesia para louvar a doação da mulher no casamento que, esquecendo de si, supostamente encontra seu prazer na satisfação do marido. Patmore exalta, portanto, dentro do matrimônio, a anulação feminina que é aceita na sociedade patriarcal a qual pertence, uma sociedade que empurra a mulher para o abismo do silêncio que causa sua morte em vida.

⁶⁶ Tradução minha. Original: *The Angel in the House*.

⁶⁷ Tradução minha. Original: “Man must be pleased; but him to please / Is woman’s pleasure; down the gulf / Of his condoled necessities, / She casts her best, she flings herself. / [...] / At any time, she’s still his wife, / Dearly devoted to his arms; / She loves with love that cannot tire; / And when, ah woe, she loves alone, / Through passionate duty love springs higher, / As grass grows taller round.”

Observa-se que Austen reivindicará constantemente em suas protagonistas a razão e o autocontrole. Elinor Dashwood, Elizabeth Bennet, Fanny Price, Emma Woodhouse e Anne Elliot são fortes exemplos de protagonistas cujas características marcantes são o autocontrole e a racionalidade; são personagens que se formam ao longo da narrativa e vão aprendendo com seus erros e acertos. Dessa forma a escritora britânica, com suas narrativas, estaria de acordo com o pensamento filosófico iluminista da época, mas não deixa de dizer, de maneira sutil, o que pensa e o que deseja, expondo a sociedade patriarcal na qual a mulher era privada de ir à escola, não tinha direito à herança paterna e, para ter uma garantia de futuro e não passar necessidade financeira, deveria se casar com quem os pais lhe indicasse.

Jane Austen não tinha poder de decisão, se comparada aos homens de sua família. Entretanto, assim como outras mulheres filhas e irmãs de homens instruídos, manifestou-se através da literatura, instrumento poderoso à sua disposição. Sandra Vasconcelos em *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII* (2002), afirma que: “Os periódicos, as revistas femininas e os romances foram armas poderosas na divulgação de novas atitudes e valores e funcionaram como fonte importante de instrução para a maioria das mulheres” (Vasconcelos, 2002, p. 106).

Por muito tempo na história, as mulheres, com raras exceções, foram impedidas de ter a mesma educação que os homens, fato que serviu de atraso nas conquistas femininas. Essa herança patriarcal é exposta por Simone de Beauvoir (1949), ao indicar que a construção social da inferioridade da mulher remonta à antiguidade clássica. Aristóteles afirma que: "A mulher é mulher em virtude de uma deficiência, que deve viver fechada em sua casa e subordinada ao homem" (Aristóteles *apud* Beauvoir, 2009, p. 132). A filósofa expõe também o assunto sob a ótica religiosa. Sobre o Islamismo, Beauvoir destaca: “Os homens são superiores às mulheres, consta no Corão” (Beauvoir, 2009, p. 124). E o Cristianismo, seguindo o Judaísmo, não fica imune a essa concepção, pois um de seus principais apóstolos, São Paulo, na carta aos Efésios 5,24 assim escreve: “Estejam as mulheres, em tudo, sujeitas aos seus maridos” (Bíblia, 1996, p. 2203).

Dessa forma, é possível observar que na filosofia, na política e nas religiões, as mulheres foram cada vez mais sendo excluídas dos espaços de poder, foram violadas em seus direitos e consideradas apenas peças dos jogos e conquistas masculinas. Sandra Vasconcelos, entretanto, afirma que dentro dessa conjuntura e herança patriarcal a partir do século XVIII: “o romance foi o instrumento escolhido por muitas delas exatamente como meio de expressão, de denúncia, de revolta e de recusa de sua situação” (Vasconcelos, 2002, p. 107).

Virginia Woolf em seu artigo *Profissões para mulheres* (1942), faz referência ao poema no qual Coventry Patmore idealiza o amor conjugal e o papel da mulher esposa e mãe. Esse ideal feminino pairava na sociedade vitoriana, tendo em vista que a rainha Vitória (1819-1901) tinha fama de possuir um amor devotado ao seu país e ao príncipe Albert, seu marido; essa forma de ser mulher, esposa e mãe, tornou-se um modelo para as mulheres da época. Herdeira desse período, no qual a mulher estava fortemente presa a essas convenções que a excluía dos lugares de poder político, religioso e acadêmico e a confinava ao espaço doméstico, Woolf desafia a imaginação de seus leitores ao refletir sobre “Judith Shakespeare”. Entretanto, de acordo com a pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira:

Virginia Woolf não foi a única a criar uma suposta irmã Shakespeare e, provavelmente, ela tinha conhecimento de outras obras que deram vida à Judith Shakespeare. Anna Snaith (2015:261) afirma que o primeiro escritor a utilizar essa referência seria William Black em 1883, com o romance *Judith Shakespeare* e em 1895 Edward Aveling cria uma peça com o mesmo nome. Cicely Hamilton escreveu *Marriage as a trade* (1909) e Olive Schreiner *From man to man* em 1920, ambas especulando sobre a possível existência de uma mulher shakespeariana (Oliveira, 2019, p. 21).

Woolf evoca “Judith Shakespeare” para questionar se o dramaturgo elizabetano tivesse uma irmã, com os mesmos dons e talentos imaginativos que ele, será que ela teria alcançado as mesmas condições de se desenvolver intelectualmente como ele teve? Woolf responde que certamente não, pois na sociedade da época era destinado às mulheres o cuidado da casa, do marido e dos filhos, e por isso elas não tinham tempo para se dedicarem à literatura ou a qualquer coisa além das tarefas do casamento. De acordo com Woolf, Judith Shakespeare:

Era tão aventureira, tão imaginativa, tão impaciente para conhecer o mundo quanto ele. Mas ela não frequentou a escola. Não teve oportunidade de aprender gramática e lógica, que dirá de ler Horácio e Virgílio. Apanhava um livro de vez em quando, talvez um dos de seu irmão, e lia algumas páginas. Mas logo seus pais surgiam e ordenavam que fosse coser as meias ou cozer o guisado e não mexesse em livros e papéis (Woolf, 2014, p. 71).

Assim como Virginia Woolf, Jane Austen teve as oportunidades para se desenvolver escritora, pois seu pai: “lia para seus filhos, e, quando estes já podiam ler sozinhos, deixava que escolhessem livremente entre as centenas de livros disponíveis nas estantes de seu escritório” (Reef, 2014, pp. 29-30). Jane Austen teve a oportunidade de ler tudo o que seus irmãos e os alunos de seu pai liam e teve o apoio e incentivo da família desde os seus primeiros escritos; dessa forma desenvolveu-se como escritora e assim foi possível deixar nascer a irmã de Shakespeare em si mesma. Pode-se então inferir que as asas do “Anjo do Lar” não tiveram

poder sobre a pena de “Judith Shakespeare” presente naquela jovem moça do vilarejo de Steventon. Quase um século depois Virginia Woolf discorrendo sobre a irmã shakespeareana afirmará que: “ela virá se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena” (Woolf, 2014, p. 159).

Jane Austen foi uma mulher que, mesmo presa à esfera doméstica devido a sua condição feminina, viveu em meio aos livros em Steventon e nesse vilarejo, como exposto no primeiro capítulo, escreveu *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito* e *A abadia de Northanger*. Em Chawton, mais de uma década depois, escreveu *Mansfield Park*, *Emma* e *Persuasão*. Neste ponto da pesquisa quero me deter nos dois romances que primeiramente circularam no Brasil vertidos ao português: *Persuasão (A família Elliot, ou a inclinação antiga)*, em meados do século XIX, e *Orgulho e preconceito*, em meados do século XX, rastreando nesses dois romances as vozes femininas de reivindicação em convergência com Wollstonecraft, percebendo que essa postura reivindicatória está presente em Austen do início ao fim de sua trajetória literária.

Quando morou em Bath e em Southampton, Jane Austen pôde alugar livros, pois nessas cidades havia, assim como na capital, Londres, as famosas Bibliotecas Circulantes, locais onde era possível pagar uma pequena taxa anual e alugar diversos livros. De acordo com Renata Colasante (2005): “A guerra napoleônica e o custo do papel fizeram com que os preços dos livros ficassem incrivelmente altos. Decerto, o público comprador de romances e até mesmo de periódicos ainda constituía uma pequena porcentagem da população” (Colasante, 2005, p. 2). Com os livros custando muito caro, as Bibliotecas Circulantes permitiram a sobrevivência do comércio livreiro.

Esse tipo de biblioteca, como podemos observar na imagem a seguir, fez-se presente, a princípio, na Inglaterra, França e Alemanha, depois em Portugal e, finalmente no Brasil. Segundo Alexandro Paixão (2017), os gabinetes de leitura eram “uma instância mediadora entre os editores, escritores e o público, contribuindo assim para a ampliação do comércio livreiro” (Paixão, 2017, p. 49). Dessa forma, as bibliotecas circulantes cujos livros eram alugados a baixo custo, ampliavam o comércio livreiro e favoreciam o público leitor.

Sandra Vasconcelos em *A formação do romance inglês* (2007), no capítulo sobre “recepção e testemunhos de leitura”, comenta as cartas do livreiro James Lackington, do final do século XVIII, referindo-se às Bibliotecas Circulantes da Inglaterra. Em uma delas ele escreve:

Fui informado de que, quando as bibliotecas-circulantes foram abertas pela primeira vez, os livreiros ficaram muito alarmados; o rápido aumento delas, somado a seus temores, levou-os a pensar que a venda de livros diminuiria muito por causa dessas bibliotecas. Mas a experiência provou que a venda de livros, longe de diminuir por causa delas, foi grandemente favorecida, pois, a partir desses repositórios, muitos milhares de famílias se supriram de livros a preços reduzidos, o que, por sua vez, tornou a leitura muito mais geral, e milhares de livros são comprados todos os anos, por quem primeiro os tomou emprestados nessas bibliotecas (Lackington, Carta XL, 1791 *apud* Vasconcelos, 2007, pp. 618-619).

Imagem 35 – Biblioteca Circulante



Fonte: O Mundo de Jane Austen. Disponível em: <https://janeaustensworld.com/2010/08/30/the-circulating-library-in-regency-times/>. Acesso em: 12/12/2022.

Jane Austen viveu décadas antes de haver bibliotecas públicas gratuitas. Ela frequentou as Bibliotecas Circulantes. De acordo com Colasante: “Jane Austen não somente observou, mas foi uma participante ativa dessa revolução na expansão do mercado editorial e do público leitor” (Colasante, 2005, p. 8). Ser uma assinante dessas Bibliotecas permitiu a Austen ler muito, o que foi fundamental para que ela rompesse com “O Anjo do Lar” e vivificasse “Judith Shakespeare”. Refletindo sobre o lugar da mulher na sociedade e buscando meios de subversão, Virginia Woolf faz memória à irmã shakespeariana dizendo que ela terá chance de viver se as mulheres ousarem escrever. Não somente escrever, mas também ter um público a quem se

dirigir de forma acessível, foi fundamental para as escritoras que estavam se firmando. É o que indica Lerner (2022): “A criação de público feminino para o trabalho de autoras dependeu, naturalmente, do desenvolvimento de revistas femininas e de romances impressos a baixo custo [...] a partir do início do século XVIII na Inglaterra e no continente europeu” (Lerner, 2022, p. 288). Dessa forma, tudo confluía para que as mulheres começassem a se firmar na arte literária.

Para Simone de Beauvoir: “A mulher é um existente a quem se pede que se faça objeto” (Beauvoir, 2009, p. 523). A mulher, assim como o homem, é um existente, um sujeito, um ser pensante, possui vontade própria, mas lhe foi negado o direito de satisfazer suas vontades, anseios e aspirações. Dessa forma, ao longo da história, a mulher foi dominada pelas forças da Religião e do Estado, relegada a objeto do ser masculino. Ainda de acordo com Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino” (Beauvoir, 2009, p. 361). A mulher, ao longo da vida em sociedade, torna-se mulher desenvolvendo estereótipos e performatizando aquilo que a sociedade espera dela. Mary Wollstonecraft, contemporânea de Jane Austen, já reivindicava para as mulheres o lugar de sujeito racional e de desejo. Foi uma luta social e política por direitos que teve reverberações na literatura da época e que a faz extremamente atual.

Não se tem provas se Austen leu a *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), de Wollstonecraft, entretanto, sua literatura está em consonância com algumas reivindicações por direitos femininos feitos por sua contemporânea e contemporânea como o casamento por amor, não apenas como contrato financeiro entre famílias, bem como a educação de qualidade para as meninas; o que faz pensar que Austen pode ter lido e, como mulher, pode ter concordado. Em *Emma* (1816), há um trecho no qual a voz narrativa cita diretamente os termos “direitos dos homens e das mulheres” de uma forma um tanto irônica para referir-se à “uma violação infame” desses direitos, que, naquele contexto, trata-se de comer e beber à vontade em um baile:

A sra. Weston propôs que não servissem ceia, dispondo apenas sanduiches etc. na salinha; mas isso foi rejeitado como uma sugestão infeliz. Dar um baile privado e não permitir que os convidados se sentassem para cear **foi declarado uma violação infame dos direitos dos homens e das mulheres**; e a sra. Weston, proibida de voltar a mencioná-lo (Austen, 2020b, p. 350, grifo meu).

Dessa forma, a voz narrativa volta a atenção para o que é supérfluo, mas que tanto agrada a quem segue os padrões daquela sociedade. Podemos inferir que a escritora, possivelmente conhecendo a *Reivindicação* de Wollstonecraft, representa ficcionalmente, de maneira irônica,

como aquela sociedade está mais preocupada com seu luxo, polidez nos modos e prazer material do que propriamente com aquilo que vale reivindicar: a educação das mulheres, por exemplo.

De acordo com Virginia Woolf, as mulheres tinham uma certa proeminência na literatura e eram até heroínas nas ficções escritas por homens, desde a Grécia antiga passando por Shakespeare até o período no qual ela viveu (meados do século XX); porém, na vida real, no dia a dia, elas eram criadas para atuar como “Anjos do Lar”, esposas e mães pacíficas e afáveis, verdadeiras servas do seu marido e senhor. E o feminismo de Woolf não tem concessão quando declara: “sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina” (Woolf, 2019b, pp. 9-10).

Maria Rita Kehl (2016), analisa a mulher e aponta que, desde Aristóteles, tem sido dito e repetido que a mulher é inferior ao homem. A estudiosa indica motivos extraídos do “século das luzes” cuja “iluminação” ocorreu somente aos homens e foi a responsável pela limitação e apagamento das mulheres: “essa limitação se deve ainda aos desdobramentos, no pensamento científico do século XX, das crenças instituídas desde o fim do século XVIII sobre a condição das mulheres como determinadas fundamentalmente por sua pertinência ao estado de natureza” (Kehl, 2016, p. 158). Contudo, houve mulheres que não se conformaram às leis que as amordaçavam e as subverteram. Em Jane Austen, observa-se uma ruptura com essa crença sobre a condição da mulher naturalmente inferior ao homem. A escritora coloca a mulher no mesmo patamar racional do homem, pois suas protagonistas pensam, têm decisões próprias e se posicionam como sujeito de desejo, subvertendo assim a passividade angelical normalizada socialmente como própria da mulher.

A professora Maria A. de Oliveira ao discorrer sobre “O Anjo do Lar” afirma que: “O problema dessa representação feminina é que ela implica um ideal vazio de conteúdo, essa pureza feminina é denotada pela falta de identidade de um sujeito sem história” (Oliveira, 2017, pp. 125-126). Falta de identidade porque esse “Anjo” pressupõe seu próprio anulamento para que reine o senhor da casa, o marido, a quem a mulher é submissa. Em *Profissões para mulheres*, Virginia Woolf fala sobre a necessidade que ela sentiu de matar esse “anjo”, ação que representa legítima defesa, caso contrário, ela própria teria morrido: “Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração da minha escrita” (Woolf, 2019c, p. 13).

Jane Austen, sendo filha de um pastor anglicano na Inglaterra oitocentista, foi uma grande leitora e privilegiada, por ter nascido em uma família liberal, o que permitiu que com seus doze anos, já houvesse matado o “Anjo do Lar” que a rondava e já escrevesse, deixando que nascesse nela a irmã de Shakespeare. Aos quinze anos, ria do mundo e seria assim, irônica e sarcástica, por toda a sua breve vida. Para Woolf:

Sem dúvida cada história contada deve ter levado a sala de estudos a gargalhadas ruidosas. Nada porém mais óbvio do que o fato de essa garota de quinze anos, sentada lá em seu canto na sala de visitas da casa, não está escrevendo para provocar o riso nos irmãos, nem para consumo caseiro. Ela estava escrevendo para todo mundo, para ninguém, para a nossa época, para a dela; noutras palavras, mesmo nessa idade precoce, Jane Austen já estava escrevendo [...]; mas que nota é essa que jamais se funde com o resto, que soa distinta e penetrantemente através de todo o volume? É o som do riso. A garota de quinze anos, lá em seu canto, está rindo do mundo (Woolf, 2019b, p. 34).

Terry Eagleton em *Humor: o papel fundamental do riso na cultura* (2020) afirma que: “fazer piada a respeito da morte é reduzir sua importância e diminuir seu terrível poder sobre nós” (Eagleton, 2020, p. 18). Austen não fazia piadas sobre a morte exatamente, mas sobre aquilo que sufocava a vida das mulheres de sua classe, as convenções presentes na sociedade patriarcal em que vivia. De acordo com os críticos, a ironia e a sátira marcaram sua sutil escrita de denúncia e reivindicação.

Margaret Kirkham (1997) afirma que a crítica de Austen à sociedade foi feita de uma maneira cômica, nos moldes sob medida, a fim de passar pela censura. Segundo Kirkham: “Alguns críticos [...], inclusive feministas, acharam os romances de Austen complacentes em seu otimismo, mas a visão de Jane Austen não parece complacente ou superficial se levarmos a sério as características cômicas formais de seus romances como parte de seus significados” (Kirkham, 1997, p. 81)⁶⁸. Dessa forma, Austen subverte convenções sociais de seu tempo através do humor e sarcasmo, como por exemplo em *Orgulho e preconceito* a autora faz do representante do sacerdócio, que é sagrado, motivo de riso e desdém, porque é opressor, no personagem Sr. Collins. Contudo, Austen tem seus opositores que levantam questionamentos importantes porque mostram outras perspectivas. Uma crítica que interessa a essa pesquisa é que Austen ficou alheia aos acontecimentos históricos de seu tempo e escrevia apenas sobre seu fechado círculo social. Com um olhar sobre o lugar da mulher, duzentos anos atrás, em uma Inglaterra patriarcal, Sandra Vasconcelos reflete que a história não tem apenas um viés, pelo contrário, a história possui muitos e variados pontos de vista. Para Vasconcelos:

Na sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, o casamento não era apenas uma questão pessoal e relativa à esfera privada, mas se configurava como um pacto social. Nesse sentido, é uma matéria histórica. Ao contestar a ideia de que Jane Austen optou por ignorar os importantes acontecimentos históricos de seu tempo, como as guerras napoleônicas, a Independência norte-americana e a Revolução Francesa, Raymond Williams lembra que a “história tem muitas correntes”. Quando joga luz sobre a

⁶⁸ Tradução minha. Original: “Some critics [...], including feminist ones, have found the Austen novels complacent in their optimism, but Jane Austen's vision does not seem complacent or superficial if we take the formal comic features of her novels seriously, as part of their total meaning.”

sociabilidade de seus contemporâneos e sobre a condição feminina, Austen revelou uma dessas correntes, uma história do cotidiano e da vida privada *avant la lettre*, na qual os grandes eventos não importam, mas as mulheres ocupam um lugar central (Vasconcelos, 2020, p. 24)

A esse respeito Paula Byrne (2018), afirma que Austen preferiu não tocar diretamente no assunto da Revolução Francesa porque esta trouxe muita dor a seus familiares, principalmente à sua prima Eliza Hancock, condessa de Feuillide. De acordo com Byrne, essa prima: “estava com ela e sua família no presbitério de Steventon, em setembro de 1792, um dos meses mais sangrentos e mais dramáticos daquela época sangrenta e dramática, e de que permaneceram em contato estreito na ocasião do guilhotinamento do marido de Eliza” (Byrne, 2018, p. 67). Contudo, a falta de posicionamento político na escrita austeniana, segundo Janet Todd (2006), fez com que alguns críticos apontassem uma certa conivência com os escritos do filósofo e político Edmund Burke e seu movimento antirrevolucionário, que pregava ideais de lealdade à pátria e suas leis. Entretanto, de acordo com Vasconcelos, a obra literária de Jane Austen expõe as várias situações femininas de sua classe e de seu tempo:

As personagens femininas estão em situação de vulnerabilidade: jovens e velhas, ricas, remediadas ou pobres, casadas ou solteiras, elas ocupam o centro das preocupações de Austen e retratam todos os empecilhos, limites e restrições – e aqui se incluem a educação formal e a independência tanto financeira quanto intelectual – que podiam impedir altos voos, escolhas, uma carreira (Vasconcelos, 2020, p. 23).

Segundo Franco Moretti, em *Atlas do romance europeu* (2003), a geografia literária tem dois traços distintos a serem evidenciados: o que poderia estar e o que realmente está em um romance: “De um lado a ‘Grã’-Bretanha em processo de industrialização da época de Jane Austen; de outro, a Inglaterra pequena e homogênea dos romances de Austen” (Moretti, 2003, p. 24). Moretti critica a autora por ela não comentar outras localidades do Reino Unido, evidenciando apenas a Inglaterra e apenas um tipo de região inglesa. Vasconcelos, por sua vez, afirma que na literatura austeniana: “Mesmo que delimitado geográfica e socialmente, seu universo ficcional contém toda uma experiência histórica. [...], ela lavra a cinzel sua época e inscreve sua visão de mundo, da condição feminina” (Vasconcelos, 2021, p. 444). Jane Austen não foi uma dona de casa, um “Anjo do Lar”. Ela se tornou uma “Judith Shakespeare”. Gerou e deu à luz sua primeira obra literária que seria seguida por outras durante os anos em que ela viveu e também após sua morte. Segundo sua biógrafa Catherine Reef:

Jane Austen viveu e escreveu quando o século XVIII chegava ao fim e um novo se iniciava. Os romances ainda eram uma forma nova de literatura, popularizada na Inglaterra por escritores como Daniel Defoe e Henry Fielding. Em 1719, Defoe

escreve sobre o sobrevivente de um naufrágio vivendo numa ilha em *Robinson Crusoe*. Em 1749, Fielding entreteve leitores com as aventuras cômicas de *Tom Jones*, um jovem forçado a abrir seu próprio caminho no mundo. No início do século XIX, Sir Walter Scott recorre à história para escrever livros emocionantes, como *Ivanhoé* e *Rob Roy*, repletos de romance, torneios e assaltos a castelos. Os romances desses autores são ricos em ação. Eles transportam os personagens para locais exóticos, onde escapam, por pouco, de perigos mortais. São retratos pintados em telas de grandes proporções, mas Austen faz seu esboço em “um pouco (cinco centímetros) de marfim”, como expressou a autora, trabalhando “com um pincel muito delicado”. Jane Austen escreveu sobre o tipo de gente que ela conhecia bem, *ladies e gentlemen* da Inglaterra rural. A trama é confinada ao âmbito familiar, dos círculos de amizades, dos galanteios e casamentos (Reef, 2014, p. 19).

Não é uma visão de heróis masculinos que desbravam o mundo físico, mas a visão de uma mulher que vive em um ambiente doméstico e escreve sobre aquilo que conhece, evidenciando experiências femininas. Essa foi a experiência não somente de Austen, mas também de Fanny Burney, das irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë e de Mary Ann Evans (George Eliot), apenas para falar das mais conhecidas, porque sabe-se que existiram muitas outras anônimas. É o que observa Woolf sobre a penúria que essas mulheres experimentaram:

precisamos aceitar o fato de que todos aqueles bons romances, *Villette*, *Emma*, *O morro dos Ventos Uivantes*, *Middlemarch*, foram escritos por mulheres com a experiência de vida que era permitida dentro da casa de um clérigo respeitável; escritos também na sala de estar daquela casa respeitável, e por mulheres tão pobres que não tinham condições de comprar mais que alguns cadernos de papel almaço por vez para escrever (Woolf, 2014, p. 102)⁶⁹.

Jane Austen faz a experiência de escrever na respeitável reitoria de Steventon, em meio a seus familiares sendo, evidentemente, por eles encorajada, mas será em Chawton, mais de uma década depois, que ela irá publicar seus escritos nas editoras de Thomas Egerton e John Murray, com o auxílio imprescindível de seu irmão Henry Austen. Nos dois subtópicos a seguir analiso, de maneira mais detalhada, a subversão presente nas vozes femininas nas duas obras que primeiro tiveram circulação e recepção, em língua portuguesa, no Brasil, no espaço de um século entre uma e outra: *Persuasão* (em português europeu, sob o título de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*), a partir de 1848, e *Orgulho e preconceito* (em português brasileiro), a partir de 1940. Em *Persuasão* minhas observações estão voltadas para as traduções de 1847 e 1971 e no quanto elas se distanciam ou se aproximam do texto fonte. Já em *Orgulho e preconceito*, obra austeniana, de longe, a mais aclamada, analiso as consonâncias subversivas com o texto seminal reivindicatório, de Wollstonecraft.

⁶⁹ Sobre essas e muitas outras obras oitocentistas da literatura inglesa de autoria feminina, a Prof.^a Dr.^a Débora da Rosa (UFPB) promove, desde 2021, leituras e riquíssimos debates on-line no maravilhoso projeto de extensão Clube do Arcaico – Mulher e Tempo. No presente ano de 2023 já estamos em sua segunda edição.

3.1 *Orgulho & preconceito X Reivindicação dos Direitos da Mulher: convergências*

Segundo romance austeniano publicado na Inglaterra, *Orgulho e preconceito* foi o primeiro a ser traduzido no Brasil. Essa informação encontra-se nos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital a partir do ano de 1940. Além da publicação pela editora José Olympio da obra traduzida por Lúcio Cardoso, foi possível observar a primeira adaptação cinematográfica dessa que é considerada a mais popular das obras de Jane Austen. Isso se deve a várias razões: desde o icônico personagem Sr. Fitzwilliam Darcy ao enredo instigante, com os diálogos espirituosos dos muitos tipos de personagens literários, que dão uma ideia ao leitor de como era a sociedade inglesa dos finais do século XVIII e início do XIX. Entretanto, uma personagem chave para todo o sucesso é a sua vivaz e inteligente protagonista Elizabeth Bennet. Segundo a professora Vivien Jones:

Embora cumpra seu papel em uma versão de um enredo romântico familiar, **Elizabeth Bennet encarna um tipo muito diferente de feminilidade daquele da heroína romântica tipicamente passiva, vulnerável e infantilizada; sua astúcia e franqueza ao falar fazem dela a mais atraente das protagonistas de Jane Austen.** Menos ingênua que Catherine Morland, mais vívida que Elinor Dashwood ou Fanny Price, não tão esnobe quanto Emma Woodhouse e mais jovem e segura que Ann Elliot, Elizabeth Bennet parece ligar-se mais diretamente à identidade ativa, visível e independente da feminilidade moderna (Jones, 2011, p. 11, grifo meu).

Jane Austen escreveu *Orgulho e preconceito* na idade de vinte e dois anos, mas só o viu publicado aos trinta e sete anos. Logo que recebeu um exemplar da obra, publicada em três volumes em janeiro de 1813, escreveu à sua irmã que se encontrava em Steventon. Austen fica feliz em ver sua criação publicada e não espera a irmã voltar para contar a novidade, prefere escrever-lhe. A carta escrita em Chawton por Jane à sua irmã Cassandra chega à reitoria de Steventon que à época era como se pode ver nas imagens abaixo:

Imagens 36 e 37 – Casa paroquial da família Austen e igreja anglicana - Steventon/Hampshire



Observa-se que, assim como em *Razão e sensibilidade* e *Emma*, Austen se refere a *Orgulho e preconceito* como a um filho, um filho querido: “Eu quero dizer a você que recebi meu filho querido, de Londres” (Austen, 2014a, p. 210)⁷⁰. A correspondência das duas irmãs Austen era frequente porque Cassandra sempre era requisitada por seus irmãos para cuidar de suas esposas quando estas davam à luz, desse modo ela passava temporadas em Godmersham Park, residência de Edward Knight, no condado de Kent, e também em Steventon, residência de James Austen que assumiu as tarefas clericais de seu pai, quando este se aposentou.

De acordo com suas biógrafas, Jane Austen acompanhava a vida de suas cunhadas, sabia dos seus sofrimentos quando grávidas e do desgaste que isso era para o corpo feminino que passava por muitos partos e que, em certas circunstâncias, levavam a mulher a óbito, como aconteceu à esposa de Edward Knight ao dar à luz ao seu 11º filho. Os estudiosos dizem que isso influenciou muito sua decisão de não se casar. Austen não quis ser dona de casa, “Anjo do lar”, ela sabia que abriria mão da escrita literária, então preferiu ter filhos diferentes: suas criações literárias, porque desde muito cedo havia se identificado com “Judith Shakespeare”.

Em *Orgulho e preconceito*, Austen cria Elizabeth Bennet, protagonista fora dos padrões de submissão feminina da época, que tinha Pamela (1740), heroína do romance homônimo de Samuel Richardson, como modelo de obediência e virtude. Elizabeth é uma moça inteligente, e tem quatro irmãs: Jane, Mary, Catherine (Kitty) e Lydia. A mãe das jovens, a Sra. Bennet, pretende casar a todas antes que seu esposo, o Sr. Bennet, venha a falecer, a fim de que as moças não fiquem desamparadas. A família mora na propriedade de Longbourn, próxima a Netherfield, onde jovens abastados chegam para passar uma temporada. Os jovens logo são apresentados pelo pai das moças e então começa o entrelaçamento de histórias. Jane, a filha mais velha, se encanta por Bingley, amigo de Darcy, e é por ele correspondida. Darcy chama a atenção de Lizzy (Elizabeth), mas logo ele a repele por ela ser pobre e não tão bonita e encantadora quanto sua irmã. Com a continuação do enredo, o leitor vai percebendo que Darcy começa a se interessar por Elizabeth por seu jeito espontâneo, verdadeiro e sem afetações. Mas Elizabeth observa que ele é orgulhoso e arrogante.

Elizabeth Bennet, contra os bons modos e etiquetas, vai a pé visitar sua irmã a uma distância de cinco quilômetros que separam Longbourn de Netherfield Park, propriedade que estava alugada ao Sr. Bingley e onde se encontrava Jane, doente. Sua mãe logo chamou sua atenção: “Como você pode ser tão tola [...] de pensar numa coisa dessas, com toda essa lama! Você não estaria nada apresentável ao chegar lá” (Austen, 2011, p. 136); mas, para a jovem

⁷⁰ Tradução minha. Original: “I want to tell you that I have got my own darling Child from London.”

Elizabeth, a questão da aparência não tinha importância. O que estava em questão era saber notícias da irmã, ao que ela responde à mãe: “Só preciso estar bem o bastante para ver Jane – que é tudo o que eu quero agora” (Austen, 2011, p. 136). Tal resposta demonstra alguém segura de si, alguém que não se importa tanto com a aparência, com aquilo que se espera de uma mulher. Ao chegar à casa dos vizinhos em busca de sua irmã, Elizabeth não se intimida em entrar suja e meio descabelada, por ter ido a pé enfrentando o vento e a estrada enlameada devido à chuva. Assim que chegou ao seu destino:

sua aparição provocou um bocado de surpresa. – Que houvesse caminhado três milhas ainda tão cedo, naquele tempo ruim, e sozinha, era algo quase incrível para a senhora Hurst e a senhorita Bingley; e Elizabeth se convenceu de que elas passaram a desprezá-la por isso (Austen, 2011, p. 137).

Mais tarde as duas irmãs Bingley, lembrando o fato, dirão a respeito de Elizabeth: “Parece revelar um tipo abominável e arrogante de independência” (Austen, 2011, p. 140). As duas ricas mulheres não compreendiam a liberdade de Elizabeth, pois foram educadas nos moldes patriarcais nos quais a mulher frágil e delicada, deveria sempre saber o seu lugar e se portar como era esperado, como denuncia Mary Wollstonecraft em *Reivindicação dos Direitos da Mulher*: “Ensinadas desde a infância que a beleza é o cetro da mulher, a mente se adapta ao corpo e, vagando numa gaiola dourada, só procura adornar sua prisão” (Wollstonecraft, 2016, p. 68). Jane Austen, no final do século XVIII e início do século XIX, parece compreender essa engrenagem social. Tanto ela, quanto sua irmã, vestiam-se de forma que parecessem mais velhas do que sua verdadeira idade, o que dava a elas o direito de não parecerem moças desesperadas em busca de casamento, como aponta um depoimento de uma sobrinha: “Minhas duas tias não se vestiam muito bem e assumiram a aparência de meia-idade antes do necessário” (Reef, 2014, p. 114). Dessa forma, o que parecia ser descuido, pode ser uma recusa das duas de se fazerem objeto para admiração dos homens. E pode-se inferir que, em Jane Austen, tanto na ficção quanto na realidade, percebe-se o desprezo por certas regras sociais.

Ao longo da narrativa, Elizabeth é, por três vezes, pedida em casamento. O primeiro pedido parte de seu primo, o Sr. Collins, que de acordo com a narradora: “não era um homem sensato, e tal deficiência natural, tampouco fora auxiliada pela educação ou pela sociedade” (Austen, 2011, p. 179). O Sr. Collins se acha no direito de pedir em casamento qualquer moça que quiser e traz consigo fortes razões para estar tão interessado no matrimônio quando afirma: “Meus motivos para casar são, em primeiro lugar, que um clérigo em boa posição (como eu) deve dar o exemplo do casamento na paróquia. Em segundo, que estou convencido de que

umentará enormemente a minha felicidade” (Austen, 2011, p. 218). O Sr. Collins é um personagem bizarro e pedante, mas por ser homem, tem todos os direitos garantidos.

Em *Um teto todo seu*, Woolf compara as mulheres a espelhos: “As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural” (Woolf, 2014, p. 54). É exatamente isso que o Sr. Collins deseja de Elizabeth, mas ela se nega a cumprir esse papel, mesmo sendo ele o herdeiro direto da propriedade de Longbourn: “Na época de Jane Austen, era comum o filho mais velho herdar os bens dos pais, se a família não tivesse filhos, a propriedade passava para o parente do sexo masculino mais próximo na linha de sucessão, provavelmente um sobrinho” (Reef, 2014, pp. 32-33). Essa era a situação da protagonista, entretanto ela não se deixa afetar.

Não somente o Sr. Collins tem razões para querer se casar, a própria sociedade impõe tal prática como algo certo a ser feito e a família arranja o casamento sem ao menos consultar a filha; dessa forma, o Sr. Collins fala à Sra. Bennet sobre seu desejo de se casar com Jane, a filha mais velha, ao que a mãe informa que ela já está comprometida e isso logo se resolve com a insinuação de que ele pode escolher outra, e: “em quinze minutos de tête-à-tête com a senhora Bennet antes do desjejum [...]. O senhor Collins só precisou mudar de Jane para Elizabeth – e logo isso foi feito” (Austen, 2011, p. 180). Como mãe, a Sra. Bennet sabia que estaria sacrificando os sentimentos da filha, porém, salvando-a de possíveis problemas financeiros. Essa era a lei da sobrevivência para uma mulher no século XIX. De acordo com Simone de Beauvoir:

Assim para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuraram tão avidamente casá-las. Na burguesia do século XIX mal as consultavam. Eram oferecidas aos pretendentes eventuais em “entrevistas” combinadas de antemão (Beauvoir, 2009, pp. 549-550).

Como afirma Beauvoir, a mulher burguesa era criada e educada para o casamento. Wollstonecraft aponta que nessa educação era importante que a mulher aprendesse a se embelezar para atrair o pretendente: “Confinadas, então, em gaiolas como raça emplumada, elas não têm nada a fazer, senão enfeitar-se e exhibir-se [...] elas são providas com comida e roupa, sem que se esforcem nem fiem; mas a saúde, a liberdade e a virtude são dadas em troca” (Wollstonecraft, 2016, p. 81). Uma vez conseguido o casamento arranjado com um homem que a salva financeiramente, a filósofa aponta para os riscos que uma mulher tem: como perder a saúde e a liberdade. Observa-se que Mary Wollstonecraft não era contra o matrimônio em si,

ela mesma se casou com o filósofo e jornalista William Godwin, a quem amava e admirava, a fim de garantir, perante a Lei, um nome às suas filhas. Ela era contra e escreveu sua reivindicação denunciando a sociedade que não educava a mulher para a liberdade e nem lhe dava condições de escolher os rumos da própria vida.

Dessa forma, percebe-se que as heroínas de Jane Austen se casam com heróis que elas também escolhem. Elizabeth Bennet, é sujeito de sua história, pois não se contenta com o que sua mãe e seu pretendente querem para ela, não se rebaixa à condição de objeto, impõe sua vontade e repele com firmeza o pedido de casamento: “Aceite o meu agradecimento pelo elogio que o senhor faz a mim. Entendo muito bem a honra da sua proposta, mas para mim é impossível fazer outra coisa senão declinar” (Austen, 2011, p. 220). Mais adiante, com a insistência do pretendente, o discurso da heroína terá palavras mais firmes para não deixar nenhuma dúvida de sua recusa: “Todos os meus sentimentos dizem não. Como posso ser mais clara? Não me considere neste momento um exemplo de elegância feminina desejando enfeitá-lo, mas **uma criatura racional** falando a verdade de seu coração” (Austen, 2011, p 222, grifo meu).

Ao criar uma heroína que se reconhece como uma criatura racional e que fala a verdade dos sentimentos, Jane Austen segue Mary Wollstonecraft que pede: “Deixem que elas aprendam a se respeitar como criaturas racionais, [...]. Irrita-me ouvir um pregador dissertar sobre roupa ou trabalhos de agulha e ainda mais, ouvi-lo se referir às *belas inglesas*” (Wollstonecraft, 2016, p. 125). As duas escritoras inglesas não se submeteram às normas de seu país e desafiaram a sociedade na qual a mulher era educada para ser submissa.

Em contrapartida, a narradora de *Orgulho e preconceito* também mostra a face do feminino passivo e objetificado naquela sociedade. Lizzy tem uma grande amiga e vizinha, Charlotte Lucas, que já está na idade de vinte e sete anos e sente que precisa se casar; é com ela que o Sr. Collins irá se casar quando Lizzy o rejeita. Em Charlotte, Austen mostra a dura realidade vivida pelas mulheres de sua classe social, que se casam por necessidade, não por amor: “Só quero um lar confortável; e, levando em conta o caráter, as relações e a posição do senhor Collins, estou convencida de que a minha chance de ser feliz com ele é muito boa, igual à da maioria das moças que se casam” (Austen, 2011, pp. 240-241).

Elizabeth Bennet rompe com essas convenções e se mostra uma criatura racional; ao dizer não ao Sr. Collins, ela demonstra independência e se coloca no mesmo nível do homem que segue sua razão e o seu desejo. Não só Elizabeth, suas irmãs mais jovens também não toleram regras, como por exemplo, as que trazem questões de religiosidade exagerada; por isso não se submetem às leituras de sermões religiosos, como se pode ver no excerto em que o Sr. Collins é convidado pelo Sr. Bennet a ler algo para as moças, ao que ele:

assentiu de pronto e buscou um livro; mas ao erguê-lo para ler (tudo indicava que pertencia a uma biblioteca circulante), refreou-se, e desculpando-se declarou que jamais lia romances. – Kitty encarou-o incrédula, e Lydia mostrou-se perplexa. – Outros livros foram abertos, e após alguma deliberação ele escolheu os *Sermões de Fordyce*. Lydia ficou boquiaberta ao vê-lo abrir o volume, e antes que ele, com monótona solenidade, lesse três páginas, ela o interrompeu (Austen, 2011, pp. 177-178).

Mary Wollstonecraft critica o dr. Fordyce⁷¹ e seus Sermões para jovens mulheres:

O dr. Fordyce pode ter tido um objetivo muito louvável; contudo esses discursos são escritos em um estilo tão afetado que, [...] eu não deveria permitir que as meninas os lessem, a menos que tivesse em mente exterminar de sua constituição qualquer centelha de naturalidade, dissolvendo toda qualidade humana em mansidão feminina e graça artificial. Digo artificial porque a verdadeira graça surge de algum tipo de independência da mente (Wollstonecraft, 2016, p. 124).

Terry Eagleton (2020) e Margaret Kirkham (1997) discorrem sobre o humor como uma forma de subversão dos discursos; esse trecho em que o Sr. Collins rejeita a leitura de romances e prefere ler sermões para suas primas, é descrito de forma cômica. Dessa forma, a romancista, sutilmente, ironiza e ridiculariza os sermões de um clérigo, escrito para moças, algo que ainda era valorizado moralmente naquela sociedade. A voz narrativa informa que na mesma hora a jovem personagem Lydia fica boquiaberta e o interrompe logo em seguida, impedindo-o de começar a leitura dos sermões. Essa cena converge para o ensaio reivindicatório de Wollstonecraft que traz excertos dos *Sermões* de Fordyce e tece comentários críticos em seguida.

De acordo com Fordyce: “homens de sensibilidade desejam em toda mulher feições suaves, voz melodiosa, formas não robustas e um comportamento delicado e gentil” (Fordyce, 1765 *apud* Wollstonecraft, 2016, p. 127). Sobre passagens como essa, Wollstonecraft comenta: “Não é o retrato que se segue o de uma escrava doméstica? [...]. Uma mulher assim tem de ser um anjo – ou um asno –, porque não distingo qualquer traço de caráter humano, de razão ou de paixão nessa serva doméstica” (Wollstonecraft, 2016, p. 127). Uma crítica severa ao “Anjo do Lar” que, como já mencionado, se solidificaria na Era Vitoriana.

Há momentos na narrativa austeniana em que a mulher, com todos os seus atributos e prendas, é colocada em xeque por conta de sua artificial educação. Há um diálogo iniciado por Carolina Bingley e seguido pelo Sr. Darcy, que ilustra a ideia sobre dons e talentos que se espera encontrar em uma mulher; a narradora, para finalizar, coloca na voz de Elizabeth Bennet uma certa dúvida sobre a existência de tal dama:

⁷¹ James Fordyce (1720-1796) foi um clérigo presbiteriano escocês, poeta e autor de *Sermons to Young Women* (1765). Cf. nota do editor da *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (Wollstonecraft, 2016, p. 123).

“Nenhuma de nós pode ser considerada talentosa se não for muito além do que geralmente se vê por aí. Uma mulher deve ter um amplo conhecimento da música, do canto, do desenho e das línguas modernas para merecer tal qualificação; e além de tudo isso, deve possuir certo quê em seu comportamento, seu modo de andar, seu tom de voz, sua entonação e suas expressões, ou o adjetivo só valerá pela metade.”

“Deve possuir tudo isso”, acrescentou Darcy, “e a tudo isso deve acrescentar algo mais substancial, o aperfeiçoamento de suas qualidades intelectuais por meio de muita leitura.”

“Já não me surpreende que conheça apenas seis mulheres prendadas. Chego a duvidar que você conheça uma única” (Austen, 2011, p. 144).

A protagonista, ao duvidar da existência de uma mulher com tais características, sabe que a educação feminina da época se esmera para conseguir tal façanha, mas com esse diálogo a narradora denuncia essa educação que é opressora e domesticadora, cujo objetivo é preparar a mulher para ser uma fonte de prazer e diversão para o marido no espaço da casa, pois os dons e talentos de uma mulher não poderiam ser desenvolvidos em uma universidade da mesma forma que era permitido aos homens.

Elizabeth Bennet é uma personagem diferente, senhora de si e leitora assídua. Quando interpelada por Lady Catherine de Bourgh sobre a criação e educação dela e de suas irmãs, assim responde: “àquelas dentre nós que quiseram estudar nunca faltaram os meios. Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todas as aulas necessárias” (Austen, 2011, p. 286). Ela enfrenta, com coragem, a todos que tentam tirar sua liberdade, ela sabe que precisa lutar para conseguir ter sua vontade respeitada. Elizabeth tem um espírito livre das regras e convenções sociais e isso fica claro quando ela não se importa muito com os códigos prescritos para as moças e isso faz Lady Catherine exclamar: “‘Juro por minha palavra’, disse a senhora, “‘você dá sua opinião muito categoricamente para uma pessoa tão jovem’” (Austen, 2011, p. 287). De acordo com Alexander Meireles da Silva (2006), ao ter uma mente livre, Jane Austen escrevia sobre a condição de aprisionamento de muitas mulheres:

Austen era capaz de utilizar um estilo refinado e meticuloso para explorar um tema universal: o lugar do ser humano dentro da família e da sociedade [...] descrevendo a solidão e a repressão das jovens mulheres forçadas ao silêncio e oprimidas pelos códigos morais prescritos pela sociedade (Silva, 2006, p. 213).

Com sua peculiar liberdade, Elizabeth escapa do primeiro pedido de casamento. Mas em seguida a narrativa coloca-a em face de um novo pedido, dessa vez feito pelo rico e poderoso Sr. Darcy, cuja imagem não cai bem aos olhos e ouvidos da heroína que o considera orgulhoso e preconceituoso. Porém, ele a admira apesar de tudo e acredita que se pedir a mão da moça, logo será atendido, mas ela também o rejeita. Para Beauvoir: “O homem é ingênuo quando

imagina que submeterá facilmente a mulher a suas vontades e a formará como quiser” (Beauvoir, 2009, p. 616). É o que ocorre com Darcy quando se declara a Elizabeth:

“Em vão tentei lutar contra isso. Mas de nada adiantou. Não posso reprimir meus sentimentos. Permita que eu lhe diga como são ardentes o meu amor e a minha admiração por você” [...]. Ele falou bem, mas havia sentimentos alheios aos do coração, a serem detalhados, e ele não era tão eloquente no campo da ternura quanto no do orgulho (Austen, 2011, p. 313).

Antes de pedir Elizabeth em casamento, Darcy a despreza no primeiro baile em que participam. Então Elizabeth o evita e faz o que pode para se manter distante. Mesmo assim, ele começa a perceber nela uma postura diferente, uma postura de quem é livre e não costuma ser artificial para agradar. Darcy acostumado que é em ser bajulado pelas demais pessoas à sua volta, vê na protagonista uma mulher sincera e verdadeira, então a pede em casamento, porém, suas maneiras são tão arrogantes que já haviam despertado anteriormente o desprezo dela que não se intimida em lhe responder: “sua presunção e seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros formaram a base da minha reprovação, sobre a qual os acontecimentos sucessivos construíram uma inabalável antipatia” (Austen, 2011, p. 317).

Tanto o Sr. Collins, quanto o Sr. Darcy, tinham certeza que suas propostas de casamento seriam aceitas pela dama, porque, de acordo com Todd (2006): “os dois pretendentes compartilham uma crença autoconfiante no sucesso de suas ofertas – sintoma do domínio cultural concedido aos homens” (Todd, 2006, p. 71)⁷². Entretanto, a dama em questão mostra, de modo incisivo, que ela também pode escolher, que a mulher também é sujeito de desejo.

Essa postura de Elizabeth é perceptível desde o início do romance quando, conversando com suas irmãs e vizinhas sobre o baile da noite anterior referindo-se ao Sr. Darcy, reprova-o em suas maneiras: “Eu poderia facilmente perdoar o orgulho dele, se não tivesse ofendido o meu” (Austen, 2011, p. 122). Elizabeth tem consciência do seu valor, ela é da mesma classe social que ele: “Ele é um cavalheiro; eu sou filha de um cavalheiro; até aí somos iguais” (Austen, 2011, p. 495); o Sr. Bennet, seu pai, é um senhor de terras, mas a renda não é tão alta quanto a do Sr. Darcy que também é cavalheiro e dono de terras, bem sucedido; mesmo assim, isso não lhe dá o direito de tratá-la com arrogância. A esse respeito, Genilda Azerêdo afirma:

Um pedido de casamento todo permeado por concessões: **apesar** da inferioridade social de Lizzy, **apesar** da vulgaridade de sua família, **apesar** de sua luta contra tal sentimento (seu amor por Lizzy) **apesar** de tudo isso, Darcy ainda quer unir-se a ela.

⁷² Tradução minha. Original: “the two suitors share a self-confident belief in the success of their offers – symptom of the cultural mastery accorded to men.”

Elizabeth sente-se tão insultada, que nem hesita em dizer-lhe não (Azerêdo, 2003, pp. 90-91, grifo da autora).

Toda essa tensão parece ser percebida por Lady de Bourgh, tia de Darcy. Essa senhora tem uma filha, de aparência doentia, que é prometida em casamento a seu primo. Por sua filha ser prometida a ele, Lady de Bourgh procura Elizabeth, esta demonstra à poderosa dama que sabe o que quer e não se deixa intimidar. Ela conversa de igual para igual com a nobre senhora: “Estou resolvida a agir do modo pelo qual, na minha opinião, possa constituir minha felicidade, sem relação com a senhora ou a qualquer outra pessoa inteiramente estranha a mim” (Austen, 2011, p. 496). Parece estranho Elizabeth dizer não a Darcy e ao mesmo tempo se revoltar com a postura da tia dele. Entretanto, a verdade é que ela também já estava enamorada do protagonista, esperava apenas algum sinal para que ele se redimisse pelo mal feito em separar sua irmã Jane Bennet de seu amigo Bingley, por saber que estavam apaixonados e por não querer que eles se casassem, por conta da família da moça. Elizabeth queria um sinal de que Darcy não fosse o orgulhoso e preconceituoso que as primeiras impressões tinham mostrado.

A partir desse momento, o Sr. Darcy irá refletir e mudar suas atitudes para conquistá-la. Ele deixa seu preconceito de lado e socorre Lydia, a irmã Bennet mais jovem, quando esta foge com Wickham, oficial do exército, pagando as contas deste e dando um dote a ela. Dessa forma Darcy livra não somente Lydia da desonra, mas todas as moças da família que seriam afetadas por tão grave ato. Elizabeth fica sabendo de tudo através da senhora Gardiner, sua tia, que lhe escreve explicando a bondade dele e insinuando que a motivação para esses atos de bondade é o amor que ele sente por ela.

Dentro desse contexto no qual tudo se explica, um segundo pedido de casamento é feito pelo Sr. Darcy e a protagonista aceita-o, mostrando que sua vontade como mulher também importa nas relações afetivas. Dessa forma, ela também é sujeito desejante e não objeto do desejo masculino, como bem definiu Wollstonecraft: “quando as mulheres forem suficientemente instruídas para descobrir seu real interesse, elas estarão, em grande escala, verdadeiramente prontas para renunciar a todas as prerrogativas do amor, que não são mútuas” (Wollstonecraft, 2016, p. 136).

Uma observação sobre a questão de fuga e desonra feminina é que, nesse romance, diferentemente do tratamento dado à personagem Maria Bertram, em *Mansfield Park*, Austen parece ser bem condescendente com sua jovem personagem Lydia Bennet, porque ela foge e é agraciada com o casamento; é ela que quer se casar: “a fuga havia sido ocasionada pela força do amor dela, mais do que dele [...]. Lydia gostava excessivamente dele. Era sempre o seu querido Wickham” (Austen, 2011, p. 451). Ele é praticamente comprado para viver com ela.

No entanto, o casal protagonista, passadas as primeiras impressões que, segundo Todd (2006): “em vez de amor à primeira vista, uma convenção da ficção sentimental e gótica [...] vem desprezo e ressentimento iniciais” (Todd, 2006, p. 61)⁷³, compreendem os fatos e tornam-se iguais em afeição. A heroína ama o herói e, por ele é amada na mesma medida. Kirkham (1997) afirma que: “Austen, cujo feminismo a imunizou completamente contra o Romantismo, tem pouco tempo para aqueles que são bons ou grandes [...]. Suas heroínas não adoram ou idolatram seus maridos, embora os respeitem e os amem” (Kirkham, 1997, p. 31)⁷⁴. Em Jane Austen, os personagens protagonistas masculinos reconhecem a igualdade das protagonistas femininas quanto à racionalidade e à vontade, dessa forma eles conseguem conquistá-las.

Janet Todd afirma ainda que Jane Austen “não segue autores como Wollstonecraft em propor mais educação rigorosa e racional, seja por meio de escolaridade formal ou leitura controlada, e em *Orgulho e Preconceito* ela ridiculariza a intelectual ambição de Mary Bennet” (Todd, 2006, p. 23)⁷⁵. Talvez a questão esteja no modo rigoroso, formal e que sirva de vaidade para quem o pratica, como é o caso de Mary Bennet. Contudo, na mesma obra, Elizabeth Bennet é uma assídua leitora; ela confronta Lady Catherine De Bourgh quando interpelada sobre a educação dela e das irmãs e afirma que todas aprenderam sem a rigidez de uma preceptora.

Jane Austen criticou, de forma irônica, a sociedade de sua época que dava plenos poderes aos homens, destinando às mulheres um lugar de passividade e propagação das regras impostas. É possível então observar, já no final do século XVIII, uma escritora preocupada em posicionar sua protagonista como sujeito racional e desejante, não apenas objeto do desejo masculino. É possível enxergar essa escrita na filha de um pároco do interior da Inglaterra quando, em *Orgulho e preconceito*, cria Elizabeth Bennet, plena de vontade e nada acolhedora dos dois casamentos que, repentinamente, são arranjados para ela sem o seu consentimento.

Sandra Vasconcelos (2007), afirma: “Fruto dos ideais iluministas, o romance surgiu na cena literária como expressão artística de um espírito democrático [...] o novo gênero não se limitou a refletir os valores de seu tempo, mas ajudou a criá-los” (Vasconcelos, 2007, p. 23). Jane Austen retratou e denunciou, em sua literatura, a sociedade patriarcal inglesa de seu tempo, abrindo caminho a todas as escritoras – irmãs shakespearianas – que vieram depois. Sobre o

⁷³ Tradução minha. Original: “instead of love at first sight, a convention of sentimental and gothic fiction [...] comes initial contempt and resentment.”

⁷⁴ Tradução minha. Original: “Austen, whose feminism immunized her pretty thoroughly against Romanticism, has little time for those who are too good or great to make equal marriages. Her heroines do not adore or worship their husbands, though they respect and love them.”

⁷⁵ Tradução minha. Original: “Yet Austen does not follow authors like Wollstonecraft into proposing more rigorous and rational education, whether delivered through formal schooling or controlled reading, and in *Pride and Prejudice* she ridicules the intellectual ambition of Mary Bennet.”

seu estilo de escrita, sóbria, penetrante, corrosiva e letal para com os valores daquela sociedade, o crítico literário Ronald Blythe afirma:

Jane Austen, na verdade, consegue extrair mais drama da moral do que a maioria dos escritores consegue extrair de naufrágios, batalhas, assassinatos e caos. Há um equilíbrio, uma serenidade que deixa um contentamento no fundo do coração similar à perfeita noção de *exatidão* que se tem ao ouvir Mozart, há um estilo epigramático que é na maioria das vezes alegre, embora às vezes seja letal, e há uma sensação de riqueza e profusão – embora a prosa seja sempre rigorosamente prosa e nunca, nem por um momento, poesia – o bastante para alimentar o vício em Austen durante uma vida inteira (Blythe, 2020, p. 32).

É a crítica corrosiva dos dois romancistas às sociedades às quais pertenciam que, segundo Vasconcelos, faz tanto de Machado quanto de Austen, artistas para além de seu tempo e lugar. E Virginia Woolf (2014) aponta que os obstáculos sociais não abafaram o gênio da moça inglesa que deu vida à Judith Shakespeare, mesmo não possuindo um teto todo seu e nem 500 libras anuais. Jane Austen escreveu romances com protagonistas fortes, como pudemos observar em Elizabeth Bennet, que não se deixou dominar e reivindicou o lugar de sujeito racional e desejante, fazendo eco à *Reivindicação*, de Wollstonecraft.

3.2 *Persuasion* X A família Elliot, ou a inclinação antiga X Persuasão: observando as traduções

Último romance completo de Jane Austen, escrito entre 1815-6, *Persuasão* chegou ao Brasil, traduzido ao português de Portugal, trinta anos após a publicação póstuma. Neste tópico observo essa tradução portuguesa, bem como a primeira tradução brasileira de 1971, levada a termo por Luiza Lobo, e evidencio na análise, diferenças e semelhanças com o texto fonte.

De acordo com Paulo Henriques Britto (2022): “tradução literária é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada” (Britto, 2022, p. 47). Com base nessa importante afirmação é possível inferir que foi, a partir da década de 1940, que o público leitor do Brasil começou a ter as obras de Jane Austen traduzidas de maneira a preservar suas marcas literárias, algo que havia sido deixado de lado na primeira tradução portuguesa que aqui circulou no século XIX.

Na tradução de Manuel de Araújo para o português europeu (que seguiu a tradução francesa) no século XIX, alguns trechos de *Persuasão* tornam-se extremamente romantizados ao ponto de enfraquecer o protagonismo feminino, contudo, a tradução brasileira no século XX, por Luiza Lobo, retoma o sentido reivindicatório do texto fonte escrito por Austen.

Abaixo podemos observar a imagem da casa onde Jane Austen morou seus últimos anos e escreveu seus últimos romances, dentre eles, *Persuasão*. Localizada no vilarejo de Chawton, próximo à cidade de Winchester, a casa é na atualidade um museu em sua homenagem.

Imagem 38 – Jane Austen’s House Museum – Chawton/Hampshire



Fonte: Arquivo pessoal (03/05/2019)

Relembrando o enredo de *Persuasão*, o romance narra a história de Anne Elliot, uma moça sensível e triste, na idade de vinte e sete anos, que foi persuadida por sua melhor amiga, Lady Russel, e também por sua família, a desfazer seu noivado, pois o rapaz, Frederick Wentworth, era pobre. Seu pai e suas irmãs são vaidosos, seus ascendentes eram nobres, mas dessa nobreza restou apenas o título, estão sem dinheiro e por isso devem deixar a mansão Kellynch Hall, que será alugada pelo almirante Croft, casado com a irmã do antigo amor de Anne. A família Elliot então se muda para Bath.

Entre o rompimento do noivado e a volta do capitão oito anos se passam e durante esse período eles continuam amando-se, mas em segredo. O jovem Wentworth torna-se um capitão da Marinha britânica. Anne continua solitária, em meio à sua família que praticamente a ignora. Sua mãe já está morta e seu pai, Sir Walter, só enxerga sua irmã mais velha, Elizabeth:

Elizabeth já herdara, aos 16 anos, tudo o que era possível de direitos e da importância de sua mãe; e, sendo muito bonita e muito parecida com ele, sua influência fora sempre grande e se deram da melhor maneira possível. As outras duas filhas foram relegadas a segundo plano. Mary adquirira certa falsa importância ao se tornar sra.

Charles Musgrove, mas Anne, cuja delicadeza de espírito e suavidade de temperamento a teriam valorizado entre pessoas de real discernimento, nada representava para o pai e a irmã – suas palavras tinham o menor peso; sempre cedia no que lhe convinha. Era apenas Anne (Austen, 2019, p. 15).

Olhando superficialmente, *Persuasão* parece ser apenas uma obra típica do Romantismo, movimento artístico que vigorou nos séculos XVIII e XIX. Jane Austen escrevia criticando a sociedade de sua época e, *Persuasão*, para além do sentimentalismo e melancolia da protagonista com a possibilidade de retomar o antigo amor, traz vários discursos cujas vozes femininas mostram como a narradora estava atenta às mudanças na sociedade e vê, nessas mudanças, a possibilidade de maior liberdade para as figuras femininas.

Alexandre M. da Silva (2006), ao discorrer sobre classificações literárias faz a seguinte pergunta e em seguida conclui: “No caso de Austen a dúvida é: ela era romântica ou realista? Devido a essa discussão, até pouco tempo a sua obra era ignorada” (Silva, 2006, p. 213). Silva (2006) concorda com o crítico britânico Antony Burgess – citado na Introdução dessa pesquisa –, quanto à singularidade de Austen de não pertencer fixamente a nenhuma classificação, porque tem traços e marcas neoclássicas, românticas e realistas.

Pela forma como a voz narrativa apresenta a heroína e suas irmãs, o leitor compreende que há uma entre elas que é a preferida por parte do pai. Inclusive, o próprio pai é um homem vaidoso, apresentado como Sir Walter Elliot, dono de uma beleza física que é motivo de orgulho para ele, que julga a todos pelos próprios padrões. A romancista começa o livro de maneira a não deixar dúvida sobre a crítica ao preconceito das aparências e neste ponto reside a primeira ironia corrosiva de Austen, quando mostra que toda a pompa dos Elliots não passa de aparência, pois o que a família tem é apenas o título de baronato, mas não tem dinheiro para sustentar esse status.

A trama se passa na tensão entre os dois protagonistas, que ainda se amam, mas tanto tempo já se passou que eles não acreditam que podem reatar. A voz narrativa onisciente, através do discurso indireto livre, cuida em colocar o leitor a par dos seus sentimentos; eles ainda guardam o antigo amor, mas ambos não sabem um do outro e com isso o leitor se vê envolvido na trama até o desfecho final quando Frederick, agora capitão da Marinha, escreve uma carta a Anne deixando claro que ainda a ama e que, mais uma vez, dela depende o futuro dos dois.

Neste ponto é possível notar semelhanças entre *Persuasão* e *Orgulho e preconceito*. Em ambos os romances há razões pelas quais o protagonista homem é rejeitado no primeiro pedido de casamento (mesmo que seja por motivos evidentemente diferentes). Ambos os homens escrevem uma carta às suas pretendentes explicando-lhes alguns mal-entendidos no desejo de

serem compreendidos e, quem sabe, amados; o pedido de casamento, que na primeira vez foi rejeitado e/ou rompido, é refeito; as damas, após perceberem que podem confiar verdadeiramente nos cavalheiros, porque são amadas e sentem que correspondem ao sentimento, aceitam convictas, a proposta de casamento.

Além disso, tanto Anne Elliot em *Persuasão*, quanto Elizabeth Bennet em *Orgulho e preconceito*, são pedidas em casamento por um outro personagem com ótima posição social. Segundo a voz narrativa, Anne: “Fora solicitada, por volta dos 22 anos, a mudar de nome, por um jovem que, pouco depois, encontrou um espírito mais complacente em sua irmã” (Austen, 2019, p. 36). Charles Musgrove sendo rejeitado por Anne Elliot, logo se casa com Mary Elliot. Elizabeth Bennet, como exposto no subtópico anterior, rejeita o Sr. Collins que, logo em seguida, casa-se com Charlotte Lucas. A resposta das protagonistas a esses pedidos de casamento por conveniência é negativa, pois a narradora mostra que ambas são mulheres racionais e sujeitos de desejo; ao passo que as outras duas personagens, que aceitam o pedido de Musgrove e Collins, são mulheres que estão adaptadas às regras sociais e apenas querem um nome, uma posição e, de certa forma, uma libertação da casa paterna. Durante todo o enredo, e entre um pedido e outro, o leitor observa o crescimento das protagonistas na percepção de si mesmas e suas reações frente às diversas circunstâncias, pois como apontam outros pesquisadores, ambas as obras são Romances de Formação ou Bildungsroman⁷⁶.

Pontuar as características da escrita austeniana, segundo Burgess (2005) e Silva (2006), faz-se importante para perceber que Austen não se enquadra exatamente em nenhuma corrente literária. Perceber que sua literatura tem marcas de todas elas, auxilia na compreensão das particularidades de seus romances e da “tradução livre”, no Oitocentos, que evidenciou o aspecto romântico sentimental, além da suposta fragilidade da mulher, em detrimento da sutil reivindicação de direitos femininos, na voz de personagens como a Sra. Croft – casada com o almirante Croft, e que o acompanha nas suas missões nos mares. Ao ouvir seu irmão falar que não concorda com mulheres a bordo de um navio, a Sra. Croft lhe responde, na versão original:

Oh Frederick! – But I cannot believe it of you. – All idle refinement! – Women may be as comfortable on board, as in the best house in England. I believe I have lived as much on board as most women, and I know nothing superior to the accommodations of a man of war (Austen, 2003, p. 64).

⁷⁶ Como indica Marcela Faria em *A verdade universal de Jane Austen e o romance de formação: um estudo de Orgulho & preconceito e Emma* (2021), Bildungsroman: “é uma palavra de origem alemã que denota ‘formação’, ‘educação’, ‘cultura’ e ‘processo de civilização’. Seu sentido está atrelado ao aperfeiçoamento pessoal, bem como ao espaço do ser humano na sociedade e a seu trabalho, visando ao bem comum” (Faria, 2021, p. 23).

A tradução para o português europeu⁷⁷, por Manuel de Araújo, assim ficou:

– Vamos, Frederico, lhe disse sua amável irmã. Não refletas no que estais dizendo; sabeis muito bem que as mulheres, quando não são das meninas de nervos delicados podem estar tanto a sua vontade num navio como na melhor casa. Julgo que tenho andado no mar mais do que mulher alguma; devo saber o que é isso, e declaro que não conheço nada em terra, que seja superior ao sossego e às comodidades, que podem achar-se em uma embarcação de guerra (Austen, 1847, Tomo I, p. 161).

E a primeira tradução de Luiza Lobo, do inglês para o português brasileiro:

– Ah, Frederick! Não posso crê-lo. Tudo isso não passa de uma vã polidez! As mulheres podem ter tanto conforto a bordo como na melhor casa da Inglaterra. Creio, como a maioria das mulheres que estiveram a bordo, que não haja nada que se compare aos alojamentos de um navio de guerra (Austen, 2019, p. 72).

Trouxe esse trecho nas três versões para evidenciar, na tradução portuguesa europeia de 1847, a questão sobre “as mulheres, quando não são das meninas de nervos delicados”. Esse trecho traduzido evidencia que há mulheres e meninas cujos nervos são delicados, frágeis, necessitadas; o que remete à ideologia machista dominante, exposta e denunciada por Mary Wollstonecraft e Stuart Mill, sobre a forma como a sociedade oitocentista educava as mulheres, afirmando que, sendo frágeis fisicamente e incapazes intelectualmente, necessitavam sempre da proteção dos homens.

No texto fonte, inclusive, a Sra. Croft continua defendendo a possibilidade de a mulher acompanhar o marido a bordo de um navio e repreende seu irmão Frederick porque, para ele, mulheres e crianças deveriam estar sempre no conforto da casa; ao que ela replica: “But I hate to hear you talking so, like a fine gentleman, and as if women were all fine ladies, instead of rational creatures. We none of us expect to be in smooth water all our days” (Austen, 2003, p. 65). Luiza Lobo assim traduz esse excerto: “Mas detesto ouvi-lo falar assim, como um cavalheiro refinado, como se as mulheres fossem todas senhoras delicadas, em vez de criaturas racionais. Nenhuma de nós espera navegar em águas tranquilas a vida inteira” (Austen, 2019, p. 73). Observa-se, dessa forma, a tradução brasileira do século XX mais próxima do sentido do texto austeniano, que não utiliza a palavra “nerves”, “nervos”, empregada/acrescentada pela tradução portuguesa (que seguiu a tradução francesa) do século XIX.

Vale lembrar que Jane Austen escreve em um momento no qual a educação defendida por Rousseau – na qual a mulher seria mais inclinada para as questões emocionais enquanto o homem seria mais racional – estava sendo questionada por Wollstonecraft. De acordo com

⁷⁷ Atualizei, nesse e no próximo excerto dessa obra, a grafia original da tradução portuguesa de 1847.

Anderson Gomes em *Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia protofeminista na Inglaterra do século XVIII* (2011):

a escrita de Rousseau é paradoxal, pois, em uma obra de profunda reflexão progressista, ele advoga em favor de uma segregação a partir dos gêneros. Em *Emílio*, essa separação se funda na ideia de que para a existência de uma comunidade com moral e ética, é necessária uma relação perfeita: a mulher voltada para os aspectos domésticos e da sexualidade; e o homem voltado para a razão e para a intelectualidade (Gomes, 2011, p. 47).

Kirkham confronta Austen e Wollstonecraft e aponta trechos na ficção daquela que convergem para o ensaio filosófico desta sobre força e longevidade:

Anne, em sua conversa com o Capitão Harville sobre o tema da constância, coloca um ponto de vista feminista, valendo-se de um trecho encontrado na *Reivindicação* quando diz: 'O homem é mais robusto do que a mulher, mas não é mais longo.' (pág. 236). Sua frase não é como a de Wollstonecraft: 'Os homens não podem, no entanto, reivindicar qualquer superioridade natural quanto à sua longevidade; pois a esse respeito a natureza não distinguiu o macho.' Mas o argumento dela é o mesmo (Kirkham, 1997, p. 147)⁷⁸.

Margaret Kirkham reflete que Jane Austen não apenas teria lido a *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, mas concordado e argumentado sutilmente, confirmando seu posicionamento subversivo na voz da heroína.

Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, questiona os motivos pelos quais a mulher não estava incluída nos espaços de poder tais como na política, na religião e nas universidades, por exemplo. Quase um século antes, Jane Austen já escrevia evidenciando as injustiças sofridas pelas mulheres quanto à falta de direitos educacionais, direito à herança, dentre outros. Em *Persuasão*, é possível observar essa postura reivindicatória no diálogo entre Anne Elliot e o capitão Harville, amigo do capitão Wentworth; mais uma vez chamo a atenção para o original e as duas traduções portuguesas (europeia e brasileira). Harville inicia dizendo, na versão original:

“But let me observe that all histories are against you, all stories, prose and verse. If I had such a memory as Benwick, I could bring you fifty quotations in a moment on my side the argument, and I do not think I ever opened a book in my life which had not something to say upon woman’s inconstancy. Songs and proverbs, all talk of woman’s fickleness. But perhaps you will say, these were all written by men.”

⁷⁸ Tradução minha. Original: “Anne, in her conversation with Captain Harville on the subject of constancy, puts a feminist point of view, making use of a point to be found in *Vindication* when she says: 'Man is more robust than woman, but he is not longer-lived' (p. 236). Her phrasing is not like Wollstonecraft's: 'Men cannot, however, claim any natural superiority from the grandeur of longevity; for in this respect nature has not distinguished the male.' But her argument is the same.”

“Perhaps I shall. – Yes, yes, if you please, no reference to examples in books. Men have had Every advantage of us in telling their own story. Education has been theirs in so much higher a degree; the pen has been in their hands. I will not allow books to prove any thing” (Austen, 2003, pp. 219-220).

Na primeira tradução para o português europeu, por Manuel de Araújo:

– [...], mas deixai-me somente fazer-vos observar que todos os autores e todos os epigramas são contra vós. Se eu tivesse tanta memória quanto Bentick, poderia fazer-vos cinquenta citações; não julgo ter aberto na minha vida um só livro sem nele achar alguma sátira contra as mulheres e sua inconstância: cantigas e provérbios, tudo fala delas e as acusa. Talvez ides dizer-me que tudo é escrito pelos homens; mas isso é mais uma prova contra o vosso sexo: porque tem padecido por causa da vossa inconstância, que eles se vingam, dando-a a conhecer.

– Não, não, exclamou Alice. A malícia e a maldade não provam coisa alguma, senão contra os que caluniam. É indubitável não haver regra sem exceção, e não pretendo dizer que nunca mulher alguma seguiu o vosso exemplo, mas somente que a inconstância é mais natural aos homens do que às mulheres: assim o quis a natureza. Os homens têm muita vantagem em fazerem a sua própria história, dizem mal das pobres mulheres, atrevem-se a dizer tudo, e as mulheres não ousam responder; o ataque e a defesa lhes estão proibidos no tribunal público: a mulher que fosse tão ousada, que entrasse em liça, só por esse fato pareceria merecer a acusação: além disto, os homens e principalmente os que escrevem, receberam uma educação, que lhes oferece os meios de persuadirem o que imaginam, e apresentam como verdades: quantos enganos não tem sido propagados pela pena de tais escritores! Não, não vos concedo que os livros sejam uma prova contra nós (Austen, 1847, Tomo II, pp. 245-247).

A primeira tradução do inglês para o português brasileiro, por Luiza Lobo, retomou o sentido mais próximo do texto de Austen:

– Mas deixe-me observar que toda a História está contra você, todos os relatos, em prosa e em verso. Se tivesse a memória do capitão Benwick, poderia mostrar-lhe cinquenta citações, em pouco tempo, para provar meu argumento, e não creio ter aberto um único livro em minha vida que não falasse da inconstância feminina. Canções e provérbios sempre falam de volubilidade feminina. Mas talvez me dirá que foram escritos por homens.

– Talvez o diga. Sim, sim, por favor, não faça referência a exemplos de livros. **Os homens levaram todas as vantagens sobre nós ao contar sua própria história. A educação pertenceu-lhes em tão maior grau! A pena esteve em suas mãos.** Não posso admitir que os livros provem alguma coisa (Austen, 2019, pp. 218-219, grifo meu).

Observa-se que o tradutor português, ao seguir a tradutora francesa na “tradução livre” do Oitocentos, omite certas partes do original e acrescenta outras. No acréscimo: “porque têm padecido por causa da vossa inconstância, que eles se vingam”, é possível fazer referência ao mito bíblico da expulsão do Paraíso narrado no Gênesis, no qual a queda do homem Adão se deu por culpa da mulher Eva, que ouviu e obedeceu a serpente tentadora. É possível também ouvir, nesse acréscimo, a possibilidade de conformismo com a violência masculina e até com os crimes ditos passionais praticados pelo homem ao se vingar da mulher por motivos de

traição: se ele é capaz de cometer tais atrocidades, há que entender e aceitar que teve um motivo e precisou limpar sua “honra de homem”. Já o trecho de Austen referente à educação dos homens e para os homens: “Education has been theirs in so much higher a degree; the pen has been in their hands”, não tem a mesma clareza e denúncia na tradução de Araújo, contudo, a tradução de Lobo: “A educação pertenceu-lhes em tão maior grau! A pena esteve em suas mãos”, retoma o texto fonte que se mostra unísono com Wollstonecraft quando esta afirma: “O mundo intelectual é fechado para elas” (Wollstonecraft, 2016, p. 93).

É possível observar esse fato, em consonância com Gerda Lerner que afirma: “observar a História registrada como se fosse uma peça nos faz perceber que a história das atuações ao longo de milhares de anos foi registrada apenas por homens e contada com as palavras deles” (Lerner, 2019, p. 58). É revelador, portanto, comparar as duas traduções e observar como no século XIX, a primeira tradução se afastou do sentido do texto fonte de Austen que, sutilmente denunciou a falta de oportunidades educacionais para meninas e moças em convergência com Wollstonecraft. Britto (2002) indica que a tradução à época tinha uma tendência dominante: “imposta sobretudo pelos franceses, que tinham imensa influência sobre toda a Europa, [...] de fazer traduções tão domesticadoras que, pelos padrões atuais, muitas vezes seriam consideradas adaptações e não traduções” (Britto, 2022, p. 61). Dessa forma observa-se que a tradução brasileira empreendida por Luiza Lobo⁷⁹ está mais próxima do sentido do texto original.

Jane Austen possuía uma percepção clara a respeito das grandes diferenças de direitos e deveres entre homens e mulheres em sua época, em seu país, em sua própria família. Ela viu seus irmãos indo para a universidade, enquanto ela e sua irmã ficaram em casa. Ela escreveu a partir da própria experiência de exclusão, utilizando ironia em sua literatura. De acordo com Lobo: “Jane Austen foi, sem sombra de dúvida, mestre no gênero joco-sério na prosa de ficção do grande romance inglês realista, ao lado de Richardson e de Defoe” (Lobo, 2019, p. 9).

Faz-se importante notar que esse trecho sobre a educação, analisado no original e nas duas traduções, faz parte do capítulo 23 da versão final do romance. De acordo com Roberto Leal Ferreira, tradutor da obra cuja publicação saiu pela editora Martin Claret, em 2018: “Quando Jane Austen, em julho de 1816, acabou de escrever *Persuasão*, o romance tinha um final diferente. O último capítulo, porém, não satisfez à autora e foi mais tarde substituído por outros dois, os capítulos 23 e 24” (Ferreira, 2018, p. 275). Essa edição de 2018 traz o referido capítulo excluído no qual, curiosamente, pode-se observar que não há nada sobre a

⁷⁹ Utilizei nessa pesquisa a 3ª edição (2019), da Nova Fronteira, dessa primeira tradução brasileira, além da edição em inglês publicada pela Penguin Classics em 2003, e a versão portuguesa traduzida do francês em 1847.

marginalização das mulheres do mundo instruído, onde o homem tem o domínio da pena e da escrita.

Nesse capítulo excluído, o de número 23 da primeira versão, o capitão Wentworth não escreve nenhuma carta. Os dois protagonistas conversam amorosamente, o capitão se declara e seu pedido de casamento é aceito pela dama. Não se satisfazendo com esse final do romance, Austen reescreve-o, aumentando para dois capítulos – os de número 23 e 24 da versão final. É exatamente nessa versão que a autora coloca seu protagonista para escrever uma carta declarando-se à sua amada Anne; nesse momento em que ele escreve, ela conversa com seu amigo, capitão Harville, e declara que a pena sempre esteve com os homens. Assim, Austen, em uma reescrita final, subverte a ordem estabelecida e coloca, na voz de Anne Elliot, trechos em convergências com Wollstonecraft, que exigiu educação e liberdade para as mulheres.

Anne Elliot é uma protagonista que obedece, na juventude, as regras impostas, porém, aos poucos, vai denunciando a sociedade patriarcal que insiste em manter a mulher na condição de dependência. Comparando o texto original com a tradução portuguesa do oitocentos, vale recordar Vasconcelos (2016) que observa uma Alice (Anne)⁸⁰ mais sentimental do que a concebida pela autora. Vale observar também que em Anne Elliot está presente o comedimento de Elinor de *Razão e sensibilidade* que ama, é amada, mas se deixa guiar pela moral, pelo bem comum e não pelos sentimentalismos exagerados e egoístas que dominam sua irmã Marianne.

Em *Persuasão*, a escritora é enfática quando questiona, na voz da protagonista, a sociedade que aprisiona a mulher em casa enquanto o homem é livre para ir em busca de aventuras: “Vivemos em casa, tranquilas, confinadas, e nossos sentimentos nos atormentam. Vocês são forçados a ter uma ocupação. Sempre têm uma profissão, atividades, alguma espécie de negócios para fazê-los voltar imediatamente ao mundo” (Austen, 2019, p. 217). Na personagem Sra. Croft, Austen subverte essa norma quando a esposa do almirante afirma, cheia de convicção: “Atravessei o Atlântico quatro vezes. Estive nas Índias Orientais [...] passei a melhor parte da minha vida a bordo de um navio. Enquanto estávamos juntos, sabe, nada havia a temer” (Austen, 2019, pp. 73-74). A Sra. Croft acompanha o marido marinheiro, participa de suas aventuras e mostra à heroína Anne Elliot que ela também pode fazer o mesmo. Contudo, uma particularidade digna de nota é que o casal Croft não tem filhos. Sophia Wentworth, irmã de Frederik Wentworth, casa-se com o almirante Croft e torna-se a Sra. Croft. Possivelmente, se eles tivessem filhos ela estaria em casa cuidando deles, como é o caso de outras personagens austenianas. Entretanto, a Sra. Croft é “Uma senhora sem filhos” (Austen, 2019, p. 31); dessa

⁸⁰ A tradutora francesa e o tradutor português também mudam os nomes de alguns personagens.

forma pode-se inferir que a romancista cria uma personagem feminina livre para acompanhar o marido em suas aventuras.

Há outrossim, no romance, outras personagens femininas que exercem profissões remuneradas como a professora Sra. Smith, as enfermeiras Rooke e a Sra. Harville, e, a dona de uma pensão. Em Bath, Anne reencontra a Sra. Smith, sua amiga e professora, da época em que foi mandada para a escola em um momento muito triste de sua vida por ocasião da morte de sua mãe, Lady Elliot. A Sra. Smith encontra-se doente e hospedada em uma pensão; em sua enfermidade ela é assistida e cuidada pela enfermeira Rooke. Segundo a voz narrativa, a Sra. Smith: “Tivera muita sorte com sua enfermeira, uma irmã da proprietária” (Austen, 2019, p. 148). Dessa forma é possível inferir que Austen cria novos destinos à suas personagens mulheres permitindo que elas exerçam profissões e ganhem dinheiro.

Não é de se admirar que a escrita austeniana com vozes subversivas encontrasse resistência; é o que aponta Kirkham (1997). Segundo a pesquisadora, em março de 1818 apareceu no *British Critic* uma resenha não assinada de *A abadia de Northanger e Persuasão*, que elogiou o primeiro romance e mostrou-se reservada em relação ao segundo:

Com relação ao segundo romance que a presente publicação contém, será necessário dizer muito pouco. Em todos os aspectos, é um desempenho muito menos afortunado do que o que estivemos considerando. É manifestamente obra da mesma mente e contém partes de grande mérito entre os quais, porém, certamente não devemos enumerar sua moral, que parece ser que os jovens devem sempre se casar de acordo com suas próprias inclinações e segundo seu próprio julgamento; pois se, em consequência de ouvirem conselhos graves, eles adiarem seu casamento até que tenham recursos para viver, estarão lançando as bases de anos de miséria, dos quais apenas os heróis e heroínas dos romances podem razoavelmente esperar ver o fim (Critical Heritage, 1818 *apud* Kirkham, 1997, p. 149)⁸¹.

Ao que parece, o crítico não achou exemplar o romance exaltar o desejo feminino de esperar casar-se por amor, dizendo que são questões apenas de romance e que isso, levado a sério na vida real, faria as jovens desobedientes aos pais. A verdade é que, as heroínas de Austen, de modo particular, Elizabeth Bennet, com firmeza do início ao fim, e Anne Elliot, tímida, mas constante, são protagonistas que falam e se fazem ouvir. Cada uma, à sua maneira, se impõe como sujeito racional e desejante igual ao homem. Observando essas particularidades

⁸¹ Tradução minha. Original: “With respect to the second of the novels, which the present publication contains, it will be necessary to say but little. It is in every respect a much less fortunate performance than that which we have been considering. It is manifestly the work of the same mind, and contains parts of very great merit; among them, however, we certainly should not number its moral, which appears to be that young people should always marry according to their own inclinations and upon their own judgement; for that if in consequence of listening to grave counsels, they defer their marriage, till they have wherewithal to live upon, they will be laying the foundation of years of misery, such as only the heroes and heroines of novels can reasonably hope ever to see and end of.”

é possível afirmar que Jane Austen se negou a ser “Anjo do Lar” e, assumindo-se “Judith Shakespeare”, criou protagonistas subversivas em sua literatura.

Para as reivindicações feministas da atualidade, a escrita austeniana parece ter pouca expressão no aspecto reivindicatório; de modo geral, suas personagens seguem os padrões estabelecidos, suas heroínas sempre se casam ao final do romance. Porém, segundo Kirkham (1997): “O Feminismo está no riso, às vezes um tanto áspero, mas também no ideal visionário, pois Austen consegue criar alguns breves oásis em que homens e mulheres vivenciam relações de igualdade entre si” (Kirkham, 1997, p. 83)⁸². É o que o leitor percebe ao se deparar com Elizabeth e Darcy, bem como com Anne e Frederick. Não fosse isso, como justificar as inúmeras e contínuas traduções e novas edições de suas obras? No início dos enredos eles são personagens diferentes na compreensão que têm um do outro, e por isso não há entendimento; com o desenrolar da trama, os casais se reaproximam porque percebem e sentem que são iguais em direitos e deveres, em racionalidade e sentimento. A partir de então a narradora dá ênfase ao romanticamente permitido, eliminando as barreiras socialmente construídas.

Ao analisar neste capítulo dois romances austenianos: *Orgulho e preconceito*, escrito na juventude (por isso, talvez, carregado de brilho e energia por parte da protagonista), e *Persuasão*, escrito na fase adulta (cuja protagonista é melancólica e tímida), observa-se que apesar de, entre um e outro haver um tempo de praticamente duas décadas, a autora escreveu sobre a mulher burguesa e suas experiências naquela sociedade repressora. É nesse ambiente que Jane Austen eleva a voz dessas protagonistas mulheres e as coloca como seres dotados de razão e desejo, exatamente como os protagonistas homens, posto que a última palavra é a delas quando aceitam a proposta de união matrimonial tão cara à arte do romance oitocentista.

⁸² Tradução minha. Original: “The feminism is in the laughter, sometimes rather harsh laughter, but it is also in the visionary ideal, for Austen manages to create a few brief oases where men and women experience equal relationships with one another.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jane Austen não estava sozinha na reivindicação pelos direitos da mulher no campo literário. Como escritora ela deixou transparecer, em sua ficção, o que outras mulheres já haviam iniciado. Sobre suas predecessoras Margaret Kirkham (1997), reforça que no século XVIII já havia uma certa essência da tradição feminista na qual a romancista estava inserida e foi a partir dessa tradição que a autora escreveu. Dito de outra forma, Jane Austen vive no momento histórico da Revolução Francesa, em que as mulheres passam a exigir seus direitos da mesma forma que os homens. Como vimos, na Inglaterra conservadora não havia espaço para tal, mas ela soube, de maneira sutil e irônica, escrever sua literatura em consonância com Mary Wollstonecraft, como apontam alguns pesquisadores que se debruçam no estudo tanto de sua biografia quanto de sua produção literária. Pelo que pude demonstrar, ao analisar as vozes de suas personagens femininas em seus romances, é possível inferir que ela não ficou imune a essa força reivindicatória.

Com base nessas observações, busquei trilhar a trajetória literária da jovem Austen, desde sua instrução junto com os alunos de seu pai, seus primeiros escritos na reitoria de Steventon, à escritora profissional do vilarejo de Chawton, rastreando em suas obras, as vozes femininas subversivas ao patriarcado dominante. Esse estudo, portanto, retomou o percurso literária de Jane Austen, dos primeiros escritos às primeiras publicações na Inglaterra regencial, bem como a recepção de seus romances por parte do seu público contemporâneo e suas reações como mulher e escritora. Observando as primeiras publicações e recepção no período regencial inglês, procurei outrossim investigar como se deu a primeira circulação no Brasil de sua primeira obra traduzida ao português europeu.

Dessa forma, a partir do estudo de Sandra Vasconcelos (2016), que aponta os caminhos da tradução de *Persuasão*, ainda no Oitocentos, via França e Portugal – somos informados de que o romance traduzido recebeu o título de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* – e, atravessando o Atlântico, chegou ao Rio de Janeiro. Vasconcelos (2016) afirma que essa foi a Austen que primeiramente chegou ao Brasil. Contudo, indo nas trilhas desse romance no acervo da Hemeroteca Digital, pude descobrir que alguns anos antes de se fazer presente nos anúncios de venda nos periódicos do Rio, a obra já estava sendo comercializada e circulava em Recife, capital da província de Pernambuco. Essa descoberta evidencia a importância daquela província quanto à questão da circulação de bens culturais, como aponta Danielle Lacerda (2021), porque muitas obras literárias chegavam ao público leitor pernambucano antes de se fazerem presentes no Rio de Janeiro, capital do Império.

Continuando a pesquisa na Hemeroteca Digital, verifiquei como Jane Austen, antes de ser traduzida ao português brasileiro, era conhecida dos intelectuais do Brasil, sendo por eles resenhada e apresentada nos periódicos do país, do final do século XIX ao início do século XX. Nessas resenhas observa-se o reconhecimento da escritora inglesa como um dos pilares do gênero romance ao lado de nomes como Fielding e Dickens; além disso, a escrita literária de Austen foi reconhecida por escritoras mulheres que assinavam as páginas literárias dos periódicos do país naquele período, como uma voz a expor e defender o universo feminino.

A investigação no acervo da Hemeroteca Digital permitiu encontrar essas resenhas sobre a autora; além disso, foi possível rastrear como se deu a tradução de *Orgulho e preconceito*, primeiro romance austeniano traduzido e publicado no Brasil no ano de 1940, mesmo ano da adaptação cinematográfica da obra nos Estados Unidos. A partir desse ano, com a boa recepção do público leitor e da crítica, os demais romances foram traduzidos ao português por intelectuais brasileiros. *Persuasão*, que primeiro circulou no Brasil em português europeu, ganhou sua primeira tradução e publicação no país no ano de 1971. Curiosamente, naquele mesmo ano a obra ganhou sua primeira adaptação para o cinema britânico. Por essa razão, rastreei também alguns aspectos das adaptações dos dois romances para a sétima arte.

Observando o sucesso de público e de crítica da obra literária de Jane Austen na atualidade, retomei o debate de Virginia Woolf sobre os contrastes existentes entre “O Anjo do Lar” e “Judith Shakespeare”, pois a própria Woolf discorre em seus ensaios sobre ficção a respeito de Jane Austen como uma possível irmã shakespeareana, tendo em vista que sua conterrânea não se conformou em ser angelical e submissa: “Tudo o que ela escreve está bem-acabado e polido e posto na relação que mantém, não com o presbitério, mas com o mundo. Ela é impessoal; é imperscrutável” (Woolf, 2019b, p. 35).

Ao dizer que Austen se relaciona não com o presbitério, pois era filha de um presbítero anglicano, mas com o mundo, Virginia Woolf aponta a liberdade de Jane Austen; liberdade que desde cedo foi alimentada pela instrução que recebeu de seu pai, o que a coloca, juntamente com sua irmã Cassandra, em uma situação de exceção naquela sociedade que primava por uma educação refinada que preparava as mulheres para o casamento. Assim, desde muito jovem, Austen abandonou o estereótipo do “Anjo do Lar” para flertar e se configurar de modo definitivo com “Judith Shakespeare”.

Dessa forma, aponto nas duas obras austenianas que aqui circularam, primeiramente traduzidas ao português, a subversão das personagens femininas em consonância com as reivindicações de Mary Wollstonecraft. Observo também, nas traduções (portuguesa do século

XIX e brasileira do século XX) de *Persuasão*, as distâncias e as aproximações com o sentido do texto fonte.

Sustento, portanto, que a literatura de Jane Austen coloca a mulher como ser racional e desejante que se nega a ser objeto enfeitado para atender ao desejo masculino. Ao colocar as protagonistas neste nível de compreensão de si e do mundo, a voz narrativa presente nos romances austenianos denuncia a falta de direito à educação de qualidade, além de reivindicar para si o direito de se casar por amor, não por conveniência. Isso posto, foi possível constatar a presença dessas reivindicações tanto nos romances de Steventon quanto nos romances de Chawton, de maneira especialmente aprofundada em *Orgulho e preconceito* (escrito na juventude) e em *Persuasão* (escrito na maturidade), os dois romances que primeiramente circularam no Brasil em língua portuguesa.

Lida, prestigiada e criticada por seus contemporâneos do período regencial inglês (1811-1820), Jane Austen teve relevância em seu tempo. Contudo, suas narrativas irônicas e sarcásticas foram, de certo modo, abafadas pelos escritores vitorianos que a sucederam. Vimos também que, traduzida na França e em Portugal de “forma livre”, sua obra ganha um certo sentimentalismo melodramático a fim de agradar o gosto literário de grande parte do público leitor da época. Dessa forma e com essas marcas, *Persuasão*, através do comércio livreiro, chega ao Brasil ainda no século XIX e circula primeiramente em Pernambuco. Com o passar dos anos, os romances austenianos, a começar por *Orgulho e preconceito* no ano de 1940, são traduzidos no Brasil, e seu tom irônico e reivindicatório é retomado.

Ao finalizar esse estudo, posso dizer que consegui atingir meu objetivo que foi investigar as vozes femininas subversivas nos romances de Jane Austen, sua trajetória literária e aspectos relacionados à publicação, as traduções para o francês e português, bem como a investigação da primeira circulação de *Persuasão* em língua portuguesa no Brasil do Oitocentos. Para isso, o importante estudo da professora Sandra Vasconcelos (2016) sobre o início da presença da escritora inglesa na capital do império brasileiro foi de extrema importância.

Partindo desse estudo indico, através de rastreios na Hemeroteca Digital, que a mesma obra já estava presente, seis anos antes, na província de Pernambuco, cujo comércio livreiro na Rua do Collegio, em Recife, se fazia presente e atuante tanto quanto na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro/RJ. Espero, dessa forma, ter contribuído para a ampliação dos estudos acerca dessa escritora que, por meio de estilo irreverente, irônico e questionador, chegou aos dias atuais como verdadeiro *best seller*, tendo suas obras traduzidas e editadas por diferentes casas, no Brasil e em demais países, alcançando milhares de leitores em diversas partes do mundo.

Janet Todd (2006) observa que teóricos e críticos já analisaram as obras de Jane Austen sob as mais variadas perspectivas e afirma que: “Em todos os lugares, a crítica é um assunto animado” (Todd, 2006, p. 35)⁸³. Essa estudiosa sugeriu que o sucesso austeniano atual se deve à criação singular de seus personagens que transmitem emoções e ações ambíguas, muito próximas da realidade, e sem o didatismo literário próprio de sua época, além da sátira e da comédia, sob medida, já observadas por outros críticos. Outrossim, a pesquisadora brasileira Genilda Azerêdo (2003), escreve e convida os leitores a estabelecerem e realizarem mais e mais diálogos com a escritora que em 1813, há exatos duzentos e dez anos, recebia de Londres com satisfação, publicado em três volumes “seu filho querido”. Acredito que essa dissertação, de alguma forma, também não deixa de fazer parte desse vislumbre.

⁸³ Tradução minha. Original: “Everywhere criticism is a lively affair.”

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger**. Trad. Paulo Henriques Britto. 1ª ed. São Paulo: Peguim-Companhia das Letras, 2022.
- _____. **Lady Susan e Outras histórias**. Trad. Lenita Maria Rimoli Pisetta. São Paulo, Martins Claret, 2020a.
- _____. **Emma**. Trad. Júlia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Peguim-Companhia das Letras, 2020b.
- _____. **Persuasão**. Trad. Luiza Lobo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- _____. **Jane Austen's Letters**. Collected and Edited by Deirdre Le Faye. Fourth Edition. Oxford: Oxford University. Press, 2014a.
- _____. **Pride and Prejudice**. London: Penguin Books, 2014b.
- _____. **Mansfield Park**. Trad. Hildegard Feist. 1ª ed. São Paulo: Peguim Classics Companhia das Letras, 2014c.
- _____. **Razão e sensibilidade**. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- _____. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Persuasion**. London: Randon House, U K, 2003.
- _____. **A família Elliot, ou a inclinação antiga**. Trad. do francês por M.P.C.C.d'A. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1847.
- AUSTEN-LEIGH, James. Edward. **Uma memória de Jane Austen**. Trad. Stephanie Savalla e José Loureiro. Domingos Martins, ES: Pedrazul Editora, 2014.
- AZERÊDO, Genilda. Jane Austen e a recodificação paródica do gótico. Prefácio. In. AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger**. Trad. Paulo Henrique Brito. 1ª ed. São Paulo: Peguim-Companhia das Letras, 2022.
- _____. **Para celebrar Jane Austen: diálogos entre literatura e cinema**. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2013.
- _____. **Jane Austen, adaptação e ironia: uma introdução**. João Pessoa: ed. Manufatura, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2v. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica e Paulus, 1996.

BLYTHE, Ronald. Introdução. In: AUSTEN, Jane. **Emma**. Trad. Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2020. p. 29-62.

BRIÃO, Raquel. Sallaberry. **Issue 19: The First Brazilian Translation**. Disponível em: <https://janeaustenlf.org/pride-and-possibilities-articles/2017/8/26/issue-19-the-first-brazilian-translations> Acesso em: 25 set. 2022.

BRITISH LIBRARY. **Eight letters from Charlotte Brontë to George Henry Lewes, November 1847 – October 1850**. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/eight-letters-from-charlotte-bront-to-george-henry-lewes-november-1847-october-1850> Acesso em: 28 ago. 2022.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BURGESS, Antony. **A literatura inglesa**. Trad. Duda Machado. 2ª ed. 6ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BYRNE, Paula. **A verdadeira Jane Austen: Uma biografia íntima**. Trad. Rodrigo Breunig. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&P, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750–1880**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

CARDOSO, Lúcio. Introdução. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Trad. Lúcio Cardoso. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priori. 2ª edição. Brasília: Editora Universitária de Brasília (UNB), 2017

COLASANTE, Renata Cristina. **A leitura e os leitores em Jane Austen**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras da USP. São Paulo/SP, 2005.

COSTA, Júlia. Mota. Silva. **A representação das paixões em ‘Sense and Sensibility’, de Jane Austen**. Campinas/SP: Unicamp, 2021.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Crocodilo, 2021.

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Trad. Alessandra Bonruquer. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

_____. **Como Ler Literatura**. Trad. Denise Bottmann. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FARIA, Marcela. **A verdade universal de Jane Austen e o romance de formação: um estudo de *Orgulho & preconceito* e *Emma***. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2021.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Roberto Leal. Tradução e notas. In: AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2018.

GALLICA BnF. **Biblioteca Nacional da França**. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&collapsing=disabled&rk=21459;2&query=%28dc.title%20all%20%22La%20famille%20Elliot%20C%20ou%20L%27ancienne%20inclination%22%29%20and%20dc.relation%20all%20%22c309730212%22> Acesso em: 05 set. 2022.

GILBERT, Sandra. M; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. 2nd. ed., USA. New Haven: Yale University Press. Veritas paperback edition, 2020.

GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. In: **Matraga**, Rio de Janeiro, v.18 n.29, jul./dez. 2011.

HALSEY, Katie. **Jane Austen and her Readers, 1786-1945**. London, UK: Anthen Press. Wimbledon Publishing Company, 2013.

HEMEROTECA Digital. **Biblioteca Digital Nacional Brasil**. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 2022 e 2023.

HOUAISS. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JONES, Vivien. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Trad. Alexandre Barboza de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KEYMER. Thomas. **Jane Austen, writing, society, politics**. Oxford University Press. U.K, 2020.

_____. Teenage Writings: Amusement, Effusion, Nonsense. In: SUTHERLAND, Kathryn. **Jane Austen, Writer in the World**. Bodleian Library. University of Oxford. London, 2017.

KIRKHAM, Margaret. **Jane Austen, Feminism and Fiction**. London & Atlantic Highland NJ: The Athlone Press, 1997.

LACERDA, Danielle Christine Othon. As livrarias do Recife: estratégias comerciais dos livreiros na primeira metade do século XIX. In: **ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628574730_ARQUIVO_ed78642a128a4e4be90c939521141ec9.pdf Acesso em: 25 ago. 2022

LERNER, Gerda. **A criação da Consciência Feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

_____. **A criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens.** Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LOBO, Luiza. Introdução. In: AUSTEN, Jane. **Persuasão.** Trad. Luiza Lobo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

LOOSER, Devoney. Breaking the silence: exploring the Austen family's complex entanglements with slavery. **TLS Review.** May 21, de 2021. Disponível em: <https://www.the-tls.co.uk/articles/jane-austen-family-slavery-essay-devoney-looser/> Acesso em: 26 nov. 2022.

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade e A sujeição das mulheres.** Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900.** Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Virginia Woolf e a crítica feminista. In: **IPOTESI – Revista de Estudos Literários**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, jul./dez. 2019. p. 18-27.

_____. **A representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um Diálogo Entre o Projeto Político e o Estético.** Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

PAIXÃO, Alexandre. **Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX.** Campinas/SP. Mercado das Letras, 2017.

PATMORE, Coventry. **The Angel in the House.** London: G. Bell and Sons, 1920.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M. S. Côrrea. 2ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

REEF, Catherine. **Jane Austen: uma vida revelada.** Trad. Kátia Hanna. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTOS, Tassiane Andreza Damião dos. **O romance de sensação inglês no Brasil Oitocentista: Um estudo sobre 'Um Crime Misterioso' de Mary Elizabeth Braddon.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA. Belém/PA, 2022.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.

STONE, Merlin. **Quando Deus era Mulher.** Trad. Angela Lobo de Andrade. São Paulo: Goya, 2022.

SUTHERLAND, Kathryn. **Jane Austen, Writer in the World.** Bodleian Library: University of Oxford, 2017.

TODD, Janet. **Jane Austen: Her Life, Her Times, Her Novels.** London, Andre Deutsch Book: 2013.

_____. **The Cambridge Introduction to Jane Austen**. Cambridge University Press UK, 2006.

TOMALIN, Claire. **Jane Austen, A Life**. London, Penguin Books: 2012.

TOMPKINS, J. M. S. **The Popular Novel in England**. 1770 – 1800. University of Nebraska Press: Lincoln, 1961.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Uma escultura entalhada em marfim. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Trad. Carol Choivatto Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. p.437-445.

_____. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Emma**. Trad. Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2020. p. 7-28.

_____. Circuitos e Travessias: o caso da família Elliot. In: **Romances em Movimento: A Circulação Transatlântica dos Impressos (1789 – 1914)**. Org. Marcia Abreu. Editora Unicamp; 1ª edição. São Paulo, 2016. p. 135-157.

_____. O gume da ironia em Machado de Assis e Jane Austen. In: **Revista Machado de Assis em Linha**. Rio de Janeiro. v. 7, n. 14, p. 145-162, dezembro 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-68212014000200010> Acesso em: 24 ago. 2022.

_____. **A Formação do romance inglês: ensaios teóricos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

_____. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. Edição comentada do clássico feminista. Trad. Ivânia Pocinho Motta. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Três Guinéus**. Org. trad. e notas Tomaz Tadeu. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019a.

_____. Mulheres e ficção. In: **Mulheres e ficção**. Trad. Leonardo Fróes. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2019b. p. 9-19.

_____. Profissões para mulheres. In: **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre/RS: L&P, 2019c. p. 9-19.

_____. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.